

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA PEREIRA MAIA

CORPO E ESTÉTICA CORPORAL: O PAPEL DAS PÁGINAS DO FACEBOOK NO
EMPODERAMENTO DE MULHERES NEGRAS

CURITIBA
2018

CAMILA PEREIRA MAIA

CORPO E ESTÉTICA CORPORAL :O PAPEL DAS PÁGINAS DO FACEBOOK NO
EMPODERAMENTO DE MULHERES NEGRAS

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre em Antropologia, no
curso de Pós Graduação em Antropologia, Setor de
Ciências Humanas, Universidade Federal do
Paraná

Orientador: Prof. Dr. Miguel Alfredo Carid Naveira

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Maia, Camila Pereira

Corpo e estética coporal : o papel das páginas do facebook no
empoderamento de mulheres negras / Camila Pereira Maia. – Curitiba, 2018.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Setor de Ciências Humanas
da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Alfredo Carid Naveira

1. Mulheres negras – redes sociais. 2. Beleza feminina (Estética). 3. Poder
(Psicologia). 4. Corpo – Imagem. I. Título.

CDD – 305.48




MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ANTROPOLOGIA -
40001016027P9

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ANTROPOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **CAMILA PEREIRA MAIA**, intitulada: **CORPO E ESTÉTICA CORPORAL: O PAPEL DAS PÁGINAS DO FACEBOOK NO EMPODERAMENTO DE MULHERES NEGRAS.**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 17 de Dezembro de 2018.


MIGUEL ALFREDO CARID NAVEIRA
Presidente da Banca Examinadora


PAULO RENATO GUÉRIOS
Avaliador Interno (UFPR)


ANGELA MARIA DE SOUZA
Avaliador Externo (UNILA)

AGRADECIMENTOS

Produzir esse trabalho foi, até agora, uma das etapas mais árduas da minha formação acadêmica, e não teria sido possível sem que houvesse a contribuição de muitas pessoas, de forma direta ou indireta.

Agradeço a cada uma das mulheres que vem me acompanhando desde a produção de minha monografia, que socializaram suas histórias, suas experiências – nem sempre agradáveis e fortemente relacionadas ao racismo – e suas estratégias de superação, com vocês cresci, academicamente e também como pessoa.

Aos administradores de todas as páginas consultadas, a *Geledés: Instituto da mulher negra* e a *Blogueiras Negras*, em especial as administradoras da página Meninas Black Power, não apenas pelo acesso ao conteúdo mas também pelo importante papel que esta página teve em minha trajetória acadêmica e pessoal.

Nesses tristes tempos de possíveis retrocessos em termos de direitos e na educação, também agradeço a cada mulher que lutou, e que luta, de diversas formas em busca de equidade de gênero e igualdade no acesso à educação, é por vocês que estamos aqui, e é pelas futuras gerações de mulheres acadêmicas que seguiremos, firmes e fortes!

A todos do PPGA- UFPR pelo acolhimento dispensado a mim e a minha bebê que pôde estar comigo no espaço acadêmico, isso fez da minha experiência enquanto mãe na pós graduação bem mais agradável do que eu esperava. Agradeço especialmente a meu orientador Miguel Carid Naveira, pela paciência, boas conversas e excelente orientação.

Aos meus pais, Rose e Adão, que lutaram muito para que eu fosse a primeira da minha família a ter acesso ao ensino superior, sem seu apoio isso jamais seria possível.

A minha filha e meu companheiro, que além do apoio, incentivo e boas conversas, tem tornado a vida mais doce.

Aos amigos e colegas que permaneceram nesses três anos de ausências e distanciamentos, obrigada pela paciência e apoio.

RESUMO

O presente trabalho pretende compreender qual o papel das redes sociais no chamado *Empoderamento*, sobretudo, no que diz respeito a mulheres negras, por via da estética corporal e da imagem. Busca-se aqui compreender os motivos pelos quais o corpo e, mais especificamente a imagem corporal – uma vez que o trabalho etnográfico foi construído no ambiente virtual – assim como a exaltação do “natural” tem se constituído como ferramentas importantes no enfrentamento ao racismo brasileiro, que possui como um dos seus pilares a ideia de *branqueamento*. Logo, a revisão bibliográfica feita para a composição desse trabalho abrange não apenas as especificidades de se fazer o trabalho de campo na internet e o detalhamento do principal conceito utilizado, o *Empoderamento*, mas também busca enfatizar a importância do contexto histórico e social no qual as relações étnico raciais se constroem, para se pensar as diferentes formas de manifestação do racismo, assim como as diferentes formas de enfrentamento do mesmo. A partir disso, busco demonstrar que o Empoderamento estético-corporal seria uma forma plausível e legítima de enfrentamento ao racismo, própria do contexto histórico e social no qual vivemos. Quanto ao trabalho de campo, este foi produzido por meio de observação do conteúdo de páginas da rede social Facebook, tendo como mote a ideia de que o ambiente virtual não seria apenas um espaço produtor de cultura, mas sim, seria definido como um produto da cultura, ou seja, carregaria em si – a despeito da ideia de que o espaço virtual não teria fronteiras e seria desterritorializado – marcas do contexto histórico e social no qual as relações off line se constroem.

Palavras-chave: Redes Sociais. Mulheres Negras. Estética Corporal. Empoderamento.

ABSTRACT

This paper intends to understand the role of social networks in the so - called Empowerment, above all, in relation to black women, through body aesthetics and image. The purpose is to understand the reasons why the body and, more specifically, the body image – once the ethnographic work was built in the virtual environment – well as the exaltation of the "natural" have been constituted as important tools in the confrontation with Brazilian racism, which has as one of its pillars the idea of bleaching. Therefore, the bibliographic review made for the composition of this work encompasses not only the specificities of doing the fieldwork on the Internet and the detailing of the main concept used, Empowerment, but also seeks to emphasize the importance of the historical and social context in which ethnic relations are constructed, to think about the different forms of manifestation of racism, as well as the different forms of confrontation of the same. From this, I try to demonstrate that aesthetic-corporal Empowerment would be a plausible and legitimate way of coping with racism, proper to the historical and social context in which we live. As for the fieldwork, this was produced through observation of the content of pages of the social network Facebook, having as main idea that the virtual environment would not be a space producing culture, but rather, would be defined as a product of culture, that is, it would carry itself - in spite of the idea that virtual space would have no borders and would be desterritorialized - marks of the historical and social context in which off line relationships are built.

Key-words: Social Networks. Black Women. Body esthetics. Empowerment.

RÉSUMÉ

Cet article a pour but de comprendre le rôle des réseaux sociaux dans ce que l'on appelle l'empouvoirement, surtout en ce qui concerne les femmes noires, à travers l'esthétique et l'image du corps. Il vise comprendre les raisons pour lesquelles le corps et plus particulièrement l'image du corps – comme le travail ethnographique a été construit dans l'environnement virtuel – ainsi que l'exaltation du « naturel » ont été mis en place comme des outils importants pour faire face au racisme brésilien, dont l'un des piliers est l'idée du blanchiment. Donc, la révision de la littérature faite à la composition de ce travail couvre non seulement les spécificités de faire un travail sur le terrain sur Internet détaillant le concept principal utilisé, l'empouvoirement, et a également cherché à mettre l'accent sur l'importance du contexte historique et social dans lequel les relations ethniques sont construites pour réfléchir aux différentes formes de manifestation du racisme, ainsi que les différentes formes de confrontation. À partir de cela, j'essaie de démontrer que l'empouvoirement esthétique-corporelle serait une manière plausible et légitime de faire face au racisme, propre au contexte historique et social dans lequel nous vivons. En ce qui concerne le travail sur le terrain, cela a été produit par l'observation du contenu des pages du réseau social Facebook, avec le thème de l'idée que l'empouvoirement virtuel ne serait pas une zone de production de la culture, mais plutôt, serait définie comme un produit de la culture c'est-à-dire qu'elle se porterait - en dépit de l'idée que l'espace virtuel n'aurait pas de frontières et serait déterritorialisée - marques du contexte historique et social dans lequel les relations hors ligne sont construites.

Mots-clés: réseaux sociaux. Femmes noires. Esthétique du corps. Empouvoirement.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – MENINAS BLACK POWER NAS ESCOLAS.....	25
IMAGEM 2 – ENCONTRO DO COLETIVO MENINAS BLACK POWER NO “ENCRESPANDO”	26
IMAGEM 3 – ENCONTRO DO COLETIVO MENINAS BLACK POWER.....	26
IMAGEM 4 – SOBRE A GERAÇÃO TOMBAMENTO	33
IMAGEM 5 – ESTÉTICA NEGRA EMPODERADORA	35
IMAGEM 6 – SOBRE A REPULSA DA CLASSE MÉDIA BRANCA A GERAÇÃO TOMBAMENTO.....	37
IMAGEM 7 – CRÍTICAS A GERAÇÃO TOMBAMENTO.....	38
IMAGEM 8 – CONTRA PADRÕES HEGEMÔNICOS.....	45
IMAGEM 9 – CONTRA PADRÕES HEGEMONICOS.....	46
IMAGEM 10 – DESCRIÇÃO DOS OBJETIVOS DA PÁGINA “MENINAS BLACK POWER”	47
IMAGEM 11 – CABELOS CRESPOS E A IDEIA DA TOMADA DE CONSCIÊNCIA.....	49
IMAGEM 12 – DEPOIMENTO SOBRE O “BIG CHOP”	50
IMAGEM 13 – DEPOIMENTO SOBRE O “BIG CHOP”	51
IMAGEM 14 – REITERANDO A IDEIA DE BELEZA DOS CABELOS CRESPOS....	52
IMAGEM 15 – REITERANDO A IDEIA DE BELEZA NEGRA.....	53
IMAGEM 16 – TRANSIÇÃO CAPILAR E “BIG CHOP”	55
IMAGEM 17 – TRANSIÇÃO CAPILAR E “BIG CHOP”	55
IMAGEM 18 – DICAS PARA TRANSIÇÃO CAPILAR	56
IMAGEM 19 – CUIDADOS COM OS CABELOS/TEXTURIZAÇÃO.....	57
IMAGEM 20 – CUIDADOS COM OS CABELOS/DICA DE PRODUTO	57
IMAGEM 21 – CUIDADOS COM OS CABELOS/CRONOGRAMA CAPILAR.....	58
IMAGEM 22 – CABELOS NATURAIS E IDEIA DE RETORNO A “AFRICANIDADE”	65
IMAGEM 23 – CABELOS NATURAIS E IDEIA DE RETORNO A “AFRICANIDADE”	65

IMAGEM 24 – CABELOS NATURAIS E IDEIA DE RETORNO A “AFRICANIDADE”	66
IMAGEM 25 – CABELOS NATURAIS E IDEIA DE RETORNO A “ORIGEM”	66
IMAGEM 26 – MULHERES NEGRAS EMPODERADAS DE CABELOS LISOS	77
IMAGEM 27 – CRITICAS A MATÉRIA SOBRE ALISAMENTO	78
IMAGEM 28 – COMENTÁRIOS DOS SEGUIDORES SOBRE A MATÉRIA: 10 BELAS NEGRAS BRASILEIRAS EMPODERADAS COM CABELOS LISOS.....	79
IMAGEM 29 – MÉDICA SOFRE RACISMO POR USAR DREADS	83
IMAGEM 30 – ENFERMEIRA HUMILHADA APÓS ADOPTAR PENTEADO AFRO ..	84
IMAGEM 31 – ANÚNCIO DE EMPREGO EXCLUDENTE	86
IMAGEM 32 – POST COM ANUNCIO DE EMPREGO EXCLUDENTE	87
IMAGEM 33 – SOBRE O USO DOS TURBANTES E A APROPRIAÇÃO CULTURAL	93
IMAGEM 34 – RESPOSTA DA MODERAÇÃO AS CRITICAS FEITAS A POSTAGEM SOBRE APROPRIAÇÃO CULTURAL	94
IMAGEM 35 – APROPRIAÇÃO CULTURAL E MÚSICA.....	95
IMAGEM 36 – SOBRE A IDEIA DE APROPRIAÇÃO CULTURAL.....	95
IMAGEM 37 – PESSOAS BRANCAS E PERFORMANCES NEGRAS	97
IMAGEM 38 – FESTIVAL LOLLAPALOOZA 2016.....	98
IMAGEM 39 – FESTIVAL LOLLAPALOOZA 2016.....	98
IMAGEM 40 – FESTIVAL LOLLAPALOOZA 2016.....	99
IMAGEM 41 – CASO DANDARA	100
IMAGEM 42 – RELATO DE THUANE CORDEIRO	103
IMAGEM 43 – SOBRE O CASO DE THUANE NO JORNAL ESTADÃO	113
IMAGEM 44– SOBRE O CASO DE THUANE NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO	105
IMAGEM 45 – SOBRE O CASO DE THUANE NO JORNAL GAZETA DO POVO ..	105
IMAGEM 46 – SOBRE O CASO DE THUANE NA REVISTA VEJA	106
IMAGEM 47– CASO DANDARA NA REVISTA VEJA	107
IMAGEM 48– COMENTÁRIOS SOBRE O CASO DE DANDARA NA VEJA	108
IMAGEM 49 – COMENTÁRIOS SOBRE O CASO DE DANDARA NA REVISTA FOLHA DE SÃO PAULO	109
IMAGEM 50 – COMENTÁRIOS SOBRE O CASO DE THUANE NA VEJA	110

IMAGEM 51 – COMENTÁRIOS SOBRE O CASO DE THUANE NA GAZETA DO POVO	111
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO TEMA DE PESQUISA.....	12
1.1 QUANDO O CAMPO É A INTERNET: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO NO AMBIENTE VIRTUAL	14
2. O EU, OS MEUS E OS OUTROS: AFINIDADES, LAÇOS E DISCUSSÕES NAS PÁGINAS DO FACEBOOK.....	21
2.1 A CONSTRUÇÃO DO EU NOS PERFIS PESSOAIS	21
2.2 A CONSTRUÇÃO DOS LAÇOS NAS REDES SOCIAIS.....	24
2.3 SOBRE AS PÁGINAS ESCOLHIDAS E AS DIFERENTES INSERÇÕES DOS CORPOS NEGROS NO AMBIENTE VIRTUAL	27
3. DOS CORPOS NEGROS VIVIDOS E REPRESENTADOS AOS CORPOS NEGROS CONSTRUÍDOS NO AMBIENTE VIRTUAL	41
3.1 SOBRE OS CORPOS VIVIDOS, SEUS ESTIGMAS E CONSTRUÇÕES	41
3.2 SOBRE A REPRESENTAÇÃO, TIPO DE SOCIABILIZAÇÃO E PAPEL DOS CABELOS E CORPOS NA PÁGINA “MENINAS BLACK POWER”	44
4. MEU CABELO NÃO É MODA, MEU CABELO É DNA! CABELOS ENTRE A NATUREZA E A CULTURA	62
4.1 SOBRE A “NATUREZA” CONTESTADORA DOS CABELOS CRESPOS CONTRA AS MAZELAS DA CULTURA.....	62
4.2 A EXALTAÇÃO DO “NATURAL” NA RESISTÊNCIA CULTURAL: A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO PARA SE PENSAR EXPRESSÕES ESTÉTICAS COMO FORMA DE RESISTÊNCIA	64
4.3 CABELOS LISOS E EMPODERAMENTO: OUTRAS POSSIBILIDADES	76
4.4 MULHERES NEGRAS, CABELOS LISOS OU CABELOS CRESPOS?: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS IMPLICAÇÕES PRÁTICAS DE SUAS ESCOLHAS.....	82
5. SOBRE O POTENCIAL EMPODERADOR DAS REDES SOCIAIS	89
5.1 UMA DISPUTA SIMBÓLICA PELO MONOPÓLIO DE “NOVOS” SISTEMAS SIMBÓLICOS: O VELHO RACISMO X “A BRANQUIDADE CAPITALISTA TOMBADORA”	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos os debates em torno das relações raciais têm ganhado bastante visibilidade. Talvez, isso se deva ao advento das políticas afirmativas, sobretudo as cotas raciais nas universidades e concursos públicos, ou ao fato de que hoje, com as redes sociais, ocorrem muitas denúncias de casos de racismo, ocorridos off-line ou on-line. O mesmo se pode dizer do meio televisivo, espaço onde tal debate tem ganhado uma enorme repercussão. Isso tem ocorrido, em grande medida, devido ao significativo alcance desses espaços de discussão, que vêm atingindo um grande e diversificado público, que os utiliza das mais variadas formas e com as mais variadas intenções.

Porém é necessário ressaltar que, embora nas diversas mídias tenha aumentado significativamente o interesse em se tratar de temas relacionados a questão étnico racial, pode-se dizer que, em espaços como a televisão, por exemplo, que ainda é mais popular que a internet, essas discussões e a ideia de representatividade ainda é feita de uma forma incompleta e pouco refletida, uma vez que, na maior parte das vezes são reflexões produzidas por pessoas brancas ou que não estudam o tema de forma séria.

Como exemplo dessas tentativas frustradas de promover representatividade e protagonismo de mulheres negras, podemos citar a minissérie “Sexo e as Negas” que foi ao ar no ano de 2014, de acordo com Maia e Jardim (2016, p.21), o idealizador, diretor e ator Miguel Falabella, pretendia representar esses mulheres como empoderadas e autônomas, sobretudo no que diz respeito a suas vidas sexuais. Porém, o que pudemos observar em nossa análise foi uma série de reproduções de estereótipos já bastante batidos da televisão brasileira: o da mulher negra hipersexualizada, pobre, subserviente do ponto de vista profissional, que vivem sozinhas ou relações afetivas atribuladas e com problemas familiares.

Mesmo a questão do protagonismo, que parecia estar explícito na minissérie, já que a maior parte de elenco seria formado por pessoas negras acabou por ser ofuscado, uma vez que, a única personagem efetivamente branca da série, Jesuína de Paula, interpretada por Cláudia Gimenez, era quem gerenciava todas as situações na comunidade onde tudo se passava, possuindo um papel central, cada episódio

começava e terminava com suas narrativas. As mulheres negras, restou apenas o protagonismo dentro dos estereótipos, ou seja, limitado.

Tal situação da televisão brasileira foi muito bem explicitada por Araújo (2008, p. 980) que ao analisar as telenovelas desde a década de 60, afirma que as mulheres negras se fizeram presentes de forma muito pontual, sempre representando as escravizadas, as empregadas domesticas ou encaixando-se ao estereótipo comum a televisão norte americana, o das chamadas *mammies*. Porém, para o autor o estereótipo mais comum, e mais popular seria o da “mulata” sedutora, destruidora de lares. Apesar das situações sempre subalternas das pessoas negras nesses espaços, buscava-se reafirmar, com a participação negra na teledramaturgia brasileira, o mito da democracia racial, ou seja, a falsa ideia de que no Brasil há uma convivência harmônica entre os diferentes grupos étnicos.

Como pode se observar, a popularidade da televisão, assim como a participação de pessoas negras nesses espaços não seria o suficiente para que se quebrasse com as representações negativas que envolvem ser pessoa negra no Brasil, pois em geral, as narrativas criadas para o meio televisivo não são criadas por pessoas negras e para pessoas negras. São narrativas e percepções brancas sobre negros e negras.

É justamente este fator que diferencia, que torna as redes sociais um lugar com bastante potencial para disseminação de outras narrativas sobre o ser pessoa negra, narrativas empoderadoras, uma vez que, nesses espaços, pessoas negras podem criar narrativas sobre si, dissociadas desses estereótipos negativos. Esse é também um dos motivos pelos quais escolhi esse espaço para elaborar este trabalho.

Neste trabalho serão analisados alguns espaços de discussão construídos no aplicativo Facebook, páginas criadas especificamente para tratar de temas que abordam as relações étnico raciais, tendo sido escolhidas as páginas “*Blogueiras Negras*”, “*Meninas Black Power*” e “*Gueledés: Instituto da mulher negra*”. A intenção seria investigar como estes espaços virtuais têm se constituído como espaços de *Empoderamento* e têm proporcionado diferentes formas de fazer militância, novos canais de discussão e circulação de ideias, assim como veículos de denúncias.

Também busco evidenciar como as duas dimensões, on-line e off-line se retroalimentam criando possibilidades cada vez maiores de se questionar e

problematizar fatos que envolvem práticas racistas que têm relação com as formas como os corpos negros são representados e o lugar sociocultural a eles relegado.

Busco enfatizar também a ideia de que a internet – o espaço on-line – não se trata de um “não lugar”, nem mesmo um espaço autônomo com linguagem e configurações próprias, uma vez que, os temas discutidos estão diretamente relacionados ao universo off-line e à forma conflituosa como as relações raciais se dão no Brasil. Seriam assim – as páginas estudadas – mais que espaços virtuais localizados no ciberespaço¹, uma vez que, são ambientes em que se discute relações raciais tendo como referência determinado tempo e espaço. Embora o racismo seja aqui tratado como um aspecto presente nas relações humanas independente de momentos históricos específicos, buscarei mostrar que tempo e espaço são aspectos importantes para se pensar as diferentes nuances que ele ganha, assim, falar de relações raciais no Brasil demanda reconhecer alguns aspectos que são próprios ao contexto histórico, social e cultural no qual vivemos.

Outro aspecto importante é que nesses espaços de discussão existe um grande apelo ao corpo – que é representado o tempo todo – e é parte importante das experiências vividas nesse ambiente, assim como fora dele, tendo em vista que grande parte dos debates que se trava em torno das relações étnico raciais diz respeito aos corpos negros e às cargas simbólicas negativas que eles carregam. Embora os corpos não estejam fisicamente presentes nesses ambientes, eles são frequentemente representados por fotos ou mesmo pela exaltação das características das pessoas negras através de narrativas e dos mais variados tipos de imagens.

Dessa forma, o trabalho tem como mote principal o corpo, bem como as estéticas corporais negras e suas performances. O principal objetivo é refletir sobre a importância desses aspectos nas discussões sobre relações étnico raciais nas redes sociais assim como apontar de que maneira eles são acionados para se promover tais discussões. Isso porque considera-se aqui que não é possível falar sobre relações raciais sem falar de corpo, uma vez que as experiências e vivências que envolvem a ser pessoa negra no Brasil estão atreladas à existência física de seus corpos: à sua

¹ De acordo com Miller e Slater (2004, pág. 45) a noção de ciberespaço pressupõe do ponto de vista metodológico um espaço autônomo e autocontido. Neste trabalho não será utilizado esse termo, justamente pelo fato de que parto do pressuposto de que online e off-line estão diretamente relacionados, não sendo possível observar as interações nos espaços escolhidos sem pensá-las a partir de um contexto maior.

cor, aos seus cabelos, às suas características que, de forma geral, são determinantes tanto para se pensar o racismo vivido quanto para contestá-lo.

Ao longo do trabalho ficará bastante evidente que o corpo é o lugar da disputa, uma vez que suas características passam a ser um parâmetro para determinar a maneira como se é tratado/a, os estereótipos que serão acionados e o nível de enquadramento em padrões de beleza. Aqui se buscará demonstrar que para além de lugar estigmatizável também se trata de um lugar de contestação, de ressignificação através da exaltação da imagem e de uma existência empoderadas.

Esse seria o ponto mais importante a ser percebido no desenvolver deste trabalho, essa ideia de que tais espaços serviriam como ferramenta para o *Empoderamento* das mulheres negras que alcançam algum nível de poder simbólico, na medida em que servem como facilitadoras para a construção e socialização de narrativas positivas, criadas por e para elas, sobre seus corpos e sobre o que eles representam. Narrativas essas que não são construídas sob a égide de padrões normativos e hegemônicos que não as contemplam.

No primeiro capítulo buscarei apontar os caminhos que me levaram a produção dessa pesquisa na internet, também farei um breve retrospecto sobre as possibilidades do fazer etnográfico quando o campo é a internet e exporei os pressupostos metodológicos escolhidos para elaboração do trabalho, sendo este o principal ponto a ser considerado.

A partir de reflexões, desenvolvidas no âmbito da teoria de Cristine Hine (2000) – em que as relações constituídas na internet não seriam totalmente descoladas da realidade off-line – abri mão do uso de termos como ciberespaço, por exemplo, que define a internet como um espaço produtor de cultura, para pensá-la como um artefato da cultura. Melhor dizendo, trata-se de um espaço que é produto da cultura, construído por pessoas concretas, com objetivos concretos, o que é bastante difícil de pensar, uma vez que é característica da própria internet ser um espaço de interação que não possui fronteiras instituídas.

Ao longo do trabalho, como já foi mencionado anteriormente, será possível perceber que, os tipos de debate sobre relações étnico raciais promovidos nos espaços estudados, estão amplamente relacionados à forma como o racismo se configura no contexto brasileiro. Assim, parece justo considerar esse espaço como

produto da cultura que também não é rígida e está condicionada a contextualização histórico- geográfica.

Outra escolha importante evidenciada no trabalho está no fato de que, aqui, a internet não é tratada em termos de infraestrutura, uma vez que, as tecnologias são efêmeras e as plataformas mudam o tempo todo. Porém, é necessário ressaltar que, embora o foco não seja as especificidades do trabalho pensadas em termos das possibilidades oferecidas por essa infraestrutura, ela não deixa de ser muito importante, pois define os limites tanto teóricos quanto do trabalho de campo, que aqui será pautado no narrativo-visual, sem interação direta e sem um campo ou observação participante no sentido tradicional.

O foco, será então, as práticas sociais e comunicativas que ocorrem nesses espaços. Isso não significa que a escolha da plataforma em questão tenha sido aleatória, ou que o trabalho teria o mesmo caráter se tivesse sido produzido em uma sala de bate papo de um jogo, por exemplo. Pelo contrário, a escolha do Facebook foi consciente e proposital, uma vez que agrega em si elementos muito próprios, uma vez que, as redes sociais teriam, de acordo com Recuero (2009), um potencial de identificar os padrões de conexões existentes entre determinadas pessoas, unindo-as em grupos que possuem interesses comuns. É o caso das páginas escolhidas, em que, de forma geral, todas as pessoas que as seguem têm interesse na discussão das relações étnico raciais e, em menor medida, em questões de gênero.

Também discorro sobre os motivos que me levaram a escolher o Facebook e as possibilidades presentes nesse espaço, assim como a escolha das páginas e o tipo de sociabilidade e discussão que ocorre nesses espaços.

No segundo capítulo desse trabalho apresentarei as propostas de cada uma das páginas, assim como tratarei um pouco das opiniões controversas sobre o uso da estética corporal como questionadora das relações raciais no Brasil, dando enfoque sobre as discussões que giram em torno da chamada “geração tombamento”, ressaltando que existem grandes críticas a essa estratégia de enfrentamento do racismo, tanto por parte das próprias pessoas negras quanto quando se entre em diálogo com pessoas brancas.

Após apresentar essas tensões, discorrerei um pouco sobre os tipos de sociabilidade e laços que se constroem nesses espaços e, buscarei mostrar como o

conceito de *Empoderamento* é contemplado nesses espaços, que tipo de empoderamento se busca e, efetivamente se obtém nesses espaços, lembrando que as necessidades, ênfases e tipos de questionamento estão diretamente relacionados ao contexto histórico e social, tomando diferentes faces a partir das diferentes demandas que surgem em contextos específicos.

Aqui vale fazer algumas considerações sobre o conceito de *Empoderamento* que será amplamente utilizado nesse trabalho. De acordo com Horochovski (2006, p. 2) os elementos que serviram como pedra de toque para que os debates em torno do empoderamento surgissem estão situados nos anos 60. Nesse período em que houve um fortalecimento da sociedade civil, que surge como um ator coletivo, havendo um avanço de um tipo de democracia que não surgiu dentro dos modelos tradicionais de instituições políticas.

Nesse momento, os novos movimentos sociais deslocam a centralidade da discussão acerca das classes sociais, e surge assim, novas pautas como a questão ambiental, de gênero e de identidade, centradas na ideia de auto sustentabilidade, pregando o desenvolvimento das pessoas em harmonia com o ambiente.

O empoderamento aparece, em um primeiro olhar, bastante atrelado à ideia da ampliação da tomada de decisões comunitárias e à participação cidadã no que diz respeito à política de forma mais concreta. Como “concreta”, me refiro às ações que têm efeito na vida material das pessoas e que envolvem as estruturas de governo.

Como sugere Horochovski (2006, p.9), tais ações têm efeito principalmente no âmbito de propostas de desenvolvimento, que implicam em uma tomada de consciência das injustiças, da qual determinados grupos padecem, visando com isso aumentar a participação política desses grupos menos favorecidos nas tomadas de decisões que afetam suas vidas e sua autonomia econômica.

Porém, de acordo com Horochovski (2006, p. 2), assim como todo tema emergente, o empoderamento tem tido sua utilização feita de forma polissêmica e indiscriminada – aparecendo não apenas como moda intelectual, mas também fortemente em discursos políticos e sobre identidades culturais – o empoderamento pode ser utilizado adequando-se às orientações políticas e ideológicas de quem o utiliza. Dessa forma a utilização do conceito relacionado a participação política e mobilização de recursos materiais não é a única possível.

De acordo com Baquero (2012, p.176), a discussão acerca do empoderamento tem se distribuído por diferentes disciplinas e práticas profissionais e, diferente do que se possa imaginar, o debate conceitual mais acurado não está ocorrendo na Sociologia ou na Ciência Política, mas sim, na Saúde Pública, na Psicologia Comunitária e na Administração. De fato, a Educação seria pioneira nos estudos sobre empoderamento, tendo como seu representante o trabalho de Paulo Freire.

Não obstante todos esses diferentes usos e abordagens, Baquero (2012, p.176) afirma que existem alguns pontos de consenso sobre o conceito de empoderamento.

A exemplo, cito a ideia de que ele pode se desenvolver em diferentes níveis, podendo ser pessoal, organizacional ou comunitário. Horochovski (2006) a partir dos estudos do trabalho de Perkins e Zimmerman (1995), Spreitzer (1995), Rich et al. (1995) faz uma definição desses três níveis:

Ao definir o *empoderamento pessoal*, Horochovski (2006, p. 16) afirma que este ocorre quando – ao participar dos mais variados espaços de sociabilidade – um indivíduo se percebe detentor de recursos que lhes permitem controlar a direção das ações que lhes afeta surgindo com isso um sentimento de competência pessoal em determinada ocasião ou espaço.

Pode surgir a partir da interação com outros, logo, esse tipo de empoderamento pode influenciar no empoderamento de outros participantes de um grupo de pessoas, servindo como modelo. Não se trata de um traço de personalidade, depende muito da compreensão crítica que os indivíduos têm da realidade em que vivem.

O empoderamento organizacional ocorre quando organizações formais, como empresas, agências governamentais, por exemplo, e a sociedade civil compartilham o poder decisório e o de liderança, fazendo com que as decisões sejam coletivas e se deem de forma horizontal.

Já o *empoderamento comunitário* ocorre quando há mobilização entre indivíduos de um grupo – que formam uma comunidade – se unem para criar de forma coletiva soluções para obtenção de recursos, atendendo a todos os diferentes atores comunitários, independente das diferenças internas.

Outro aspecto importante destacado por Horochovski (2006, p.18) que pode levar a uma reflexão sobre os diferentes tipos de empoderamento, seria os diferentes tipos de poder utilizados como recurso para que alguém ou um grupo de pessoas se empoderem, estes seriam:

O *poder social*, que se refere ao acesso de informação necessária para as tomadas de decisão que podem ser importantes para alcançar determinados fins, está relacionada ao capital social.

O *poder econômico*, se caracterizaria pela posse de bens com valor monetário, cuja importância é bastante óbvia, uma vez que esse tipo de poder garante condições mínimas para se viver de forma digna e asseguram a possibilidade de mobilização individual e coletiva.

O *poder político* seria aquele necessário para efetiva participação em processos públicos e tomadas de decisão.

O *poder psicológico* estaria relacionado a personalidade dos indivíduos traduzido na possibilidade de desenvolver o sentimento de que suas ações são relevantes para o contexto no qual estão inseridos.

Ainda de acordo com Horochovski (2006, p.19) esses recursos seriam distribuídos de forma desigual: quanto maior a parcela de diferentes poderes um indivíduo possui, mais empoderado ele seria. Assim, empoderamento seria resultado também da descentralização de recursos e da elaboração de ações que diminuam ou superem as diferenças entre categorias de grupos hegemônicos e aqueles que seriam desempoderados.

É possível afirmar que o empoderamento se trata de um conceito bastante aberto, que mesmo considerado a partir das variações acima ainda é passível de gerar uma infinidade de resultados, pois, cada nível de empoderamento e cada tipo de poder aqui exposto coexistem com os demais, uma vez que eles não aparecem em indivíduos e comunidades de forma isolada, como aponta Horochovski (2006, p.19) os recursos se distribuem em escalas, e o empoderamento seria a síntese desses indicadores, o que confere ao termo inúmeras possibilidades.

Nesse trabalho, embora exista essa infinidade de definições e combinações que levam a diferentes tipos de Empoderamento, pode-se afirmar que, o foco seria um tipo de Empoderamento que se dá por via narrativa, e é pautado na possibilidade de que pessoas negras criem narrativas sobre si mesmas, sem recorrer a valores e padrões brancos e ocidentais, pois, de acordo com Rappaport (1995, p. 796), ter a possibilidade de construir narrativas próprias sobre si também é uma forma de Empoderamento.

Na terceira parte, buscarei enfatizar que falar sobre corpo, quando se fala de racismo no Brasil, acaba sendo algo do qual não se pode escapar. O corpo, por sua

vez, acaba por se tornar um fator potencialmente questionador somente pela sua presença em determinados espaços, uma vez que, as bases do racismo no Brasil se constituíram a partir da ideia do branqueamento e da miscigenação (além do mito da democracia racial) ou seja, do apagamento desses corpos.

Isso a meu ver justificaria a importância de se pensar o racismo e as estratégias de empoderamento que vêm surgindo nas redes sociais a partir da estética corporal. Isso porque questionar padrões estéticos seria também questionar aspectos que constroem as teorias raciais que fundamentam o racismo no Brasil, uma vez que a atitude racista sempre buscou justifica-se pela depreciação de características físicas ou psicológicas das pessoas negras.

Nesta parte do trabalho também busco expor um pouco dos recursos utilizados na página *“Meninas Black Power”* para promover o questionamento dos padrões hegemônicos que categorizam os corpos. Tal questionamento que se dá de forma direta, ou seja, expondo o quanto isso afeta a vida das mulheres negras, mas também de forma mais sutil, ao criar narrativas positivas sobre seus corpos; narrativas essas que são socializadas e servem como base para que outras mulheres negras também criem narrativas positivas sobre seus corpos, desenvolvendo condições para que se empoderem.

Busco também refutar a acusação de que, o empoderamento que ocorre a partir dos questionamentos de padrões estéticos corporais, se daria apenas a um nível individual. Mesmo porque, tais questionamentos surgem a partir de experiências concretas de mulheres negras que, embora não sejam iguais, criam vínculos e relações a partir de suas experiências com o racismo, assim como partilham estratégias de enfrentamento do mesmo, produzindo narrativas positivas sobre si, mas também sobre os corpos das outras.

Na quarta parte desse trabalho evidencio que muitas vezes essas narrativas positivas sobre os corpos negros, mais especificamente sobre os cabelos, acabam se pautando em ideias sobre retorno à origem, ancestralidade e consciência.

Farei uma reflexão a partir do trabalho de Kobena Mercer (1983) sobre essa relação entre subversão de padrões estéticos hegemônicos e um apelo ao “natural”, o que acaba causando algumas tensões entre as próprias mulheres negras, uma vez que, nem todos concordam que a via do “natural” seja a única proposta empoderadora.

Longe de resolver tais tensões proponho que no Brasil, esse apelo à naturalidade dos fios como forma de subversão estaria diretamente relacionado aos já explicitados fatores que sustentam o racismo brasileiro, o branqueamento e a miscigenação, pelos quais o elemento físico e cultural negro passaram por tentativas de invisibilização.

Dessa forma, se atacar a existência material dos corpos negros é característica no racismo brasileiro, esse apelo feito por pessoas negras a materialidade dos corpos – mantidos o mais longe possível do viés branco – parece ser uma estratégia de empoderamento e resistência bastante plausível.

Busco mostrar também, neste capítulo, que existem muitas mulheres negras que sustentam um discurso empoderado mesmo fazendo uso de cabelos alisados. A partir do trabalho de Mercer (1983) procuro evidenciar a existência de outras possibilidades estéticas para além do “natural”, deixando explícito que mulheres negras de cabelos alisados também podem ser vistas como refutadoras da ordem, uma vez que elementos da cultura hegemônica não são incorporados passivamente. Em geral, passam por processos de resignificação, ou o que Mercer (1983) chama de creolização, passando assim a ser ou ter um significado diferente do original. Outro fator que pode contribuir para o caráter subversivo dos cabelos lisos em pessoas negras, seria o fato de que muitas vezes, tal cabelo seria fruto de uma escolha livre e consciente, o que subverte uma ordem que não coloca pessoas negras como autônomas.

Ainda no quarto capítulo, também busco mostrar que, optar por cabelos crespos, Dread look ou tranças, atendendo a um estilo visto como mais “natural” ou optar pelo alisamento, envolve fatores mais sérios e mais complexos que simples escolhas. A partir de alguns exemplos mostro como o uso dos cabelos podem interferir na vida material e profissional de mulheres negras que acabam – ao optar pelos cabelos “naturais” ou mais relacionados à manifestações culturais negras – sendo excluídas ou repreendidas em determinados ambientes.

E por último na quinta e última parte desse trabalho, retorno a ideia de *Empoderamento* buscando aqui, explicitar como em um primeiro momento o termo *empoderamento* parece não se enquadrar à sua definição (ainda que ele não possua apenas uma definição), quando aplicado ao tipo de “poder” que se busca nos ambientes virtuais, através da exaltação da estética corporal negra. Isso se dá porque,

para que exista *empoderamento* – pensando nas definições mais convencionais do conceito – é necessário que os atores sociais reúnam recursos para que possam participar efetivamente na tomada de decisões na vida política, bem como na vida social, uma vez que ele é obtido por intermédio das instituições sociais.

No ambiente estudado, ao que parece, não é possível reunir tal tipo de recurso, e também não existe apoio institucional, porém, defendo a ideia de que o empoderamento acontece nesses espaços, a partir da tomada de recursos de caráter simbólico, que tornariam possível a criação de outras narrativas sobre os corpos negros subvertendo sistemas simbólicos que conferem legitimação as narrativas desqualificadoras. Esses recursos seriam os símbolos de resistência criados a partir da interação entre as mulheres negras nas páginas em questão, seus cabelos, seus turbantes, suas performances, gerariam um capital simbólico capaz de criar narrativas diferentes daquelas instituídas por ideias dominantes pautadas pelo racismo.

Outro aspecto importante apontado nesta parte do trabalho é o questionamento da ideia de que mulheres negras estariam impondo novas ditaduras estéticas ao exaltarem determinadas escolhas. Porém, ressalto que, essas mulheres estão adquirindo poder simbólico nesses espaços para elaborar noções sobre si. Mas elas não possuem o monopólio da produção simbólica, utilizado para legitimar a própria dominação. Assim, como elas poderiam ser opressoras de outras mulheres negras? Como poderiam ser disseminadoras do mito chamado “racismo reverso”, ao buscarem manter-se como protagonistas das narrativas por elas criadas e do sistema de símbolos por elas acionados nessas narrativas?

Busco também evidenciar que, as tensões não se reduzem à possibilidade de produzir símbolos capazes de subverter ordens estabelecidas, símbolos estes que serviriam como ferramentas para dar suporte à criação de outras narrativas sobre o ser pessoa negra, elas também surgem quando pessoas negras precisam disputar espaço com pessoas brancas para se manterem protagonistas no uso e criação de seus símbolos de resistência.

Também trago à tona a discussão sobre as formas como manipulação dos corpos e performances ganham diferentes atribuições sociais a partir de quem as utiliza ou pratica, sendo as pessoas negras especialmente punidas socialmente ao fazer uso dos cabelos “naturais” ou com estilo “black” ou ainda pelo uso de turbantes.

Tais tensões também evidenciariam – ainda que isso não seja amplamente tratado nesse trabalho – que ao criar suas narrativas positivas e estabelecer um outro sistema simbólico que as orienta, para essas mulheres negras, ainda seria necessário travar uma luta com o sistema capitalista para manter-se como protagonista de suas narrativas e manter a posse dos símbolos de resistência criados, uma vez que o capitalismo tem uma tendência a incorporar tais símbolos tidos como negros, retirando os significados atribuídos por pessoas negras, excluindo o elemento negro, para então, torná-los comercializáveis, o que para as pessoas negras que vem discutindo tal situação caracterizaria a chamada “apropriação cultural”.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO TEMA DE PESQUISA

Pensar as relações étnico raciais de um ponto de vista físico/estético tem sido a grande empreitada de minha vida acadêmica. Foi do convívio com outras mulheres negras, no ambiente acadêmico como um todo e também por via do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFPR (NEAB-UFPR), – ressaltando aqui meu lugar de privilégio conferido pela pele clara – e a explicitação de seus dramas pessoais, que apontavam para as faces cruéis, mas ainda sutis do racismo – que surgiu a vontade de pensar as implicações da imposição de padrões estéticos, necessariamente brancos, na forma como essas mulheres veem a si mesmas e como se relacionam entre si e com os outros a partir dessa construção de uma ideia de beleza que não as contempla.

Em minha monografia busquei evidenciar possíveis fatores que levaram os corpos negros a ocupar esse lugar estigmatizado. Também busquei – através de entrevistas com proprietárias de salão de beleza e suas clientes, além de estudantes negras da UFPR – compreender em que sentido o fator estético atingia, de forma negativa, as vivências dessas mulheres, evidenciando questões que envolvem suas vidas afetivas, dificuldades para ingressar no mercado de trabalho e grandes problemas no que diz respeito a autoestima.

Para além de trazer à tona esses aspectos dolorosos do ser pessoa negra, busquei também mostrar as elaborações positivas dessas mulheres acerca de seus corpos e quais as estratégias elaboradas por elas para tentar subverter os significados estigmatizados de seus corpos em elementos de luta e resistência, embora isso não seja uma tarefa fácil ou imediata, sendo uma construção diária, uma vez que o racismo as afeta cotidianamente.

Nessa minha primeira experiência de pesquisa tive como foco o depoimento, utilizando como método a entrevista. E foi durante as entrevistas que um aspecto me chamou muita atenção, e de certa forma, foi daí que surgiu o projeto de pesquisa para o mestrado: o constante apelo a importância das redes sociais nesse processo de busca por aceitação. A representatividade nesses espaços, assim como na mídia de forma geral, identificada como a representação positivada de corpos negros, foi um

aspecto central no trabalho para pensar essa mudança de postura, por parte de mulheres negras, diante de seus corpos.

No presente trabalho essa ideia de representatividade se traduz por Empoderamento e aqui busco compreender de que forma as redes sociais trazem à tona as discussões sobre as relações étnico raciais e de que formas os corpos são acionados nessas discussões, se tornando importantes ferramentas para se questionar o racismo. Também busco compreender de que formas esses ambientes contribuem para a ressignificação desses corpos, a construção de outras narrativas positivas sobre eles, e de que formas essas construções resultam em empoderamento.

1.1 QUANDO O CAMPO É A INTERNET: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO NO AMBIENTE VIRTUAL

Embora exista hoje uma quantidade considerável de trabalhos cujo ambiente de pesquisa é a internet, esse tipo de estudo suscita uma série de questões que vão desde a indagação de que se é possível fazer trabalho etnográfico quando o campo é “virtual”, até os termos que devem ser utilizados quando nos referimos a esse tipo de trabalho. Da mesma forma que ainda hoje muito se discute sobre o próprio fazer etnográfico e no que consiste o trabalho de campo.

Longe de querer solucionar as divergências advindas desses diferentes estudos ou de trazer uma contribuição inédita sobre o tema, pretendo fazer um breve retrospecto sobre questões relevantes que surgiram a partir de alguns estudos sobre etnografia na internet, apontar algumas de minhas escolhas teóricas e metodológicas.

De acordo com Polianov (2013, p.62) os primeiros trabalhos elaborados no ambiente virtual possuíam um forte cunho etnográfico. Ela cita como exemplos os trabalhos de Rosenberg (1992), Masterton (1994) Mitsuishi (2007) e Turkle (1995), porém, afirma que esses trabalhos mesmo sendo de grande importância, não levaram a uma reflexão sobre a utilização da etnografia como metodologia de pesquisa na internet. Ela afirma ainda que foi Cristine Hine (2000) uma das primeiras

pesquisadoras a analisar as interações no ambiente virtual fazendo uma problematização da utilização do método etnográfico no mesmo.

Assim como em qualquer trabalho etnográfico, aponta Hine (2004, p. 17), é necessário que não se tome como ponto de partida preconcepções sobre o campo, sobre características que parecem inerentes à tecnologia ou crenças sobre a internet, sendo suas propriedades passivas de investigação, tal qual qualquer outro ambiente. Levando esse aspecto apontado por Hine (2004) em consideração, um dos primeiros pressupostos que precisei abandonar ao elaborar o trabalho foi o de que a internet se constituiria necessariamente como um espaço completamente diferente do “mundo real”, com suas virtualidades, não territorializado, não relacionado ao físico e tomado por relações menos palpáveis, distantes e “falsas”.

Hine (2004, p.18) afirma que existem duas formas de se conceber a internet quando se pretende fazer um estudo etnográfico. A primeira entenderia a internet como um lugar em que se produz cultura, o “ciberespaço”, lugar com códigos e formas de comunicação muito próprias, porém, limitada por seu caráter meramente textual. Vale lembrar que os primeiros estudos que usavam desse enfoque tiveram contato com uma rede de computadores e tecnologias que ainda eram limitadas em vários aspectos. Não se trata da mesma internet e dos mesmos computadores de hoje em dia.

A outra perspectiva indicada por Hine (2004, p.19) é aquela em que a internet é tratada como um “artefato cultural”, um produto da cultura, construído por pessoas concretas, o que lhe confere certa flexibilidade interpretativa sobre seu uso prático, uma vez que as tecnologias e os meios de comunicação seriam influenciados pelo contexto no qual estão inseridos.

De acordo com Hine (2004, p. 19) algumas pesquisas têm sido feitas na área da Sociologia e da Comunicação Social, levando em consideração a ideia da internet como artefato cultural. Porém a grande maioria das áreas de conhecimento ainda prioriza a visão da internet como cultura, omitindo a possibilidade de compreendê-la enquanto artefato, e existe uma dificuldade metodológica muito grande em unir as duas abordagens uma vez que pensá-la enquanto artefato implica contextualizar, limitar, o que a princípio não parece ser uma característica dessas tecnologias de

comunicação. Para essa junção de abordagens se tornar possível, seria necessário repensar a relação entre espaço e etnografia.

Isso fica bastante evidente nas páginas do Facebook às quais esse trabalho se propõe analisar, uma vez que, embora exista a possibilidade de socialização à nível mundial – pois as características da rede social nos permite isso – os fatos, os debates, os temas que surgem, em sua maioria, possuem um referencial localizado. Melhor dizendo, é necessário ser uma pessoa negra no Brasil para poder perceber como se manifesta o racismo brasileiro, sendo essas referências acadêmicas ou baseadas nas próprias experiências das usuárias desses espaços. Muitas das discussões que surgem nessas páginas não fariam tanto sentido se apresentadas a pessoas que não fazem parte dessas relações, pelo menos não nos termos utilizados para se pensar aquele ambiente específico.

Vale ressaltar que essa ideia de “contexto” é algo bastante relativo. De acordo com Miller e Slater (2004, p. 44) colocar algum aspecto de um estudo feito na internet em um contexto, pode significar colocá-lo em relação a aspectos mais amplos da própria internet, já que, salas de “bate-papo” no caso do trabalho elaborado por Slater, ou páginas de Facebook, como é o caso do trabalho em questão, são apenas uma pequena fração do universo online. Assim, relacionar as interações online a um contexto histórico-geográfico, bem como relacioná-las a vivências físicas e corpóreas é uma escolha metodológica minha para elaboração desse trabalho. Mas não seria uma regra ou uma escolha melhor e mais acertada para se desenvolver análises na internet.

Um ponto que ressaltaria essa necessidade de pensar a internet com relação a um referencial off-line nos estudos que envolvem o uso de tecnologia é o fato de que, de acordo com Wilson e Peterson (2002, p. 452) tais tecnologias vistas como infraestrutura são efêmeras, estão em constantes mudanças, são criadas, atualizadas ou desativadas a todo tempo, tanto no que diz respeito ao aparato tecnológico físico quanto as plataformas e espaços interativos em geral, (como salas de bate papo e diferentes redes sociais). Logo, as definições sobre o que entendemos como internet seriam flexíveis e abertas, pois, tanto o campo quanto o fenômeno estariam sofrendo mutações constantes.

Para Wilson e Peterson (2002, p. 453) o acesso à internet remete a tecnologias que são fisicamente e semioticamente diferentes das tecnologias subsequentes. Se, por um lado, quando falamos dos usos da internet estamos falando genericamente de uma mesma coisa, por outro lado também estamos falando de processos e práticas sociais. A sugestão dos autores em questão é que a pesquisa incida sobre as práticas sociais e práticas comunicativas emergentes em vez de tecnologias específicas. A estratégia seria explorar a forma como usuários locais estão empregando e definindo termos e usos da internet, independente da interface, mídia ou aplicativo que está sendo usado, pois estas continuarão mudando continuamente.

O que poderia ser utilizado estrategicamente para diferenciar as formas de comunicação on-line seriam categorias gerais, que Wilson e Peterson (2002, pág. 453) denominam de “pessoa para pessoa”, de “uma pessoa para muitos” e de “muitas pessoas para muitas pessoas”. Seriam esses aspectos que mereceriam alguma atenção, é a natureza das práticas comunicativas e das interações on-line – daqueles que fazem uso da infraestrutura da internet – que confere características próprias, possibilidades e restrições aos estudos feitos nesse ambiente.

Ainda de acordo com Wilson e Peterson (2002, p. 454) está faltando na literatura sobre a internet essa ligação entre novas formas de comunicação e práticas socioculturais historicamente constituídas, mas, para que esse aspecto seja considerado, é preciso tomar espaços e tecnologias da internet como continuidade e incorporação de outros espaços sociais, existindo dentro de estruturas sociais que regem o “mundo off-line”, sendo capazes eventualmente de provocar transformações nessas estruturas, porém, nunca de escapar das mesmas.

Portanto para elaborar tais abordagens seria necessário trazer de volta as pesquisas do ciberespaço para espaços geográficos e socioculturais, para só assim compreender como se dá a socialização nesses espaços virtuais e como “as identidades de gênero e raça são negociadas, reproduzidas e indexadas em interações on-line” (Wilson e Peterson 2002, p. 453; tradução minha).

É necessário fazer uma pequena observação a partir desse ponto do trabalho, que diz respeito ao fato de que, a intenção não seria simplificar a questão, buscando explicar as interações online a partir de contextos off-line. A ideia é mostrar, como

aponta Miller e Slater (2004, p. 48), as relações complexas entre esses dois mundos produzem estruturas normativas em ambos os espaços.

Melhor dizendo, assim como as relações étnico raciais construídas contextualmente em um ambiente não virtual podem influenciar no tipo de grupo que se forma e no tipo de interação que surge nesses grupos, pode-se afirmar que a abertura desses espaços de discussão também podem interferir e modificar como se estruturam as relações raciais fora do ambiente virtual, uma vez que este se constitui como mais um espaço cujas discussões permitem questionar o racismo e suas expressões fora do virtual.

Isso explicaria, a partir do grande número de usuários do Facebook e a popularização, tanto de alguns elementos culturais tidos como negros, quanto dos próprios debates que surgem nesses espaços. Isso fica evidente no fato de que está cada dia mais comum ver pessoas que não são acadêmicas, que não pertencem ao Movimento Negro, tecendo questionamentos sobre temas como a apropriação cultural, por exemplo, que será discutida ao longo desse trabalho.

Também gostaria de acrescentar que tendo em vista esses aspectos do universo virtual pode-se afirmar que na pesquisa em questão – embora se dê ênfase no tipo de interação que ocorre nas páginas analisadas e no teor de suas discussões – não se ignora a internet enquanto infraestrutura, levando em conta que escolher o Facebook como local de pesquisa não foi algo aleatório.

Primeiramente considere o fato de que se trata de um aplicativo que é um dos mais populares no Brasil, de acordo com a página da própria rede social, 102 milhões de pessoas no Brasil o acessariam mensalmente, dessas, 93 milhões acessariam comodamente de seus dispositivos móveis, esse total corresponderia a praticamente a metade da população do país.

Embora os acessos em termos quantitativos seja algo bastante considerável, o principal motivo para a escolha do Facebook para minha pesquisa está relacionado com as possibilidades de interação que esse espaço oferece. É preciso acrescentar que seria possível desenvolver este trabalho em qualquer outro espaço da internet devido à potencialidade de comunicação e expressão de qualquer ferramenta de comunicação mediada por computador (CMC), porém, cada um deles oferece diferentes recursos e possibilidades.

De acordo com Recuero (2009, p.24) a partir das interações entre diferentes atores seria possível identificar rastros deixados por estes, e a partir disso, identificar padrões de conexão, e foi justamente essa possibilidade de estudar essas interações que impulsionaram estudos sobre a internet nos anos 90. Neste trabalho, apesar de tantas possibilidades, reduzi minha escolha ao Facebook e no máximo a algumas páginas de jornais e blogs, pois, alguns dos casos e fatos apresentados tiveram repercussão relativamente grande, sendo impossível desconsiderar esses “rastros” uma vez que nem sempre o Facebook seria a fonte primária das informações que veicula e que alimentam as discussões nesse espaço.

É notável o fato de que as redes sociais potencializaram essa possibilidade de observação das redes construídas a partir da interação entre seus membros. Elas parecem fazer uma grande síntese, unindo elementos com objetivos, ideias e identificações, através da possibilidade da criação de páginas e grupos, isso me parece bastante evidente a partir do que vem a ser uma Rede Social, definida por Recuero (2009, p. 24) como um conjunto de dois elementos, os atores, que seriam as pessoas, instituições ou grupos e suas conexões.

Dessa forma, estudar as Redes Sociais seria muito diferente de estudar em uma sala de jogos online, por exemplo, que embora se trate também de uma ferramenta de comunicação mediada por computadores, há objetivos muito diversos nesses espaços em que, os indivíduos se unem por objetivos pré-determinados pela plataforma online – os objetivos do jogo – podendo até surgir ligações entre eles por afinidade, criar-se laços de amizade, porém, não necessariamente irão surgir redes de comunicação a partir de afinidades que vão além daquelas criadas por esse ambiente online específico. Melhor dizendo, existem poucas possibilidades de que tais grupos criem laços a partir de questões étnicas, políticas e ideológicas, por exemplo.

Por essas razões, para este trabalho, importa a escolha do local de interação online também, e não apenas o tipo de interação que ocorre nesse espaço, pois, muitas vezes a escolha do espaço também interfere nas formas de interagir, uma vez que cada um oferece possibilidades e restrições que diferem entre si. No caso do Facebook, além da possibilidade de se criar um perfil pessoal com fotos e informações sobre família, trabalho, formação escolar e acadêmica, ainda é possível a participação em grupos, geralmente por afinidade de interesses, assim como é possível “curtir”

páginas que, muitas vezes são criadas com objetivos específicos, como discutir um determinado tema, por exemplo, embora isso não seja uma regra.

2. O EU, OS MEUS E OS OUTROS: AFINIDADES, LAÇOS E DISCUSSÕES NAS PÁGINAS DO FACEBOOK.

2.1 A CONSTRUÇÃO DO EU NOS PERFIS PESSOAIS

Apesar das redes sociais apresentarem diferenças entre si, que interferem na forma como laços de sociabilidade vão surgindo, Recuero (2009, p. 25) afirma que existem elementos característicos a ser identificados e pensados quando se pretende fazer um estudo sobre esses espaços, como por exemplo, o que são atores sociais na internet? Como considerar suas conexões online e quais as dinâmicas que podem influenciar tais redes? Tais questões podem servir como fio condutor para analisar as redes sociais.

Em suas considerações sobre os atores, Recuero (2009, p. 25) afirma que estes seriam responsáveis por moldar as estruturas sociais através da interação e da construção de laços com outros atores. Porém, devido ao distanciamento entre as partes envolvidas na interação online, que não tornaria esses atores imediatamente discerníveis, trabalha-se com a ideia de “representação dos atores sociais” – no caso do *Facebook*, essa representação se daria por meio da criação de um perfil – e construção identitária, ou seja, as interações partem de construções individuais.

O termo “atores” ou representação dos “atores sociais” também está sendo empregado aqui no sentido utilizado por Goffman (2002), que pressupõe que nossas relações cotidianas são marcadas por representações, nas quais buscamos, de várias maneiras, controlar as impressões que causamos em determinados espaços. Para este autor, o componente expressivo da vida social seria a fonte de impressões dadas e recebidas por outras pessoas (Goffman, 2002, p. 227). Logo o “eu” não pode ser compreendido – embora seja uma imagem representativa do indivíduo, de uma personalidade – como originário de seu representante, mas sim, como aponta Goffman (2002, p. 231) da “cena” como um todo, sendo gerado a partir de atributos dos acontecimentos locais, que os tornam inteligíveis no meio ao qual pertencem, este “eu” seria um produto de uma cena específica, não sendo orgânico ou definido, ele é

visto como um efeito dramático, que surge de forma difusa em uma cena apresentada, sendo o interesse principal a possibilidade de ser acreditado ou desacreditado.

Goffman (2002, p. 131) ainda afirma que, ao analisar esse “eu” somos cada vez mais arrastados para longe dele, uma vez que seu corpo seria apenas uma espécie de cabide, na qual alguns aspectos de construções colaborativas seriam pendurados, e em geral, os meios para se produzir e manter esses “eus” não estariam localizados nesses “indivíduos-cabide” mas sim no que o autor chama de estabelecimentos sociais².

Assim, mesmo que o processo de transição capilar³ seja ali apresentado, através de depoimentos pessoais, como sendo um período difícil, mesmo que nem sempre as mulheres ali presentes se sintam bem com seus corpos e cabelos – o que é bastante comum já que vivemos em um contexto machista que prega padrões de beleza quase inalcançáveis – e mesmo tendo em conta que ter os cabelos alisados nesses espaços de discussão não é proibido ou necessariamente mal visto – há todo um cuidado para que não se perca de vista a valoração de traços tidos como negros, que é um dos objetivos dos grupos apresentados nesse trabalho.

Logo, parece justo pensar em termos de representação de atores sociais, uma vez que, independente das dificuldades individuais, dos diferentes graus de racismo e machismo que as mulheres presentes nesses grupos passam, há um interesse comum presente no grupo, que é produzir uma imagem positiva dos corpos negros, apontando, sobretudo as vantagens de se libertar de padrões opressores, mesmo que os caminhos individuais que levariam a essa libertação não sejam “repletos de flores”.

Estes perfis pessoais não deixem de ser espaços de interação – que para Recuero (2009, p. 25) seriam construídos para expressar elementos da personalidade individual, estabelecer lugares de fala – embora como foi apontado anteriormente, esse “eu” seja uma representação, que varia de acordo com as expectativas construídas sobre a forma como cada indivíduo deve agir em diferentes espaços – e essa personalização do eu e do outro imperativo serviria para se estabelecer a comunicação, e conseqüentemente para se estabelecer padrões de conexão.

² “Um estabelecimento social é qualquer lugar limitado por barreiras estabelecidas a percepção, o qual se realiza regularmente uma forma particular de atividade” (Goffman, 2002, p. 218)

³ Transição capilar diz respeito ao período em que se permite que os cabelos cresçam com sua textura natural, sem química, geralmente ela termina com o corte total dos cabelos alisados.

As construções individuais são de primordial importância, uma vez que, é através dos padrões de conexão – que vão surgindo a partir das afinidades surgidas entre personalidades individuais – que se formam os grupos, trazendo à tona temas e discussões pertinentes a um grande número de pessoas. Também é preciso enfatizar que, os grupos não agregam apenas pessoas com opiniões semelhantes, pelo contrário, interesses comuns não pressupõem consenso. Assim os conteúdos veiculados nos grupos, muitas vezes, vem acompanhados de tensões, como será possível observar no desenvolver do trabalho.

Vale lembrar que essa ideia de “eu” de “construir identidade” no ambiente virtual é bastante complexa, devido ao fato de que essas identificações são múltiplas e fluidas. Em cada participação, pode-se privilegiar identificações diferentes como aponta Wilson e Peterson (2002, p. 457), uma vez que, existem múltiplos quadros participativos.

Diferentes identidades estariam disponíveis a uma grande variedade de usuários, o que os autores denominam como “identidades contextualizadas”. Döring (2002) ao estudar home pages pessoais aponta para o fato de que estas, assim como os perfis pessoais nas redes sociais, estão sempre em construção, podendo ser atualizadas a qualquer momento para refletir auto concepções mais recentes.

Nas páginas analisadas é possível observar como múltiplas identidades são acionadas de acordo com o perfil da página ou com o teor da questão que está sendo levantada. Como em geral, são espaços em que se discute e se questiona o racismo e as desigualdades, em diferentes momentos, algumas outras identificações se entrecruzam com a racial. Isso evidencia o fato de que ser homem negro implica certas experiências que são diferentes de ser uma mulher negra, que por sua vez é diferente de ser mulher preta e lésbica ou preta e gorda, também sendo diferente de ser pessoa negra de pele clara e pessoa preta, por exemplo.

Tal aspecto presente nas páginas pode ser tratado a partir de um ponto de vista interseccional, termo que, de acordo com Hirata (2014, p. 62), foi usado pela primeira vez pela jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw (1989), para sugerir uma interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe e como esses aspectos podem estruturar as experiências das mulheres negras em sociedade.

Vale lembrar que pensar de forma interseccional não implica jamais em hierarquizar opressões. Embora esse aspecto interseccional das páginas em questão não vá ser explorado nesse trabalho – porque é preciso, infelizmente, reduzir as discussões, visando dar conta de tratar com alguma propriedade o mínimo proposto – vejo como importante, ao menos, registrar que os questionamentos das opressões exploradas no trabalho são apenas um recorte, havendo muitas outras possibilidades de discussão dentro das páginas escolhidas, mas seria impossível falar de tudo em um trabalho apenas.

Em todos os casos, é possível perceber que a identificação determinante – aquela que estrutura as relações entre aqueles que seguem as páginas em questão – está sempre relacionada à identidade étnico-racial, e com isso, às implicações do racismo na vida dessas pessoas, assim como às estratégias para combatê-lo. Outra identificação possível e importante seria a de gênero, embora nem toda discussão gire em torno do ser mulher negra, e muito se discuta sobre o genocídio, por exemplo, que afeta sobretudo homens negros e jovens.

Ainda assim há uma predominância de assuntos que dizem respeito ao ser mulher negra, e percebesse que o processo de formação de “redes” de relacionamento está, antes de tudo perpassado por essas construções pessoais.

2.2 A CONSTRUÇÃO DOS LAÇOS NAS REDES SOCIAIS

De acordo com Recuero (2005, p. 21), as redes sociais possuem elementos mais permanentes que fariam parte de sua estrutura, e que seriam resultado de repetidas trocas. No caso das páginas em questão, o elemento estruturador das páginas seria o racismo. Ele seria o fio condutor das discussões, apesar das diferentes abordagens, essa estrutura seria uma espécie de sedimentação das trocas que poderia ser evidenciada através da criação de laços sociais e do capital social.

Nas páginas analisadas, o tipo de laços que se cria entre os participantes está mais relacionado com o que Recuero (2005, p. 22) chamou de laços associativos – embora existam exceções – uma vez que se trata, na maior parte das vezes, de laços mais formais que surgem a partir de uma ideia de pertencimento, e que não depende

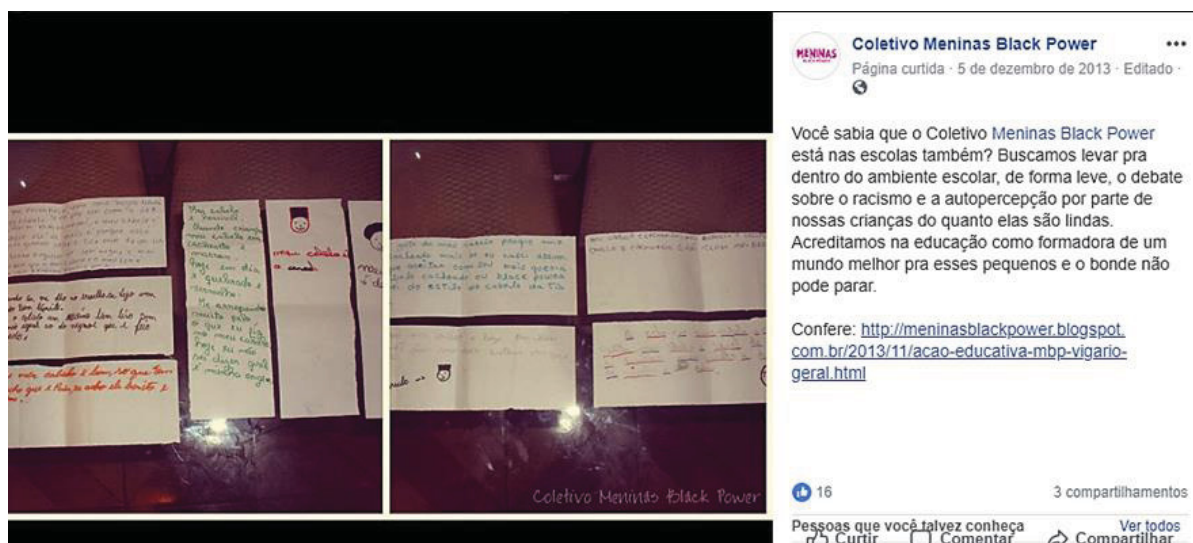
da vontade dos indivíduos. Por exemplo, eu querer pertencer ao grupo de seguidores de uma determinada página do Facebook não implica que eu queira uma relação mais estreita com todos os seus membros. Mesmo porque, em termos quantitativos – no caso das páginas que estão sendo analisadas – trata-se de um número muito grande de membros.

Este aspecto torna um tanto quanto difícil definir quem são as pessoas que efetivamente tem maior influência no grupo, que possuem lugares de fala diferenciado, uma vez que as discussões sempre mobilizam pessoas diferentes, é difícil ter controle sobre grupos tão grandes e dispersos. Isso seria diferente dos laços sociais, que pressupõem um nível de relação mais próxima entre as partes.

Porém, vale ressaltar que, esses laços associativos explicitados, podem emergir de laços sociais, uma vez que, pressupõem um pertencimento relativo a um grupo social mais próximo, aquele que deu origem à página e que se relaciona off-line.

Um caso ilustrativo seria o da página “Meninas Black Power” por exemplo, que surgiu a partir da associação de mulheres negras em um coletivo, cujas ações e contato, se dariam no off-line, agregando outras tantas mulheres no virtual, como é possível observar nos posts a seguir:

IMAGEM 1 - MENINAS BLACK POWER NAS ESCOLAS



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043/571184389622305/?type=3&theater>

IMAGEM 2 - ENCONTRO DO COLETIVO MENINAS BLACK POWER NO “ENCRESPANDO”



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043/954655014608572/?type=3&theater>

IMAGEM 3 - ENCONTRO DO COLETIVO MENINAS BLACK POWER



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043/818919888182086/?type=3&theater>

Como é possível observar, não obstante a quantia de integrantes do grupo virtual, e ao distanciamento entre as partes do grupo que isso causa, as ações do coletivo, sejam elas ações de cunho educativo, sejam ações que trarão novas pautas de discussão para o grupo mais amplo, partem de um grupo menor e mais próximo entre si.

O elemento que conectaria os indivíduos pertencentes ao grupo de seguidores da página seria o *capital social*, embora seja necessário enfatizar que esse conceito, de acordo com Putnam (2001, p. 42), possa variar em seu conteúdo. De uma forma mais geral, esse tipo de capital pode ser pensado como o estabelecimento de redes de reciprocidade em que pode haver algum ganho entre as partes envolvidas.

O capital social pode surgir no interior de redes bastante formais como sindicatos, igrejas, empresas, mas também pode surgir em situações bastante informais, como encontros na mesa de um bar. Pode surgir também de laços mais fortes entre indivíduos, como os laços familiares, por exemplo, assim como também de forma mais ocasional.

É possível observar que, apesar do fato de que os laços que unem os indivíduos nesses espaços de interação – as páginas do Facebook – não sejam tão estreitos, existe esse capital social que definiria as partes envolvidas como um grupo, evidenciando os laços de reciprocidade que surgem a partir de experiências comuns relacionadas ao racismo e as estratégias de superação do mesmo.

Não obstante as diferentes abordagens acerca do racismo no Brasil e das diferentes experiências que ganham ênfase em cada uma das páginas escolhidas para essa pesquisa, todas têm como mote o que é ser pessoa negra, principalmente sobre o que é ser mulher negra, em um país que, embora seja palco, diariamente, de fatos que comprovam a existência do racismo, busca respaldo em uma falsa ideia de democracia racial para reforçar uma imagem de que seria um paraíso plural e harmonioso, e conta com mecanismos muito eficazes para manter essa posição.

Além disso, se evidencia, nos espaços observados, uma noção de grupo que também é pautada – não apenas nas experiências de racismo sofridas por seus membros – na ideia de ancestralidade e de uma raiz comum, o que reforça a ideia de que o empoderamento adquirido nesses espaços não seria a nível individual, como será discutido posteriormente.

2.3 SOBRE AS PÁGINAS ESCOLHIDAS E AS DIFERENTES INSERÇÕES DOS CORPOS NEGROS NO AMBIENTE VIRTUAL

Dentre tantas opções de páginas que hoje têm como foco a discussão de questões referentes as relações étnico raciais no Brasil, escolher as páginas que fariam parte da pesquisa não caracterizou uma tarefa fácil. Porém ressaltar que um dos fatores que influenciou nas escolhas, foi o número de seguidores de cada página.

Todas as páginas escolhidas teriam um número significativo de seguidores – acima de cinquenta mil pessoas – acompanhando, curtindo, reagindo ou dando sua contribuição em forma de comentários nos conteúdos postados. Dessa forma é possível afirmar que um dos critérios para escolha, seria o alcance que estas páginas teriam a um vasto público. Outro critério foi a busca de páginas que dessem alguma ênfase nas experiências de mulheres negras, com pautas que lhes seriam bastante específicas, embora não se trate de espaços em que só se discute, de forma exclusiva, temas pertinentes as mulheres negras.

A intenção de tais escolhas sempre foi poder dar um panorama, ainda que incompleto, do quão variadas podem ser as formas de interação a partir de um aspecto comum, que é ser uma pessoa negra e, mais especificamente, ser mulher negra. Isso a partir de características diferentes, buscando abordar a questão do racismo e, ao mesmo tempo, estar todas as diferentes discussões ligadas a um contexto e a uma vivência física, intimamente ancorada aos corpos.

Uma das páginas escolhidas foi a “Meninas Black Power”, criada em 12 de janeiro de 2013, para dar visibilidade às ações de um coletivo de mulheres, com o mesmo nome da página, descreve como sua missão:

O trabalho do Coletivo Meninas Black Power consiste em incentivar a consciência do valor deste cabelo crespo natural e outras características naturalmente pretas, mas, sobretudo, do valor que cada pessoa preta com quem nos comunicamos deve possuir aos próprios olhos. Mais do que ensinar sobre cuidados, a missão é viabilizar a eliminação do racismo, preconceitos internalizados e fornecer meios para que a aceitação seja eficaz e constante. (MENINAS BLACK POWER, apresentação da página do Facebook).

A existência do coletivo é anterior a criação da página no Facebook, e ele já possuía uma comunidade na extinta rede social Orkut. Criado em 2011 por Élide Aquino, carioca, com formação em Enfermagem e obstetrícia pela UFRJ, agrega mulheres de outros estados do Brasil como São Paulo, Rio Grande do Sul e Espírito

Santo – com as mais variadas formações acadêmicas – passando a promover ações educativas para além do ambiente virtual, promovendo palestras, encontros em eventos, escolas e universidades.

Vale ressaltar que, embora as integrantes que gerenciam o coletivo tenham formação acadêmica, e a proposta do grupo esteja bastante relacionada a práticas educativas, o perfil das integrantes da página do Facebook não é necessariamente acadêmico e as discussões não se dão apenas de forma “academicista”. Como veremos mais adiante no trabalho, seu conteúdo é bastante variado, e boa parte dele está relacionado com a troca de experiências que envolvem os cuidados com os cabelos e estética corporal negra.

A página tem, explicitamente em sua descrição, a intenção de abordar o racismo a partir do questionamento de padrões estéticos vistos como hegemônicos. Esse questionamento se dá principalmente através do “empoderamento” via exaltação das características físicas negras e de recursos estéticos que privilegiam os aspectos do corpo – entendidos nesse espaço – como “naturais”. Não obstante, na observação sistemática da página, é possível perceber que esta abordagem do racismo não é a única colocada em pauta.

Outro aspecto interessante é que, através da página virtual se articula encontros off-line entre o coletivo – que deu origem ao grupo, e é formado por mulheres negras militantes – e suas seguidoras. O coletivo também visita escolas fazendo conscientização sobre relações étnico raciais, buscando com isso promover uma auto valorização do ser pessoa negra, utilizando como principal recurso a estética corporal, principalmente os cabelos. Ele possui hoje cerca de 73.452 seguidores.

A “Blogueiras negras” é uma página vinculada a uma ONG que surgiu no ano de 2013, cujos objetivos seriam descritos da seguinte forma:

“Somos mulheres negras com histórias de vida e campos de interesse diversos; reunidas em torno das questões da negritude, do feminismo e da produção de conteúdo. Sujeitas de nossa própria história e de nossa própria escrita, ferramenta de luta e resistência. Viemos contar nossas histórias, exercício que nos é continuamente negado numa sociedade estruturalmente discriminatória e desigual.” (BLOGUEIRAS NEGRAS, apresentação da página do Facebook).

A “Blogueiras Negras” também possui um site em que se publicam textos autorais. Trata-se de um esforço coletivo e colaborativo, que conta com o trabalho de cerca de 200 escritoras negras, comprometidas com questões que envolvem gênero e raça, contra opressões que incidiriam sobre mulheres negras como racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia, homofobia, classismo e gordofobia.

Afirmam ser – assim como o “*Meninas Black Power*” – uma comunidade online e off-line, que escrevem a partir de suas experiências, tendo como pano de fundo o Feminismo Negro. A ideia seria socializar o conhecimento produzidos por essas mulheres partindo do pressuposto de que sempre foi negado lugares de fala, visibilidade e protagonismo a mulheres negras. Hoje a página do Facebook conta com cerca de 230.895 seguidores.

A página “Geledés: Instituto da mulher negra”, possui cerca de 666.941 seguidores. Não há a informação exata de quando a página foi ao ar, mas, a Fundação do instituto, desvinculado da página da internet, surgiu em 1988 e ganhou vários prêmios, inclusive internacionais, relacionados a promoção dos direitos humanos. A missão da página está descrita da seguinte maneira:

Geledés - Instituto da Mulher Negra foi criado em 30 de abril de 1988. É uma organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras, em particular, e da comunidade negra em geral (Geledés: Instituto da Mulher Negra, apresentação da página do Facebook).

Vale ressaltar que embora as páginas em questão tenham sido a principal fonte das discussões aqui apresentadas, e tenham norteado os rumos que o trabalho tomaria, foram utilizados também outros espaços virtuais. Isso porque senti necessidade, em alguns casos expostos, de mensurar sua repercussão de forma mais ampla, e assim, expor pontos de vista mais gerais sobre a utilização de determinadas performances tidas como negras; logo, recorri também a páginas de jornais e revistas.

Todas as páginas podem ser acessadas por qualquer pessoa, assim como ter seus posts comentados. São majoritariamente seguidas por pessoas negras, e como se pode perceber pela descrição das páginas, embora os assuntos discutidos sejam bastante variados, existe um grande apelo aos corpos negros, ou melhor, a

representação desses corpos. Isso, imagino, não poderia ser diferente, uma vez que, o que define uma pessoa negra e os diferentes estereótipos negativos que podem ser relegados a elas são suas características físicas. Como aponta Nilma Lino Gomes (2008, p. 20) em sua obra *“Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”*, cabelos e corpos negros seriam importantes mediadores para a construção de uma identidade negra, se sobressaindo os cabelos crespos. Corpos e cabelos seriam pensados pela cultura, dessa forma, dessa forma não podem ser tratados como meros dados biológicos.

Assim como é através dos corpos que se constrói o “eu” negro e o “outro” branco, processo identitário que, como aponta Gomes (2008, p.20), é sempre bastante conflituoso, na medida que serve para que possamos afirmar nosso “eu” diante de um outro, e esse “eu” estaria diretamente relacionado a forma como o outro me vê e vice-versa. Assim, tendo em vista a forma estereotipada e negativada como os corpos negros são pensados, mediante a forma como se dão as relações raciais no Brasil, pode-se imaginar que esse processo de formação de identidade não é nada fácil.

Dessa forma, é através desses corpos, de diferentes maneiras, que se busca questionar o racismo, seja através da exposição orgulhosa de traços fenotípicos negros, como os cabelos” naturais”, seja através da ostentação de turbantes. Para isso a imagem tem sido grande aliada das páginas em questão, pois, essa construção do “eu” e do “outro” não se dá apenas textualmente, mas, também a partir da representação dos corpos via imagem.

As ideias propostas até aqui pretendem apontar para o fato de que as vivências online e off-line estão relacionadas. Elas também pretendem evidenciar a ideia de que a existência e as experiências das mulheres negras, nesses espaços virtuais, estariam ancoradas à materialidade de seus corpos e na forma como as relações étnico raciais são tratadas no Brasil. Isso sem perder de vista o fato de que vivenciar esses corpos através de representações positivas têm sido uma das formas de empoderamento de grande importância no questionamento do racismo em suas diferentes faces.

Quando se aponta as diferentes faces do racismo aqui, estou querendo afirmar que este tipo de questionamento e militância – que tem ganhado força nas páginas do Facebook – não toca apenas no racismo em suas formas mais evidentes, como o

genocídio da população negra que elimina a existência, ou, o racismo institucional, que impede que pessoas negras tenham o mesmo acesso que pessoas brancas a determinados espaços, e assim, tenham as mesmas possibilidades de ascender socialmente. Tampouco tratam do racismo a partir da escravização, que não apenas explicita os lugares desiguais que pessoas negras e brancas ocuparam historicamente, como também, muitas vezes, é um período histórico amplamente lembrado e utilizado para se afirmar que o racismo é algo que ficou no passado e que não permeia as relações na atualidade.

Essas páginas questionam também, e principalmente, um tipo de racismo mais sutil, que se camufla de problema individual e não coletivo, pois atinge a autoestima de pessoas negras e muitas vezes causa auto ódio.

Infelizmente, essa camuflagem em “problemas pessoais”, individuais e que dizem respeito à subjetividade das pessoas, muitas vezes, leva à crença de que tais formas de questionamento e enfrentamento do racismo seriam “menores” ou menos subversivas da ordem. Isso porque melhorar a própria autoestima equivaleria a minimizar os efeitos do racismo na própria vida e não coletivamente.

Mas será que tal crítica, que muitas vezes é endossada pela própria militância, de que esta geração – que apela amplamente a questões relacionadas a estética em sua contestação da realidade, caracterizada principalmente pela chamada “geração tombamento”⁴ – estaria se alinhando a interesses de mercado e às demandas capitalistas e individualistas, seria realmente uma realidade?

É importante pensar – antes mesmo de pensar na efetividade dessas práticas contestadoras que tem como base a estética corporal – em qual tipo de empoderamento que se tem buscado nesses espaços, que a princípio, não parece contemplar nenhum tipo de empoderamento que abranja o fortalecimento do poder de um grupo, uma vez que, empoderar-se a partir do próprio corpo parece estar mais relacionado a um tipo de empoderamento pessoal. Isso acaba por direcionar muitas críticas a militância que dá ênfase a questões estéticas, inclusive trazendo tensões

⁴ A chamada “Geração Tombamento” trata-se de um movimento que se expressa principalmente, e de forma bastante ostensiva pela estética corporal (investindo muito em cores, estampas e acessórios) mas também apela as artes, a música, a estética em geral. De acordo com Winnie Bueno, em matéria para o Geledés, foi bastante influenciado pelo movimento “Afropunk” norte-americano. Ver matéria em: <https://www.geledes.org.br/repulsa-da-classe-media-branca-intelectualizada-geracao-tombamento/>

entre pessoas negras, como se pode esperar – e como já foi ressaltado em outro momento do trabalho – não existe um consenso sobre a eficácia desse tipo de contestação do racismo.

Um bom exemplo dessas tensões seria as críticas relacionadas a já mencionada “Geração tombamento” – embora não se trate do mesmo tipo de exaltação estética que veremos posteriormente no trabalho, pois não dá ênfase na “naturalidade” e sim no uso do corpo, de roupas e acessórios de forma criativa, chamativa e descontraída, dando ênfase na ousadia e orgulho de existir nesses corpos, apostando em cores fortes e vibrantes, estampas, por exemplo – seria bastante ilustrativo da falta de consenso com relação ao apelo estético, como se pode observar em algumas das matérias do Geledés:

IMAGEM 4 - SOBRE A GERAÇÃO TOMBAMENTO



FONTE: <https://www.geledes.org.br/os-negros-que-geracao-tombamento-esqueceu/>

O post em questão faz uma crítica bastante pesada a chamada Geração Tombamento, ele explicita as tensões que vem surgindo com esse tipo de militância, pautada no empoderamento por via da estética corporal.

De acordo com Julia Masan – mulher negra, trans, estudante de jornalismo e escritora da postagem – a grande falha da geração tombamento é que se trata de um movimento que também seria excludente, uma vez que, homogeneizaria o que é ser

pessoa negra, colocando-as em um lugar de vivências e experiências que se resumiriam a estética, o que para ela, reforça o estereótipo da pessoa negra que é apenas corpo.

Para a autora do post, essa seria uma estratégia de objetivo simples e rasa demais, a qual acomodaria os indivíduos a um senso comum, a ações individualizadas e atreladas ao interesse do capital. A autora do post acredita que é necessário – em um mundo de hibridização cultural – que pessoas negras diversas colham os frutos do empoderamento, e que este empoderamento não deve ser pautado em padronizações, pois, é na padronização, que se cai na armadilha da exclusão.

Essa seria uma das formas de se pensar o papel que a estética tem desempenhado no questionamento ao racismo, embora não pareça ser uma visão hegemônica, faz parte do imaginário de uma parcela das pessoas que pensam relações étnico raciais no Brasil. Isso fica evidente pela quantidade de posts existentes fazendo um apelo a importância da valorização estética para a supressão de valores racistas, como pode ser observado a seguir, a uma constante insistência para que se leve em consideração esse tipo de abordagem:

No post intitulado *“Estética negra empodera sim. Porque não dá pra enfrentar o racismo quando você ainda se odeia”* escrito por Robin Boateng, designer e editor da plataforma Afroguerrilha, ao analisar a participação – ainda que considerada por ele como reduzida – das pessoas negras no mundo da moda, dos ensaios fotográficos, das artes e das produções culturais, afirma que, já existe por parte desses espaços um certo esforço por apresentar uma imagem positivada do que vem a ser pessoa negra, porém, esse tipo de conquista da população negra estaria recebendo muitas críticas, por ser visto como superficial, ou mesmo por “deixar de lado” questões que seriam mais importantes e urgentes, como o genocídio da população negra.

IMAGEM 5 - ESTÉTICA NEGRA EMPODERADORA



FONTE: <https://www.geledes.org.br/estetica-negra-empodera-sim-porque-nao-da-para-enfrentar-o-racismo-quando-voce-ainda-se-odeia/>

Para além da crítica que coloca questões estéticas como questões menores para a luta antirracista, o autor do texto aponta para o fato de que muitas vezes esse recurso é compreendido como uma ferramenta do poder branco no esvaziamento de sentido da estética como ferramenta na construção da negritude, já que acaba por cair na lógica capitalista de mercado se transformando em mero objeto de exposição, com fins lucrativos, lucro que, em geral acabaria nas mãos de pessoas brancas.

Porém para Robin Boateng, o racismo no Brasil possui dimensões mais complexas, já que os ataques as africanidades, como ele se refere, se deu pelo poder branco em muitas dimensões, entre a exploração da força física e a tomada de riquezas materiais e culturais, ele aponta para a ridicularização dos traços fenotípicos negros (isso sem falar da animalização, o questionamento da própria humanidade), que fixada ao imaginário social coloca pessoas negras como naturalmente inferiores, cuja única forma de possível melhora seria a miscigenação ou a prática da auto

violência estética, que, acredito eu, deve dizer respeito as práticas de alisamento dos cabelos, muitas vezes agressivas, as cirurgias plásticas, altamente invasivas.

O autor afirma que o primeiro passo para começarmos o enfrentamento anti racista seria gostar de nós mesmos, acreditar no próprio valor e em nossa integridade humana, descobrindo a diversidade que envolve ser pessoa negra, fugindo a lugares estereotipados e inferiorizados nos quais se é colocado, porque para ele, é difícil enfrentar o racismo quando uma pessoa negra se odeia e acredita nesses lugares nos quais a sociedade racista o coloca.

Em outro post do Geledés, intitulado *A repulsa da classe média branca “intelectualizada” a geração tombamento*, escrito por Winnie Bueno – ativista do Movimento Negro e Feminista, ciberativista, com formação em Direito – evidencia outras tensões causadas por esse uso da estética como possibilidade de questionamento da realidade social, nesse caso, com uma classe média branca e “intelectualizada”, como o próprio título da matéria já aponta.

Ela afirma que a tomada de consciência da juventude negra de que existem outras formas de existir, para além daquela cuja a referência é branca, acaba por incomodar essa classe média que se pretende intelectual. Essa classe média, por sua vez, passa a fazer questionamentos sobre a legitimidade política desse artifício, questionamentos que, em geral, segundo a autora do post, não são feitos ao movimento hippie, nos anos 60, por exemplo, que faziam amplo uso da estética como ferramenta política, com o diferencial de que não se tratava de um movimento majoritariamente negro:

IMAGEM 6 - SOBRE A REPULSA DA CLASSE MÉDIA BRANCA A GERAÇÃO TOMBAMENTO



FONTE: <https://www.geledes.org.br/repulsa-da-classe-media-branca-intelectualizada-geracao-tombamento/>

Este post toma um posicionamento favorável a “Geração tombamento” diferente do anterior, trata da possibilidade da juventude negra criar uma nova narrativa sobre si, independente das atribuições redutoras e controladoras da branquitude.

Para a autora, criar uma estética negra empoderadora é algo extremamente subversivo, em um mundo em que corpos negros são sempre subordinados. Outro aspecto que faria dessa juventude subversiva seria o fato de que foge a moral e aos costumes brancos, diferente do jovem negro militante da esquerda partidária que, segundo ela, seguiria os passos de uma política criada por e para brancos.

Aqui os comentários explicitam as tensões e tentativas de deslegitimação, advindas de uma maioria branca, cujas falas são bastante agressivas como é possível observar:

IMAGEM 7 - CRÍTICAS A GERAÇÃO TOMBAMENTO



FONTE: <https://www.geledes.org.br/repulsa-da-classe-media-branca-intelectualizada-geracao-tombamento/>

É notável a forma como se reduz – a partir dos comentários, todos feitos por pessoas brancas – a tentativa de empoderamento via estética a uma causa menor, seja trazendo à tona outras questões políticas, como a corrupção, por exemplo, hierarquizando-as. Utiliza-se também como estratégia de deslegitimação, o já batido discurso do “somos todos iguais” que na prática não funciona para as pessoas negras. Outro recurso seria demonstração de indiferença com frases do tipo “ninguém dá a mínima” se referindo a postura do movimento, e afirmando que efetivamente seria uma perda de tempo, pois esse empoderamento estético não teria nenhum resultado prático. Também percebe-se a utilização de estratégias mais duras, como zombarias

e insultos, enfatizo aqui que essas críticas feitas de forma bastante dura, parte principalmente de pessoas brancas.

Não obstante essas diferentes posições, existentes também entre as próprias pessoas negras, afirmo isso porque nas matérias apresentadas sugere-se que essa falta de consenso existe, embora não se deixe evidente de quem parte a dúvida da eficácia da estética como forma de contestação – o que, a meu ver, evidencia o quão complexas e plurais são as formas de se fazer militância – defendo o argumento de que a estética corporal tem um papel fundamental no questionamento do racismo no Brasil, isso devido a própria forma como o racismo aqui se configura, essa ideia será melhor apresentada ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Também defendo a ideia de que, o tipo de enfrentamento aqui apresentado diz respeito a novas respostas ao racismo, surgidas de novas demandas da população negra, que hoje já pode contar com leis que tornam o racismo um crime, assim como com as cotas para garantir um acesso menos desigual a educação e a cargos públicos – embora isso ainda não seja o suficiente para acabar com as desigualdades sociais que afetam as pessoas negras no país – mas que, porém, não pode contar com soluções institucionais capazes de resolver os problemas advindos de todos os aspectos simbolicamente negativos que são atribuídos a seus corpos. Para isso é necessário mudanças mais profundas e diferentes tipos de questionamento.

É nesse ponto que chego a uma das ideias principais defendida nesse trabalho, já tratada anteriormente, de que para se fazer um trabalho na internet deve-se considerar o contexto histórico e cultural que certamente irá influenciar no tipo de relação que se constrói no mundo online.

Logo, é plausível pensar que, tanto práticas racistas quanto as práticas de enfrentamento do racismo, embora não se atrelem a contextos históricos específicos, são moldadas pelo contexto e é ele que vai definir as características que estas práticas vão ter.

Assim, acreditar que a reparação histórica e minimização dos efeitos do racismo se resume a buscar formas de diminuir as desigualdades materiais e de acesso, advindas do período da escravização, seria um grande reducionismo, pois, o racismo e seus efeitos não estão atrelados apenas a esse momento da história e nem ficaram no passado após o fim da escravatura. Logo, falar do enfrentamento do racismo via estética corporal também faz sentido, não se trata de uma face menos

dura ou menos importante e certamente é uma pauta da atualidade, como veremos adiante.

Para defender tal argumento, que será melhor apresentado adiante, começarei trazendo mais do conteúdo da página “Meninas Black Power” que tem como foco – e referência de estética corporal subversiva – os cabelos “afro” que são entendidos aqui como cabelos livres de qualquer química que altere sua textura ou mesmo cabelos trançados ou com dreadlocks. Esses estilos são tratados nesses espaços de discussão como estilos propriamente negros.

3. DOS CORPOS NEGROS VIVIDOS E REPRESENTADOS AOS CORPOS NEGROS CONSTRUÍDOS NO AMBIENTE VIRTUAL

3.1 SOBRE OS CORPOS VIVIDOS, SEUS ESTIGMAS E CONSTRUÇÕES

Não obstante a complexa relação que se estabelece entre a Antropologia e a História e, mais especificamente, entre a Etnografia e a História, é difícil falar de corpos negros sem fazer uma conexão entre o ser pessoa negra e o passado escravista. Esse passado, parece ter relação direta com a forma como esses corpos se constituíram como corpos estigmatizados, como corpos-objeto, corpos-mercadoria. Foram muitos os artifícios ao longo da história para se justificar a condição de escravizados na qual as pessoas negras foram colocadas sistematicamente em contextos coloniais e da diáspora.

Embora tenha-se criado argumentos, inclusive com pretensões científicas, para se comprovar a inferioridade de pessoas negras, justificando assim que estes fossem subjugados de várias formas, além de escravizados, hoje em dia existe um senso comum de que a existência de racismo estaria relacionada a própria escravização – algo que observei em vários comentários em postagens polêmicas nas páginas estudadas – principalmente quando se quer deslegitimar situações de racismo ocorridas no cotidiano.

É bastante comum ouvir, e ver nos comentários dos posts, que o racismo não existe mais, que ele ficou no passado, que não se vê ninguém mais sendo explorado ou rejeitado em determinados espaços por ser negro, como se o racismo se manifestasse apenas de formas extremas e evidentes, e não tivesse formas sutis de se apresentar.

Isso fica bastante explícito quando observamos que valores racistas estão presentes mesmo fora de situações de guerra ou escravização e que têm sobrevivido de várias formas à passagem do tempo. Aliás, é interessante ressaltar que as tentativas de localizar o racismo no tempo, muitas vezes acabam por colocá-lo como um aspecto passado, como algo a tempos superado, que sabemos não ser uma realidade.

Não obstante, é necessário ressaltar que o colonialismo e a escravização no Brasil tenha sim um importante papel no reforço aos aspectos negativos atribuídos a esses corpos. De acordo com Gomes (2002, p. 42) ao pensar a escravização de pessoas negras africanas no Brasil, a primeira coisa que vem à mente é o processo de coisificação dos escravizados que, se materializava na forma como se dava as relações sociais naquele momento histórico, bastante representativo disso seria a forma como os senhores se relacionavam com os corpos dos escravizados, sendo todo tipo de abuso, violência e subjugação, frequentes. Apesar dessa situação, de subjugação através dos corpos, Gomes (2002, p. 42) aponta que os escravizados também desenvolveram diversas formas de rebelar-se por via do mesmo, de ganhar alguma autonomia, expressa nas danças, nos cultos, nos penteados, na capoeira, logo, corpos negros nesse contexto específico também foram, assim como são hoje, parte de um projeto de subjugação, mas também de empoderamento.

Não perdendo de vista a importância de se considerar o contexto colonial como um período de reforço aos estigmas que carregam os corpos negros, devido à desvalorização e coisificação, é preciso sim pensar o racismo em contextos atuais, e que aspectos ele tem tomado em um contexto em que os meios de comunicação de massa e mais especificamente, as redes sociais têm se tornado importante ferramenta de disseminação de ideias, mas também como espaços de contestação de ideais racistas.

Um importante aspecto considerado nesse trabalho é que o racismo acaba por ganhar diferentes formas e nuances a partir desses diferentes momentos históricos, as respostas e as formas de enfrentamento a ele também não são únicas, e estão diretamente relacionados com estes aspectos. Dessa forma, períodos históricos e espaços geográficos não o condicionam, porém, definem como ele vai se manifestar em quais serão as respostas a ele.

Um bom exemplo a ser citado seria o uso de cabelos como o Dreadlock e o Black Power ou Afro, no contexto norte americano nos anos 60. Para Mercer (1987, p. 43) estes estilos não se caracterizavam como “naturalmente” subversivos, eles se tornaram uma expressão de subversão dentro de um contexto histórico maior, em um diálogo entre afro americanos e brancos em meio a “contracultura” – movimento iniciado pela juventude branca dos anos 60 – em que manter os cabelos longos era uma forma de demonstrar desajuste social as normas ocidentais.

Logo, Mercer (1987, p. 38) sugere que qualquer estilo de cabelo utilizado por pessoas negras pode ser político quando são uma resposta as forças históricas estigmatizadoras, sendo tão investidos de significantes étnicos quanto estas mesmas forças que os estigmatizam. Assim, as categorias do que seria subversivo mudam de acordo com o contexto histórico-cultural e geográfico e elas não seriam fixas ou teriam um caráter essencial.

Isso nos dá pistas sobre o motivo pelo qual os corpos negros, com ênfase nos cabelos, surgem no Brasil como símbolos privilegiados de questionamento das normas, uma vez que, a ideologia do branqueamento, um dos pilares das relações raciais no Brasil, agiria diretamente sobre esses corpos, tanto de um ponto de vista biológico quanto cultural.

Pensar o racismo brasileiro é necessariamente pensar em conceitos que seriam seus pilares e que não seriam universais, embora não sejam uma exclusividade brasileira. Seriam característicos do tipo de racismo que se constitui aqui, e que faz tanto o racismo brasileiro quanto as ênfases dadas no momento de se questionar o racismo sejam próprios. E um desses conceitos que serviriam como chave de leitura para se compreender o racismo no Brasil seria o *branqueamento*.

De acordo com Haufbauer (1999, p. 27), o branqueamento não se reduziria a mera transformação do “negro” em “branco”, mas estaria afinado a concepções de mundo e interesses políticos que encontravam respaldo no imaginário popular que pode ser traduzido, muitas vezes, em portar-se de forma esperada a uma pessoa branca, para assim sofrer menos discriminação e a tentativa de confundir status social com o ser branco para que assim se pudesse criar uma ilusão de reversibilidade de cor. Essa ideologia sempre esteve presente no contexto histórico-cultural brasileiro tendo como importante característica o apelo a miscigenação.

Domingues (2002 p. 565) também aponta para os possíveis significados do termo, que pode ter uma acepção tanto ideológica quanto concreta. Ele pode ser visto em determinadas ocasiões de pesquisa como uma interiorização de modelos hegemonicamente brancos por segmentos da população negra, podendo ser interpretado como um aspecto avesso à continuidade de um ethos de matriz africana.

Em outras situações é utilizado para fazer menção ao processo de clareamento pelo qual passou a população brasileira devido ao processo de miscigenação e que pode ser observado no censo já no final do século XIX e início do XX. De acordo com Seyferth (1986, p. 59) a tese do branqueamento, concebida dentro

de um modelo que pretendia contemplar a ideia de democracia racial, só teria sentido acompanhada de uma política migratória que privilegiasse a imigração europeia, pois uma das metas da elite republicana do início do século era tornar a população brasileira predominantemente branca, o que implicaria na miscigenação e assimilação dos imigrantes europeus.

Aqui, buscarei fazer uso de ambas as concepções uma vez que buscarei pensar as implicações do branqueamento biológico nas formas de se pensar relações étnico raciais através do corpo e da performance, isso levando em conta de que forma esse conceito impacta nas escolhas dos símbolos de resistência negra, bem como dos questionamentos feitos por pessoas negras e brancas brasileiras, que estão criando espaços de discussão no espaço virtual.

Assim como a tomada agressiva das ruas e dos espaços físicos foram importantes para obtenção de direitos civis, e o Movimento Negro tem se constituído em importante ferramenta política na obtenção de políticas afirmativas no Brasil, talvez o espaço virtual das redes sociais, nesse momento, também esteja se constituindo em importante espaço para se assegurar aspectos mais simbólicos das vivências de pessoas negras, como a existência destes em lugares de beleza e empoderamento, conceito que será melhor discutido adiante.

Na próxima parte do trabalho, tratarei um pouco da forma como as redes sociais tem criado espaços de socialização cujo principal aspecto a ser debatido é o poder subversivo da estética corporal, com ênfase, nesse primeiro momento, nos cabelos.

3.2 SOBRE A REPRESENTAÇÃO, TIPO DE SOCIABILIZAÇÃO E PAPEL DOS CABELOS E CORPOS NA PÁGINA “MENINAS BLACK POWER”

Com a observação das páginas do Facebook, foi possível identificar como, a partir das narrativas e principalmente do uso da imagem, foram surgindo inúmeras representações dos corpos negros e do que vem a ser pessoa negra. Apesar de todas as representações negativas que sempre fizeram parte da construção da imagem desses corpos, pode-se afirmar que estes ambientes têm se constituído como importantes espaços de diálogo para a construção de um novo olhar sobre estes corpos negros.

Isso não apenas com relação aos preconceitos advindos de pessoas brancas – fazendo-se uma crítica ao racismo – mas também com relação à forma como as próprias pessoas negras veem a si mesmas e trabalham sua autoestima enquanto grupo, que possuem características físicas comuns, uma vez que tais características presentes nesses corpos, independente das diferenças sensíveis que existem entre eles, constituem traços diacríticos que levariam a uma representação negativa, e coletiva, dos mesmos.

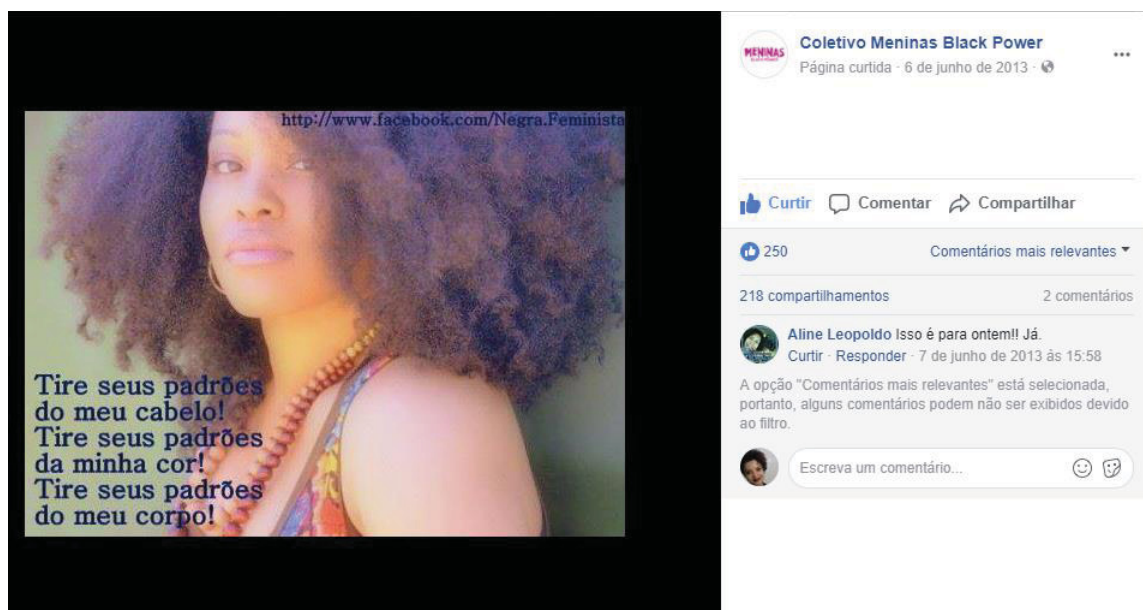
Uma das principais motivações para a criação da página foi tentar promover uma significação positiva desses corpos, em detrimento a padrões que não os contemplam como podemos observar nas imagens a seguir:

IMAGEM 8 - CONTRA PADRÕES HEGEMONICOS



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/47988668541743/?type=3&theater>

IMAGEM 9 - CONTRA PADRÕES HEGEMONICOS



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/479886685418743/?type=3&theater>

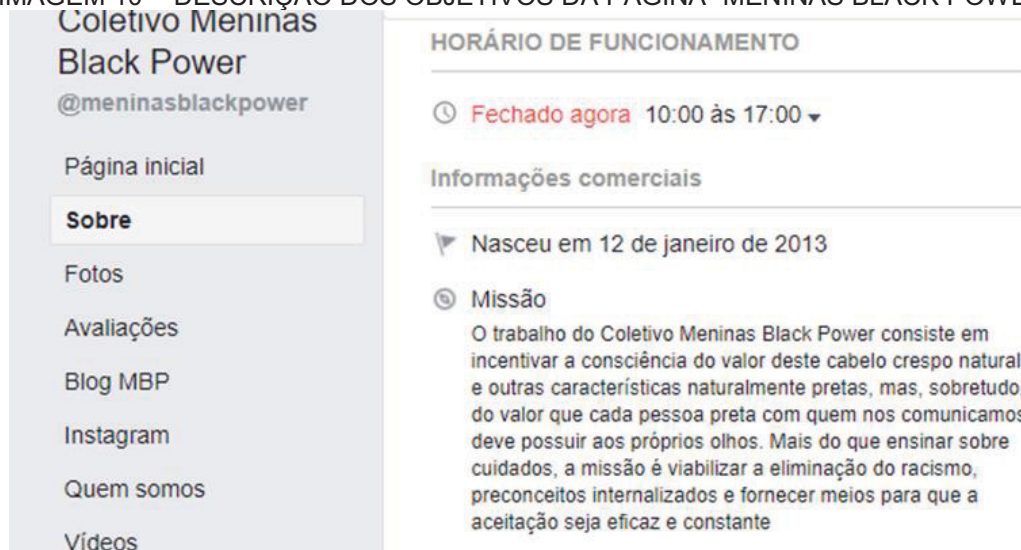
É possível observar nos comentários que, mesmo quando não há um reconhecimento da existência do racismo, existe um consenso de que adotar os cabelos “naturais” seria algo positivo, tão positivo a ponto de estar subvertendo os ideais de beleza e tornando-se um aspecto desejado mesmo por pessoas que possuem cabelos lisos naturalmente.

Embora os comentários possuam uma visão bastante romantizada desse processo de reconhecimento positivo, é preciso ressaltar que, a construção identitária das pessoas negras sempre foi marcada por tensões, nas quais, como aponta Gomes (2008, p. 21) os corpos se destacam como veículo de expressão e resistência socioculturais, porém, também seriam expressão da opressão e negação, observados, no desejo de se tornar um equivalente do outro branco, através de inúmeras formas de manipulação, que não contemplam suas características próprias.

Nessa página em questão, a proposta seria promover um *empoderamento* via estética corporal, o próprio nome da página “Meninas Black Power”, por exemplo, não apenas faz alusão ao penteado que fez muito sucesso nos anos 60, mas coloca os cabelos Black Power – ou simplesmente os cabelos sem modificação estrutural com uso de químicas – como símbolo máximo de resistência a um tipo de estética corporal hegemônica, e essencialmente branca. A ideia central seria desconstruir esses ideais de beleza que excluem os corpos negros de suas representações.

Como pode ser observado na própria descrição dos objetivos da página “Meninas Black Power”, esse seria um espaço em que somos convidados a repensar a forma como os corpos negros são imaginados, inclusive pelas próprias pessoas negras, buscando, com isso, minimizar os efeitos do racismo no que diz respeito as representações de beleza:

IMAGEM 10 - DESCRIÇÃO DOS OBJETIVOS DA PÁGINA “MENINAS BLACK POWER”



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/>

Inicialmente a página “Meninas Black Power”, que foi a primeira página na qual iniciei minhas observações, tinha como principal característica em suas postagens a socialização de experiências e de imagens – que serviriam como inspiração para outras mulheres – de mulheres que passaram pelo chamado “big chop”⁵, que seria o corte total de cabelos com química alisante.

O objetivo dessas postagens seria incentivar outras mulheres a abandonarem o uso da química e assumirem os cabelos Afro “naturais”, palavra que coloco entre aspas, pois, embora não se faça recomendação do uso de químicas que modificam a estrutura dos fios, alisando-os, os cabelos passam a ser manipulados a partir de uma série de técnicas – que vão sendo recomendadas e ensinadas através da página, como será mostrado posteriormente – dessa forma o “natural” ao qual estou me

⁵ O “big chop” é um termo amplamente utilizado pelas blogueiras e usuárias da internet para designar a prática do corte total dos cabelos para a retirada da química e retorno dos cabelos “naturais” cacheados ou crespos, trata-se de uma etapa final do chamado período de transição.

referindo é o cabelo que tem sua estrutura preservada, crespa ou cacheada, mas que passa por outros tipos de manipulação, logo, não seriam necessariamente naturais.

Como pode ser observado em algumas postagens da página, embora as experiências que levam a uma revisão sobre os cabelos e corpos negros sempre se deem a nível individual, a princípio, elas passam a assumir um caráter coletivo no momento em que são socializadas nas redes. Isso ocorre, uma vez que, a experiência de uma passa a ser interpretada a luz da experiência de várias, embora muito se use palavras como auto aceitação, auto estima, que remetem necessariamente a uma mudança pessoal.

Mas é a materialidade desses corpos negros que leva a uma reflexão que é interpessoal sobre o ser pessoa negra – uma vez que, embora essas pessoas sejam diferentes entre si, pertençam a diferentes classes sociais, vivam sua sexualidade das mais variadas formas, possuindo diferenças, muitas vezes, significativas no que diz respeito a cor da pele e textura dos cabelos, existindo pessoas negras de pele clara à pessoas retintas, de cabelos crespos classificados como 4A, 4B e 4C (do menos crespo ao mais crespo) ou cacheados que são classificados como 3ª, 3B e 3C (dos cachos de curvatura mais aberta ao mais fechado) – essas pessoas possuem aspectos em comum que criam um sentimento de grupo que vai além da ideia de grupo étnico ou ancestralidade, que são, infelizmente, suas experiências com o racismo.

Em menor ou maior grau boa parte dessas mulheres, que participam do grupo, vivenciaram alguma situação em que seus corpos foram depreciados, isso faz com que as experiências vividas em corpos negros sejam sim, experiências de todo um grupo, que possuem traços afins. Na sequência segue alguns exemplos de postagens em que se narra algumas dessas experiências:

IMAGEM 11 - CABELOS CRESPOS E A IDEIA DA TOMADA DE CONSCIÊNCIA



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/575358119204932/?type=3&theater>

Nesse post, em que o texto integral se encontra no Blog do “Meninas Black Power”, conta as experiências de três adolescentes negras no ambiente escolar, Gabriela, Lorena e Luiza.

Com exceção de Luiza – que afirma ter colegas que passam por situações difíceis na escola pelo fato de serem negras, mas que não se vê como alvo de racismo (e nunca sentiu necessidade de alisar) – as demais contam como se sentiam impelidas a alisar, seja para não sofrer com “piadas” racistas por parte dos colegas ou mesmo por motivo mais sério, como não sofrer exclusão total, por exemplo, para conseguir alguma inserção nos grupos.

Gabriela afirma ter parado de alisar após receber o incentivo e passar a ter como referência outras mulheres da família. Já Lorena aponta como parar de alisar foi uma decisão individual, pois ela não aguentava mais os efeitos nocivos da química, ela diz quase ter perdido os cabelos pelo uso de processos químicos.

Com relação ao grau de aceitação, elas afirmam que sempre existem manifestações de preconceito, assim como manifestações de aprovação, Gabriela,

por exemplo, diz que os meninos elogiam sua beleza mas ainda assim procuram sempre as meninas brancas para se relacionar.

Para além da similaridade de experiências, resultantes das vivências relacionadas à materialidade desses corpos, outro fator que aparece com certa frequência na narrativa daquelas que resolvem assumir os cabelos “naturais” está atrelado a noções de identidade e de consciência negra. Essas meninas e tantas outras mulheres na página, afirmam que passam a vivenciar o ser pessoa negra, de forma muito mais consciente, ao abandonar certos padrões colocados como aprisionadores.

A forma como as diversas histórias contadas servem como impulsionadoras para que outras mulheres passem a adotar a mesma postura diante seus corpos, o exemplo e a representatividade apresentados na página, teriam uma dimensão não apenas prescritiva mas também educativa. Assim, uma mulher impulsionaria a outra a criar mecanismos de vivenciar a beleza mesmo estando a margem de ideais de beleza ditos como normativos – e associados aos aspectos físicos tidos como brancos – como se pode observar nos posts com imagens e relatos a seguir:

IMAGEM 12 - DEPOIMENTO SOBRE O “BIG CHOP”



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/397648180309261/?type=3&theater>

IMAGEM 13 - DEPOIMENTO SOBRE O BIG CHOP



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/647463815327695/?type=3&theater>

Fica bastante evidente – ao observar os comentários das postagens, e mesmo os textos e depoimentos que complementam as imagens – que é partir de depoimentos de outras mulheres, que muitas vezes, surge o incentivo necessário para o abandono das práticas de intervenção nos cabelos, é a partir das várias narrativas positivas sobre possuir cabelos crespos e cacheados “naturais” que surgiria uma tomada de consciência positivada do ser pessoa negra, que advém das novas práticas voltadas aos cuidados com os cabelos.

A ideia de representatividade e exemplo está presente o tempo todo, e a página “Meninas Black Power” é colocada como uma importante mediadora dessas novas relações, novos olhares e novas narrativas sobre os corpos e cabelos das pessoas negras.

A página pode ser entendida como uma mediadora, que coloca pessoas geograficamente distantes, com variadas formações e perfis socio-econômicos em diálogo – buscando criar novos olhares sobre os cabelos crespos – e também teria um caráter educativo, no sentido que incentiva que o tipo de discussão e conhecimento ali produzidos seja socializado e reiterado fora dos espaços virtuais.

Como já foi dito, o próprio coletivo promoveria rodas de conversa e palestras, em ambientes como escolas, por exemplo, e eventos de ciberativismo.

O papel do grupo não diz respeito somente a a postagens de incentivo ao não uso da química e a subversão de padrões de beleza, bem como não se restringe também as fotos compartilhadas, em que se mostra a potencial beleza dos cabelos crespos, criando uma rede de compartilhamentos baseada nas experiências em torno desses cabelos. Também há todo um trabalho que reitera a ideia de beleza em torno desses cabelos, pois, não bastaria incentivar o não uso da química, também é preciso buscar modificar paradigmas de beleza no interior do grupo:

IMAGEM 14 - REITERANDO A IDEIA DE BELEZA DOS CABELOS CRESPOS



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/1394486017292134/?type=3&theater>

IMAGEM 15 - REITERANDO A IDEIA DE BELEZA NEGRA



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/1370515803022489/?type=3&theater>

Para além do papel reiterador da própria página, é possível que as seguidoras da página enviem fotos de seus cabelos e corpos, a partir delas, dialoguem entre si. Tais diálogos não serviriam apenas para incentivar as demais ao abandono da química, mas também para que as outras possam passar pelo período de transição capilar⁶ sem grandes traumas, uma vez que, esse processo pelo qual se passa para a retirada da química nem sempre é fácil – isso por vários motivos – uma vez que, romper com lógicas e visões já interiorizadas e, ao mesmo tempo, suportar as consequências que isso traz na convivência com outros que, da mesma forma, também tem ideias interiorizadas sobre o que é belo e aceitável em termos estéticos, pode ser uma tarefa bastante árdua.

Durante a transição, é preciso, primeiramente, desapegar dos cabelos lisos e ao mesmo tempo, ter uma série de cuidados com cabelos que além de estar com duas texturas (crespo com pontas lisas) ainda, geralmente, apresenta aparência danificada,

⁶A transição capilar seria um período em que se permite que os cabelos cresçam sem que seja feita a manutenção de processos químicos para alterar as formas da fibra capilar, presentes nos alisamentos e relaxamentos, o fim da transição seria marcado pelo corte total da química, que seria o “Big Chop”.

isso até que o big chop aconteça, se é que ele acontece, pois muitas mulheres passam pela transição e vão cortando aos poucos, a fim de não ficar totalmente sem cabelos.

Assim a página também se constitui em um espaço em que, ao mostrar o “antes e depois” de seus cabelos – do liso ao cabelo em transição, e da transição ao crespo – seria uma forma de mostrar que todas as dificuldades da transição valeriam a pena.

Uma parte considerável dos relatos expõem a satisfação inicial com os alisamentos e os problemas que passaram a ter a longo prazo, uma vez que – como todo produto químico – os alisantes muitas vezes danificam os cabelos e o couro cabeludo, levando até mesmo a queda dos cabelos, sendo este, um dos traços que interrelaciona as experiências aqui analisadas: as complicações e dores físicas causadas por tais práticas.

Essas consequências negativas não são uma novidade entre as mulheres negras, pois, principalmente entre as mais velhas se ouve com uma certa frequência narrativas de que, na infância, estas tinham seus cabelos alisados pelas mães e avós, através da prática do pente de ferro quente, que acabava ocasionado lesões. Com a modernização dessas práticas passa-se a utilizar produtos a base de formol, que ao ser inalado pode ser altamente tóxico e cancerígeno, além de, a longo prazo, poder ocasionar a queda dos cabelos. Esse aspecto é apontado com uma certa recorrência nas narrativas das seguidoras, muitas tiveram problemas capilares serios ao fazer uso de substancias alisantes durante longos períodos de tempo como pode ser observado nos exemplos a seguir:

IMAGEM 16 - TRANSIÇÃO CAPILAR E "BIG CHOP"



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/433728990034513/?type=3&theater>

MAGEM 17 - TRANSIÇÃO CAPILAR E "BIG CHOP"



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/413566782050734/?type=3&theater>

A página também conta com outro aspecto interessante, que seria o fato de servir como um espaço de aprendizado dos cuidados com os cabelos, em que se

apresentam as chamadas resenhas⁷ de diferentes produtos, dicas de penteados e de texturização dos fios, tendo em vista que os cabelos ficam com duas texturas durante o processo de transição. Dessa forma, torna-se um espaço de troca de conhecimento produzido por mulheres negras, para outras mulheres negras, a partir de suas experiências no cuidado com os próprios cabelos, como pode-se observar nos postagens a seguir:

IMAGEM 18 - DICAS PARA TRANSIÇÃO CAPILAR



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.522724171134994.1073741839.107719415968807/1857496727657725/?type=3&theater>

⁷ Resenha é um termo muito usado por blogueiras e youtubers para designar apresentações de suas impressões pessoais sobre produtos, receitas caseiras etc...

IMAGEM 19 - CUIDADOS COM OS CABELOS/TEXTURIZAÇÃO



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/663285887078821/?type=3&theater>

IMAGEM 20 - CUIDADOS COM OS CABELOS/DICA DE PRODUTO



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.650283215045755.1073741847.107719415968807/651901244883952/?type=3&theater>

IMAGEM 21 - CUIDADOS COM OS CABELOS/CRONOGRAMA CAPILAR



FONTE: <http://meninasblackpower.blogspot.com.br/2013/03/coisa-nossa-cronograma-capilar.html>

Esta última imagem tem um título bastante sugestivo: “Coisa Nossa-Cronograma Capilar”. Ela sugere mais uma realidade que surge a partir dessas interações, que seria uma variedade enorme de técnicas corporais muito próprias para os cuidados com os cabelos crespos.

A matéria em questão trata do chamado “cronograma capilar” que trata-se de uma sequência de cuidados com os cabelos, em períodos pré-determinados em que se utiliza produtos para hidratar, nutrir e restaurar os cabelos em uma ordem também pré-determinada. Além das técnicas próprias, também surge uma linguagem bastante específica, termos como “big chop”, “transição capilar”, finalização⁸, fitagem⁹, entre outros, passam a fazer parte dessas interações entre mulheres negras que assumem seus crespos.

A partir dessas mais variadas postagens é possível perceber que o conteúdo da página oscila entre seu papel dito político, que questiona a imposição de padrões de beleza pautados em características físicas – tidas como brancas – mas também promove as mais variadas discussões sobre experiências comuns surgidas a partir de um aspecto físico que possui significados compartilhados, os cabelos, seja de forma

⁸ Trata-se da forma como se estiliza, molda os cabelos com produtos específicos para esse fim.

⁹ Estilização dos cabelos feitas com os dedos, separando-se mechas em formas de fitas.

negativa, seja de forma positiva. Seus conteúdos seriam, segundo as intenções da própria página, um conteúdo voltado a política, a beleza, estética corporal e cuidados pessoais, percebendo que, todos estariam ligados ao político.

Isso porque a existência em corpos negros, buscando preservar características distintivas do ser pessoa negra, já seria entendida como um manifesto político ativo, uma vez que como será apresentado na próxima parte desse trabalho, uma das principais características do racismo no Brasil é o branqueamento, que opera de várias formas e atua como fator invisibilizador desses corpos.

A partir do tipo de interação que surge nesse espaço, acredito que parece um tanto quanto injusto dizer que o empoderamento das mulheres negras por via da estética corporal seja representativo de um tipo de empoderamento pessoal, que em nada contribui para pautas maiores.

Digo que é algo injusto, pois, construir novas narrativas acerca do próprio corpo, enquanto mulher negra, implica dar outro significado a características de seu corpo, que são social e culturalmente estigmatizadas. Criar vínculos com outras mulheres negras a partir das narrativas que foram criadas para excluir seus corpos de lugares de beleza, assim como também criar vínculos a partir das novas narrativas que conferem beleza a seus corpos, não parece necessidades pessoais de auto realização, pelo menos não seria somente isso.

É necessário ressaltar que o empoderamento pessoal é necessário para exercer os demais tipos de empoderamento, como aponta Horochovski (2006, p. 18) os demais tipos de poder não servem para muita coisa se, aqueles que o detém, individualmente ou em grupo não acreditarem nas suas potencialidades e plenas condições de utilizá-los em suas estratégias de ação. Essas estratégias tem envolvido construir narrativas positivas sobre seus corpos e inseri-los de forma não estereotipada, em lugares em que antes estes corpos não poderiam estar presentes, lugares em que eles efetivamente representam beleza de forma não exotizada.

Além disso, para além dos tipos de poder aqui apresentados, como ferramentas para se alcançar o empoderamento, o poder social, econômico político e psicológico ainda podemos apontar o poder da narrativa, apontado por Rappaport (1995, p. 796) no qual se afirma que pessoas, comunidades, organizações possuem histórias, que influenciam-se mutuamente, e que possuem um efeito poderoso no comportamento humano. Tais histórias não diriam apenas quem somos, mas também como estamos e quem podemos ser.

Rappaport (1995, p. 796) ainda afirma que pessoas ou grupos que não possuem poder político, econômico, social, em geral, têm histórias e narrativas sobre si construídas por outros – no caso das pessoas negras, essas narrativas seriam depreciativas – que detêm esses tipos de poder. É extremamente difícil sustentar mudanças reais sem que, essas pessoas e grupos destituídos de poder, construam diferentes narrativas sobre si, de forma positivada, se faz necessário que pessoas negras lancem um olhar sobre a própria história, sem os imperativos de olhares dominantes, criando configurações que tornem todas as suas atividades, sem exceção, possíveis e consistentes dentro do ideal de empoderamento.

É exatamente isso, a meu ver, que tem sido proposto em espaços como a página “Meninas Black Power”, pois, ali se constrói coletivamente – embora nem toda pessoa negra seja fisicamente igual, e nem todas concordem que o racismo que está atrelado a seus corpos cause sofrimento – um espaço formado por mulheres negras, que constituem um grupo com interesses comuns, dividem narrativas desempoderadoras, marcadas pelo racismo, e buscam construir também coletivamente narrativas positivas sobre seus corpos.

Questionar padrões de beleza não constitui, nesse caso, como uma forma de alcançar auto satisfação e a auto estima, uma vez que, a desvalorização de uma estética corporal vista como negra tem implicações reais e sérias na vida prática de muitas mulheres.

Como será possível observar ao longo desse trabalho, algumas mulheres tem seus empregos, seus cargos colocados em risco, assim como suas capacidades questionadas a partir da adoção de cabelos tipicamente associados a pessoas negras. Assim, questionar padrões de beleza implica também em questionar e denunciar a exclusão de mulheres negras de determinados setores do mercado de trabalho, como a falta de representatividade na mídia de forma não estereotipada, por exemplo, que acaba por levar a outros tipos de desempoderamento.

Embora exista consenso sobre alguns aspectos que podem ser encontrados quando se pensa o empoderamento, como foi apresentado aqui, ele é um conceito que não possui uma definição precisa, pelo contrário, possui vários significados. Logo, um dado importante apontado por Rappaport (1995, p. 797), é que, pelo fato de o empoderamento ser um conceito difuso, e que se dá em diferentes níveis, ele deve ser pensado de forma contextual.

Pensar o empoderamento de mulheres negras nas redes sociais implica, a meu ver, pensar o tipo de opressão que pessoas negras sofrem no Brasil, quais são as características que operam no racismo “à brasileira”, é preciso pensar as características desse espaço virtual e quais possibilidades ele oferece, além do tipo de poder que se quer alcançar nesse espaço.

Antes de pensar efetivamente em que tipo de empoderamento tem se buscado e eventualmente tem se alcançado nas páginas do Facebook, farei uma breve reflexão comparativa à aquela feita por Kobena Mercer (1987), que também pensou o papel da estética corporal e mais especificamente dos cabelos como fatores de contestação da ordem social.

Trago as considerações feitas pelo autor e, partir delas, buscarei pensar porquê no Brasil essa referência estética que busca o “natural” é tão cara, pensando nas especificidades do nosso racismo que difere substancialmente do contexto norte americano, no qual Mercer (1987) estava se referindo ao produzir sua análise.

4. MEU CABELO NÃO É MODA, MEU CABELO É DNA! CABELOS ENTRE A NATUREZA E A CULTURA.

4.1 SOBRE A “NATUREZA” CONTESTADORA DOS CABELOS CRESPOS CONTRA AS MAZELAS DA CULTURA

Essa relação entre a estética corporal e a política antirracista não é nada nova. Mercer (1987) já analisou essa relação, tendo como pano de fundo a cenário dos Estados Unidos, no anos 60, quando a contestação de valores sociais via estética estava bastante em evidencia.

Neste contexto, cabelos como o Black Power e o Dreadloock tiveram sim uma grande relevância em um determinado momento histórico em que representaram rupturas com o chamado “viés branco”, além de contra-politizarem os cabelos, na medida em que foram atribuindo um caráter positivo aos cabelos crespos, conferindo a estes um novo significado, uma nova narrativa.

Falar de contra politização dos cabelos parece contraditório, uma vez que esses dois estilos foram incorporados a movimentos políticos justamente pelo fato de se tratarem de uma expressão de orgulho negro e agirem como bandeira política, mas para Mercer (1987, p. 38) foram os princípios organizadores do evolucionismo e o racismo que primeiramente politizaram nossos cabelos, uma vez que, os inscreveu em uma teia de significados sociais e psicológicos negativos, e com isso, posteriormente, se tornariam símbolo de resistência a esses significados.

Pensando nesse contexto, e no papel que os cabelos “naturais” tiveram, não é de se admirar que a página em questão tenha adotado o nome “Meninas Black Power” fazendo alusão não apenas ao estilo de cabelo mas também a um movimento político importante.

Mercer (1983) nos dá ferramentas para pensar nesses diferentes usos dos cabelos, que vão muito além de aspectos meramente biológico de nossos corpos, uma vez que, eles sempre sofrem algum tipo de manipulação, e são essas manipulações que dão aos cabelos um caráter socializado, ganhando assim o status de matéria prima processada pela cultura, que lhe confere significado e valor.

Para o autor, os códigos vinculados aos cabelos, podem dizer muito sobre um indivíduo ou um grupo, e sobre a ideia de pertencimento. Dessa forma a ideia de raça – como fator que estrutura as relações sociais – é um dos códigos ideológicos que operam na produção de significados, criando polarizações sobre o ser negro e o ser branco que podem ser traduzidas em inferioridade/superioridade, feio/bonito.

Tais oposições, entre outras, seriam fundamentais para se compreender a forma como o racismo divide o mundo, e, pensando em termos estéticos, o cabelo é bastante expressivo dessa realidade, uma vez que, cotidianamente nos deparamos com expressões do tipo “cabelo bom” e “cabelo ruim” para designar cabelos lisos, relacionados a pessoas brancas, e crespos, relacionados a pessoas negras, respectivamente.

De acordo com Mercer (1983, p. 38) as diversas formas de manipulação dos cabelos pode ser problematizada a partir da disputa travada entre natureza e cultura. Quando se coloca esses dois aspectos em oposição, o chamado “viés branco”, acaba por ser reforçado, quando para se atribuir beleza aos cabelos é necessário processá-lo, transformar algo encontrado na natureza em algo com valor social. Mercer (1983, p. 39) faz uma analogia com a ideia de domesticar, como se não pudesse existir beleza inerente ou valor estético antes da manipulação, sobretudo no que toca cabelos crespos.

O autor, citando Stuart Hall, busca tratar da dupla natureza do que chama de “viés branco”, no qual elementos biológicos e culturais mesclam-se na atribuição de status social, e na complexidade dessa chave de leitura social, os cabelos seriam uma área de expressão sensível, uma vez que possui maior maleabilidade e pode ser facilmente alterado pelas práticas culturais, aspecto que se torna significativo na medida que ele se torna um campo de batalha entre o pessoal e a sociedade e entre a natureza e a cultura.

A partir desse ponto de vista analítico, em que se mesclam elementos da natureza e da cultura, é possível reafirmar a importância do ressaltar valores estéticos que não tenham como influência o chamado “viés branco”, que serviria como forma de essencializar ideais de beleza, destituindo as pessoas negras de tais atributos. Isso para buscar romper com os ideais do branqueamento que no Brasil não apenas tem invisibilizado os corpos negros – a partir de elementos culturais – como representantes daquilo que seria belo e recomendável, assim como também buscou inviabilizar a própria existência física do elemento negro no Brasil, através da miscigenação, que

se trata de uma das estratégias de apagamento da população negra que mistura o cultural e biológico.

Parece ser exatamente essa interpretação que a página “Meninas Black Power” tem apresentado através de suas postagens, e das postagens de seus membros, e se pensarmos em seu conteúdo como uma resposta ao viés branco – por isso o apelo a um ideal “natural” – pode-se novamente reiterar seu papel empoderador, na medida em que busca construir diferentes narrativas sobre os corpos negros que nada tem em comum com as narrativas comumente construídas pelo racismo, que simplesmente elimina corpos negros do ideal de beleza ou prega que para que estes se tornem aceitáveis devem ser manipulados ao ponto de se aproximarem de alguma forma com o das pessoas brancas.

Porém é importante ressaltar que está é apenas uma das leituras possíveis, sendo possível criar outras expressões estéticas empoderadoras, que vão além dos estilos “naturais”, como poderá ser observado ao longo do trabalho. Também buscarei fazer algumas considerações na tentativa de compreender porque os corpos, assim como essa manutenção do natural seriam tão importantes no contexto brasileiro.

4.2 A EXALTAÇÃO DO “NATURAL” NA RESISTÊNCIA CULTURAL: A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO PARA SE PENSAR EXPRESSÕES ESTÉTICAS COMO FORMA DE RESISTÊNCIA.

Para além da exaltação dos corpos negros como bandeira política – cuja cultura inscreveu aspectos negativos que, nesses espaços, passam a ser não apenas questionados mas também ganham novas dimensões – surge outro aspecto que merece alguma atenção: a exaltação – através dessa representação do “natural” e dessa valorização do “natural” – não apenas de uma estética propriamente negra, mas também de uma ideia de ancestralidade e de retorno às origens, de uma essência relacionada a África, bastante recorrente nos depoimentos das seguidoras da página “Meninas Black Power”, como pode ser observado nos posts a seguir:

IMAGEM 22 - CABELOS NATURAIS E IDEIA DE RETORNO A "AFRICANIDADE"



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/504396496301095/?type=3&theater>

IMAGEM 23 - CABELOS NATURAIS E IDEIA DE RETORNO A "AFRICANIDADE"



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/397910970282982/?type=3&theater>

IMAGEM 24 - CABELOS NATURAIS E IDEIA DE RETORNO A “AFRICANIDADE”



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/547099502030794/?type=3&theater>

IMAGEM 25 - CABELOS NATURAIS E IDEIA DE RETORNO A “ORIGEM”



FONTE: <https://www.facebook.com/meninasblackpower/photos/a.107723722635043.13512.107719415968807/514700225270722/?type=3&theater>

Essa relação entre cabelos naturais e subversão dos padrões de beleza, entre a natureza em meio a cultura não é algo novo, essa mistura entre o que seria herança cultural e aquilo que é biológico também não são novas. Essa relação já está colocada no trabalho de Mercer (1987), e a partir desse aspecto é possível começar a pensar a

questão estética com um olhar um pouco diferente do apresentado até aqui. Ressalto que a intenção não é deslegitimar essa valorização do “natural” tão pouco questionar essa representação dos cabelos, que denota pertencimento e ancestralidade de acordo com os espaços investigados, minha intenção aqui é mostrar que a partir de uma pluralidade de ideias usadas para justificar o lugar alcançado pelo “natural” nesse questionamento estético do racismo, podemos também, encontrar outras possibilidades igualmente empoderadoras.

Mercer (1987, p. 38) aponta para o fato de que na relação existente entre natureza e cultura presente na estilização dos cabelos crespos – o estilo Black Power e o Dreadlock – seriam privilegiados, como modelos de subversão da ordem, devido a sua ligação com uma noção de “natural” em detrimento dos alisados que ganhariam uma conotação ruim devido a sua ligação com o “artifício”. Essa relação – elevando o “natural” a um status valorizado e representativo das pessoas negras – serviu como justificativa para que determinadas formas de estilizar os cabelos crespos fossem mal vistas entre grupos politizados, assim como ocorre no Brasil, os alisamentos são quase que via de regra, relacionados a uma necessidade de adequação a um ideal de beleza normativo que contempla características brancas, como será possível observar nos comentários sobre o post intitulado “Dez belas negras brasileiras empoderadas com cabelos lisos”, que será apresentada posteriormente nesse trabalho..

Com relação a essa ideia de “natural” o autor afirma, primeiramente, que todo cabelo, sem exceção, passa por algum tipo de manipulação, sendo matéria prima para diferentes práticas culturais e inserção social. Dessa forma, nenhum cabelo seria apenas “natural”, e seus significados variam com o contexto histórico-cultural no qual está inserido.

Pensando no contexto norte americano dos anos 60, em meio a contracultura, Black Panthers e a ascensão dos Dreadlocks e do Black Power, o autor afirma que essa ideia de “natural” surgiu como um código simbólico alternativo ao hegemônico.

Foi essa lógica naturalista – que permitia o crescimento sem limites e sem um molde – em que, quanto maior o cabelo, maior seria o conteúdo consciente e politizado, que serviu, durante muito tempo, como uma solução contra a opressão estética advinda do viés branco. Essa proposta converteria o crespo estigmatizado em um símbolo de orgulho, e, ao relacionar tal estilo de cabelo com a natureza, e com

a “África”, opôs-se a qualquer tipo de técnicas tidas como artificiais, pois, estas remeteriam a imitação de estilos de cabelo eurocêntricos.

Isso seria representativo do que Mercer (1987, p. 39) identifica como “economia da oposição”, também dependia da adoção de determinados tipos de vestimenta, que foram incorporadas por movimentos políticos da época. Embora pareça reducionista tratar esses movimentos políticos em termos estéticos, o autor enfatiza que foi justamente a atenção que esses estilos ganharam nos meios de comunicação de massa que deram visibilidade às lutas dos movimentos negros nos anos 60.

De acordo com Mercer (1987, p. 40) essas mudanças resultaram em uma ideia de reconexão com a “África” e esse processo contra hegemônico ajudou a redefinir uma pessoa negra da diáspora. Nesse caso, o norte americano, deixou-se de ser negro para ser afro-americano.

Tanto os cabelos Afro ou “naturais” quanto os Dreadlocks fizeram parte dessa lógica naturalista de aproximação com o continente africano, o último agregando a doutrina rastafári, de caráter religioso, que, através de uma releitura da bíblia, identifica a Etiópia como “Sion”, a terra prometida e proíbe o corte dos cabelos, celebrando assim a própria materialidade dos cabelos crespos, que emaranham-se de forma orgânica.

Ambos os estilos defendiam uma estética do natural que, buscavam libertar a materialidade dos cabelos crespos das opressões da lógica racista. Porém, para Mercer (1987, p. 42), tal ideia levou apenas a uma inversão de categorias que, além de limitada, ainda tinha como referência um binarismo e dualismo, cunhados pela filosofia ocidental Iluminista, em que tudo que era relacionado a África – temos exemplos na filosofia de Hume e Hegel – era visto como selvagem e rude em seu estado de natureza, o que reforçaria a anulação de qualquer beleza relacionada as pessoas negras em suas suposições.

Teria sido apenas com Rousseau e posteriormente com o Realismo e o Romantismo no séculos XVIII e XIX que a “natureza” passa a ser vista como fonte de tudo que é bom e belo, mas as pessoas negras não estavam inclusas nessa lógica. Tal situação só foi subvertida no século XX quando o Afro e o Dreadlocks com sua “estética da natureza” poderia inverter a polaridade racial.

Porém, como foi dito anteriormente, a mera inversão de categorias foi limitada, uma vez que a proposta contra hegemônica, ao se pautar no “artifício” como

característica branca europeia, e no “natural” como forma de capacitar os sujeitos negros apoiou-se, por exemplo, em uma ideia de natureza extremamente romantizada que aciona uma ideia imaginária e homogênea do que seria a “África”.

Logo, o apelo ao natural, pautado nessa relação “imaginária” com a “África”, que idealiza, homogeneiza e ignora a diversidade cultural presente no continente, seria um argumento falho e fraco, além de reforçar ideias estereotipadas do que seria a África e o ser pessoa negra.

Mercer (1987, p. 43) traz esses elementos para mostrar que, os aspectos subversivos presentes na cultura afro-americana surgiram em diálogo entre subculturas negras e brancas no contexto norte americano, e não entre negros norte-americanos e o continente africano, e o mesmo pode-se afirmar sobre o contexto brasileiro, uma vez que, os ideais estéticos tidos como propriamente negros são construídos a partir de um diálogo com a branquidade e entre as próprias mulheres negras, como observado nas páginas estudadas.

Logo, tanto o estilo de cabelos Afro quanto o Dreadlock, seriam fruto desses diálogos e desse contexto específico o que tornaria muito frágil o argumento naturalista da ligação com a “África” em contrapartida ao “artifício” ocidental.

Até porquê, de fato, principalmente o estilo Afro não tinha nenhum ponto de referência nas culturas africanas em que, os cabelos raramente são deixados para crescer “naturalmente”, sem intervenção, pelo contrário, existiria uma gama de estilos de trançados ricos e complexos, presentes nessas variadas culturas. Assim não seria, então, o artifício que oporia à estética africana a branca ocidental, mas sim, a incorporação das práticas de embelezamento na vida cotidiana, sendo colocada dentro do que Mercer (1987, p.43) chama de “economia complexa de códigos simbólicos” que dizem respeito a vida comunitária e com a tradição.

Nesta lógica estética, propriamente africana, o Afro e os Dreadlocks não operariam como símbolos de africanidade e sim teriam relação com o ocidente. Eles seriam estilos de contestação diaspóricos, e, por mais que tenham sido criados com o intuito de exaltar o “natural” e as raízes, no continente africano eles teriam uma orientação moderna.

Para além do fato de não se identificarem com uma orientação cultural africana, Mercer (1987, p. 44) ainda afirma que não teriam nada de natural, como se afirma, tanto os cabelos “Afro” quanto os Dreadlocks dependeriam de técnicas artificiais - com a ajuda de pentes e de trançados – para atingir suas formas e portanto

seu significado político. Ao abraçarem o naturalismo acabaram por identificarem-se muito mais com ideais de beleza europeus do que africanos.

É sob a ótica da relação contraditória das culturas negras e brancas em sociedades da diáspora negra, que o autor deixa bastante evidente que, estilos de cabelo como o “Afro” e o Dreadlocks, tidos como subversivos do padrão hegemônico de beleza, são criações do Novo Mundo, uma vez que não se encontrou referencial nas culturas africanas¹⁰.

Após avaliar a questão estética através de um olhar histórico-sociológico, Mercer (1987, p. 36) propõe uma análise com um outro olhar, para além do “viés branco”, que não apenas universaliza valores como também normatiza lugares sociais que se subscrevem a um nível subjetivo, fazendo com que as pessoas acabem por reconhecer esses valores como algo constitutivo de si.

Para ele, seria um tanto complicado atrelar consciência política e questões identitárias a usos específicos de determinados penteados, o que ocorreu com muita força nos anos 60, quando o estilo Black Power surgiu como símbolo do orgulho negro e como bandeira política, pois, essa ideia ignora a relação dialética existente entre o eu e a sociedade, além de ser negligente com as liberdades de escolha individuais.

Agora, pensando essa relação entre natureza e cultura a partir do contexto brasileiro, cujas relações étnico raciais se construíram de forma um tanto quanto diferentes do contexto norte americano, é possível apontar para fraquezas semelhantes no argumento do uso da estética corporal naturalista como bandeira política?

Acredito que alguns fatores devem ser considerados para a resposta a essa pergunta. Primeiramente é preciso apontar para o fato de que nos Estados Unidos as relações raciais se construíram a partir de um separatismo muito forte. De acordo com Skidmore (1991, p. 6) não seria novidade, nem para brasileiros e nem para aqueles que visitam o país que, diferentemente dos Estados Unidos – cujo modelo de segregação e classificação racial foi assimilado pelos europeus – que vive uma dicotomia entre brancos/negros ou brancos/não brancos, situação reforçada e institucionalizada por um regime de segregação racial, no Brasil, esses limites não são muito bem estabelecidos.

¹⁰ Não encontra referencial nas culturas africanas, pelo menos pela ótica do naturalismo, no caso do Dreadlock, é possível afirmar que existe sim referencial, porém, referencial que envolve técnica.

Assim, pode-se afirmar que, culturalmente também não houve, no contexto norte americano, um apelo a miscigenação como em nosso país – e embora a mistura exista em algum nível – negros são negros e brancos são brancos, não existem subcategorias como “moreno” ou “pardo”, as fronteiras étnicas seriam bem demarcadas, por se tratar de um tipo de preconceito que, de acordo com Nogueira (2006, p 292), seria mais relacionado a origem étnica.

De acordo com Skidmore (1991, p. 6) no Caribe e América Latina, embora tenha existido tentativas de impor a endogamia racial, a colonização acabou por deixar um legado multirracial que resultou em, no mínimo, três categorias distintas (brancos, mestiços e negros), ressaltando que, entre uma pessoa negra “pura” e um mestiço de pele muito clara existiriam inúmeras gradações, que seriam refletidas nos infindáveis rótulos relativos a cor em uso corrente no Brasil.

De todos modos, é necessário ressaltar que ser negro, no contexto norte americano, seria uma categoria bastante abrangente, pois incluiria pessoas de pele clara, independente do quanto estas se pareçam ou não com pessoas de descendência africana, o que se daria de forma diferente no Brasil, onde o racismo seria de marca. No primeiro, bastaria a suspeita de que um indivíduo pertencesse a um determinado grupo étnico para que este fosse de alguma forma depreciado, já no segundo tipo de preconceito, o racismo se manifesta a partir de traços físicos, ou seja, estaria diretamente relacionado com o corpo e com performances.

Apesar de existirem essas diferentes formas de se conceber o racismo – presentes nos contextos culturais brasileiro e norte americano – é preciso ressaltar que elas são, de acordo com Nogueira (2006, p. 292), tipos ideais, conceitos abstratos que não serão encontrados de forma “pura” em situações concretas.

Prova disso, estaria presente em um exemplo dado por Mercer (1987, p. 37) em que ele afirma que nas sociedades de plantation, onde havia uma economia baseada no comércio de escravos, especialmente nos Estados Unidos e Caribe, implantou-se uma ideia de “pigmentocracia”, em que a divisão do trabalho era feita a partir de uma hierarquia racial, em que a posição social poderia confundir-se com a própria cor da pele. Assim cada grupo étnico seria valorizado por sua inclinação a brancura, que ele chama de “viés branco”. Nesse sistema de valores, tudo aquilo que se aproxima do “africano” – seja em termos culturais ou físico – seria desvalorizado com relação a tudo que se aproxima ou se relaciona com a cultura ou o fenótipo

européu, logo, o quesito aparência pode ter sido, e ainda pode ser, em algum momento, parâmetro para se estabelecer hierarquias também nesses contextos.

Assim, é preciso ressaltar que mesmo no contexto norte americano essa fixidez na forma como pessoas negras são categorizadas e na forma como vivenciam o “ser negro ou negra” é algo bastante questionado como pode ser observado no Colorismo que trata-se de uma categoria de análise que procura dar conta das diferenças entre ser pessoa negra de pele clara e pessoa negra de pele escura e com os traços diacríticos mais acentuados.

De acordo com Hunter (2007, p. 237) seria um processo discriminatório em que se privilegia pessoas de pele clara em detrimento de pessoas de pele mais escura, assim, seu objeto privilegiado seria a cor da pele e não a identidade racial. Para Hunter (2007, p. 238) existem pelo menos duas formas de preconceito operando no contexto norte americano, uma delas está relacionada a categoria racial, podendo englobar outros grupos além das pessoas negras, como os latinos e asiáticos, por exemplo. Indépende da aparência física estes grupos estariam sujeitos a sofrer algum tipo de restrição, No segundo tipo de discriminatório apresentado, o Colorismo, embora todas as pessoas negras sofram discriminação, a frequência e o resultado dessa discriminação vai variar de acordo com o nível de pigmentação da pele.

Dessa forma, raça e cor agiriam de forma conjunta, pois os dois sistemas discriminatórios estariam conectados, embora se tratem de sistemas distintos, Hunter (2007, p. 238) coloca como exemplo o fato de que um mexicano de pele clara pode sofrer racismo, apesar da cor de sua pele, porém, um mexicano de pele escura será duplamente atingido pelos sistemas discriminatórios, pelo racismo e pelo Colorismo. O racismo seria entendido como um processo social mais amplo e sistêmico, enquanto o Colorismo seria uma manifestação do mesmo.

Para Haris (2008, p. 60) no contexto norte americano as identidades raciais não são dadas ao indivíduo logo ao nascer, e determinadas pela aparência, e não se trata de um traço imutável, elas são em grande medida performatizadas, se tratando de uma integração complexa entre o dado e o contingente, ou seja, entre o que se é, do ponto de vista físico e aparente, e as performances que são adotadas.

Seria uma matriz complexa de relações limitadas pela aparência¹¹ que é uma espécie de capital cultural que se pode utilizar para acessar sucesso político, econômico e social que somado a performance social (que pode fazer as pessoas aproximarem-se ou afastarem-se de atividades codificadas como “negras” ou “brancas”, é a partir da relação entre esses dois aspectos que as identidades vão se construindo. Ao observar o Colorismo a autora aponta para o fato de que a cor seria apenas uma parcela da interação entre a fisionomia percebida, os comportamentos e expectativas e os pressupostos culturalmente transmitidos, tudo isso teria, conjuntamente, uma parte na formação da chamada identidade racial.

Assim pode-se observar que, o quesito cor e corpo são apenas uma parte constitutiva do racismo nos EUA, juntamente com a origem étnica e a performance, sendo este último intrinsecamente relacionado ao Colorismo uma vez que, como aponta Harris (2008, p. 60), adotar performances diferentes daquelas que se espera de uma pessoa negra pode ser um fator “branqueador”. Ela dá como exemplo o fato de que quando pessoas não brancas procuram ter sucesso em ambientes hegemonicamente brancos, muitas vezes, acabam por renunciar a atividades, performances e convivências tidas como pertencentes a grupos “minoritários”.

Já no Brasil racismo e preconceito de cor são inseparáveis – embora esse aspecto do preconceito representado pelo Colorismo seja muito próximo do racismo brasileiro – pode-se afirmar que, por ser a base no nosso racismo, o imperativo do corpo pode ser mais pesado, embora a performance também seja um fator considerado, podendo ser agravante das situações nas quais o racismo se manifesta.

No Brasil – principalmente no pós escravatura – as relações étnico raciais passam a ser mais evidentemente marcadas pelo branqueamento, que, de acordo com muitos que estudaram o fenômeno, passa a ser retratado como um algo irreversível, havendo, inclusive, teorias de que entre 50 e 200 anos após abolição, não haveriam mais pessoas negras no país, como aponta Schwarcz ao referir-se ao trabalho de João Batista de Lacerda:

“A população mista do Brasil deverá então ter, dentro de um século, um aspecto bem diferente do atual. As correntes de imigração europeia, que aumentam a cada dia e em maior grau o elemento branco desta população,

¹¹ Aparência, para Harris (2008, p. 60) – pautada em estudos da psicologia – no Colorismo, seria um complexo que envolveria não apenas a cor da pele, mas aspectos como forma do nariz, olhos, lábios e textura dos cabelos.

terminarão, ao fim de certo tempo, por sufocar os elementos dentro dos quais poderiam persistir ainda alguns traços do negro”. (SCHWACZ, 2011, p. 239 apud LACERDA, 1911)

É possível perceber o grande apelo, entusiasmo e expectativas, advindas da possibilidade da miscigenação e branqueamento. Ou seja, através de sua vigência – tanto concreta quanto ideológica – o branqueamento, faria com que a “situação” racial no Brasil (com pelo menos a metade da população constituída por pessoas negras) fosse reversível via miscigenação.

A miscigenação, vista como característica distintiva do Brasil, teoricamente ovacionada por autores como Gilberto Freyre, passa a ser vista como o fator que constituiu a nação brasileira, o autêntico cidadão brasileiro, também serviu como arma ideológica contra a construção de um país negro ou indígena. Foi responsável pela criação de uma série de definições intermediárias das pessoas afro descendentes, como moreno, “mulato”, pardo, entre outros. Dessa forma, ser negro em nosso país passa a ser algo negociável, amenizável, a partir da miscigenação, devido aos ideais do branqueamento que permeiam as relações étnico raciais, tanto biologicamente quanto culturalmente.

Assim, no contexto brasileiro, assumir símbolos de beleza tidos como brancos não se trata apenas de absorver passivamente os valores hegemônicos. Também é visto como uma forma de desarticular movimentos e ideias de pertencimento, uma vez que, as subcategorias criadas pelo branqueamento tornam o ser negro algo negociável. Minimizar os traços diacríticos pode colocar pessoas negras em outras categorias, principalmente, quando se trata de pessoas negras de pele clara, pois, a pele escura seria o único traço distintivo de uma pessoa negra que não teria um caráter tão mutável ou amenizável. Uma pessoa negra de pele escura sempre será lida como negra, independente de outros traços diacríticos, sendo potencialmente mais passíveis de sofrer racismo.

Outra questão a ser considerada é que embora muito se fale sobre ancestralidade e se faça menção a um referencial de beleza naturalista que remete as raízes africanas – assim como ocorreu nos Estados Unidos durante os anos 60 e que foi criticado por Mercer (1987) como visto anteriormente – a relação entre natureza e cultura aqui toma outros rumos que também são afirmados independente dessa relação natural/África, artifício/Europa.

Aqui a exaltação do natural como forma de resistência se dá em um contexto em que o natural e o cultural sofrem interferências mútuas na negação do elemento negro. Nesse ponto, voltamos ao branqueamento e a miscigenação como aquilo que distingue o povo brasileiro, uma vez que, para que o país se constituísse culturalmente enquanto o lugar da democracia racial e da mistura, era necessário que se apelasse para um componente biológico como a miscigenação. Ao mesmo tempo, esse aspecto foi transformado em componente cultural pois passou a ser responsável pelo traço distintivo da nação brasileira que é a mistura racial.

Esse componente cultural passa a ser prescrito e visto como bom, na medida em que amenizava a participação do elemento negro e indígena na “construção” do povo brasileiro, seja do ponto de vista cultural, expresso nas manifestações culturais como um todo, seja do ponto de vista biológico, expresso no branqueamento físico e criação de subcategorias como moreno, “mulato”, etc. que não seriam prontamente identificados como pessoas negras.

Assim, o corpo e o biológico se tornam, em nosso contexto histórico, social e cultural, um campo de batalha privilegiado – construído a partir da realidade local em que se utilizou de um branqueamento biológico e cultural para invisibilizar a contribuição negra na constituição do povo brasileiro – em que a miscigenação e a “morenidade”, torna o ser pessoa negra algo fluído e, torna assim, a imagem corporal especialmente importante na construção da negritude¹².

Seria essa uma explicação para essa supervalorização dos cabelos “naturais”, que não necessariamente remetem a aspectos das culturas presentes no continente africano, nem a uma ancestralidade e seus legados culturais. Mas sim, está relacionada a cabelos que remetem a uma descendência do ponto de vista biológico, possibilitando a existência física das pessoas negras com os cabelos que nascem naturalmente na sua cabeça – cabelos estes, que passaram a ser um significante negativo pela interferência cultural – uma vez que, a opressão sofrida pelas pessoas negras aqui, buscou aniquilar os corpos negros através de artifícios biológicos, como a miscigenação, e não apenas através de um apagamento cultural.

¹² Para Domingues (2004) o termo Negritude, no Brasil teria ganhado um caráter multifacetado, que precisa ser compreendido a partir de contextos históricos. No Brasil, trata-se de um termo dinâmico, de caráter político dando subsídio para as ações do movimento negro organizado, ideológico no sentido de promover a ideia de consciência racial e cultural atuando na promoção positiva e valorizada de manifestações de matriz africana

Talvez seja justamente esse aspecto que torna o corpo tão central na discussão contra o racismo aqui no Brasil, pois, as estratégias utilizadas para o genocídio da população negra em nosso país, não atuaram apenas sob formas simbólicas de desqualificação e destituição das pessoas negras, elas também agiram a um nível biológico, visando uma invisibilização por meio da amenização e eliminação de traços distintivos por meio da miscigenação.

Dessa forma, o corpo lugar privilegiado em que cultural e biológico se encontram seria uma ferramenta ativa para o questionamento de padrões racistas, uma vez que, mantê-lo próximo a uma ideia de “natural” com seus fios crespos, sem interferências cirúrgicas e diminuindo, ou minimamente não acentuando os efeitos da miscigenação seria uma das formas de atuar diretamente contra o branqueamento, característica muito própria do racismo no contexto brasileiro.

Longe da ideia de prescrever estilos de cabelo e performances mais subversivos ou questionadores, o que se propôs aqui foi apontar para o fato de que existem outras formas de pensar o papel da estética corporal no questionamento do racismo para além do viés branco, que tem o branco europeu como referência, que que relaciona pessoas negras a natureza e pessoas brancas a cultura.

Porém, cada possibilidade deve ser pensada a partir do contexto no qual surge, assim, no Brasil do branqueamento e da miscigenação, talvez exaltar certas características físicas próprias dos corpos negros seja uma estratégia mais eficaz do que em outro contexto em que ser negro seja um aspecto menos negociável.

Embora esse argumento pareça convincente, hoje pode-se dizer que outras possibilidades também vem surgindo, e que manter os cabelos próximos ao “natural” já não seria mais a única forma de resistir esteticamente, existindo também questionamentos dessa padronização de estilos questionadores por parte das páginas observadas para esse trabalho, como veremos na sequência.

4.3 CABELOS LISOS E EMPODERAMENTO: OUTRAS POSSIBILIDADES

Como é de se esperar, não existe um consenso total sobre o papel dos cabelos e do assumir uma estética corporal negra na construção da negritude. Existem alguns questionamentos sobre o assunto, que são perpassados pela ideia de liberdade, de poder escolher qual estilo de cabelos utilizar e de que pessoas negras tem tanta autonomia para escolher que estilo de cabelo usar quanto qualquer outra pessoa, sem

que isso pese no quão negro (e consciente) uma pessoa realmente é. Isso porque, muitas vezes, adotar o uso de cabelos lisos implica em críticas, no sentido de que tal atitude seria sinal de vergonha de seu corpo e de ser pessoa negra.

A matéria a seguir foi retirada da página “Geledés Instituto da mulher negra” e foi escrita por Larissa Cunegundes, jornalista e blogueira, em que ela afirma ser um drama para as mulheres negras alisadas serem vistas ou tratadas como menos negras pelo fato de alisar os cabelos.

Ela afirma que problemático seria o fato de “esconder-se atrás de cabelos alisados para ser aceita” mas que, no caso dela o alisamento seria uma decisão tomada por vontade própria, vinda de alguém que sabe exatamente quem é – uma mulher negra de cabelos crespos – e que tal escolha estaria perpassada pela ideia de que viveríamos em uma democracia, e que ela seria uma mulher livre para tomar tais decisões.

Ela também fala da não representatividade das mulheres negras que alisam os cabelos, embora ela não deixe muito explícito, acredito que se trata de um não reconhecimento por parte da comunidade negra de que essas mulheres seriam representativas de beleza e orgulho negro, assim ela apresenta na matéria dez mulheres negras de cabelos lisos ou alisados, que seriam para ela, representativas da beleza negra:

IMAGEM 26 - MULHERES NEGRAS EMPODERADAS DE CABELOS LISOS



FONTE: <https://www.geledes.org.br/10-belas-negras-brasileiras-empoderadas-com-cabelos-lisos/#gs.RuRKRQ>

Para a autora da matéria, o empoderamento viria do ato de reconhecer-se enquanto mulher negra, e de gostar de si, independente das escolhas estéticas que essas mulheres vieram a fazer. Porém, o assunto é bastante controverso e gera bastante discussão, a própria página “Geledés”, divulgou a matéria uma segunda vez expondo o fato de que ela gerou protesto por parte de alguns seguidores, como apresentado a seguir, juntamente com alguns comentários sobre o post:

IMAGEM 27 - CRITICAS A MATÉRIA SOBRE ALISAMENTO



FONTE: <https://www.facebook.com/geledes/>

IMAGEM 28 - COMENTÁRIOS DOS SEGUIDORES SOBRE A MATÉRIA: 10 BELAS NEGRAS BRASILEIRAS EMPODERADAS COM CABELOS LISOS

 **Mariane Menezes** Temos que usar o cabelo da maneira que gostamos. Eu passei pela transição e quando meu cabelo já tava praticamente natural, eu alisei novamente, pq percebi que eu me sentia muito melhor de cabelo liso. Acho maravilhoso cabelo cacheado, crespo, black... Entao acredito que devemos usar o cabelo da maneira que achamos melhor. E eu optei pelo liso
 Curtir · Responder · 57 · 24 de setembro de 2016 às 11:59 · Editado

 **Bia Sant'Anna** Eu usava liso, fiz a transição, usei meus cachos por 3 anos e alisei de novo pq é mais pratico pra cuidar! Mas nada me impede de transicionar de Novo. O cabelo é meu, o corpo é meu, quem tem que gostar sou eu!
 Curtir · Responder · 37 · 24 de setembro de 2016 às 10:27

 **Flávia Dos Santos** A possibilidade desta escolha esta diretamente e profundamente ligada com a consciência racial! Que seja livre se não for mais uma obrigatoriedade da estética ocidental escravagista! Ainda vivenciamos as nunaces e imposições da estética branca sobre nossos corpos negros... Se a escolha se der por autonomia será sempre bem quista, ora se for por indulgência racista digo e repito: [#NenhumPassoAtras](#)
 Curtir · Responder · 36 · 24 de setembro de 2016 às 10:38

↳ 2 Respostas

 **Janaina Ribeiro Lopes** Ninguém é obrigado a nada realmente, cada um faz o que quer com o cabelo. Mas que a opção pelo alisamento muitas das vezes é uma busca, mesmo que inconsciente, de ser mais aceita pela sociedade eu acredito sim.
 Curtir · Responder · 29 · 24 de setembro de 2016 às 10:31 · Editado

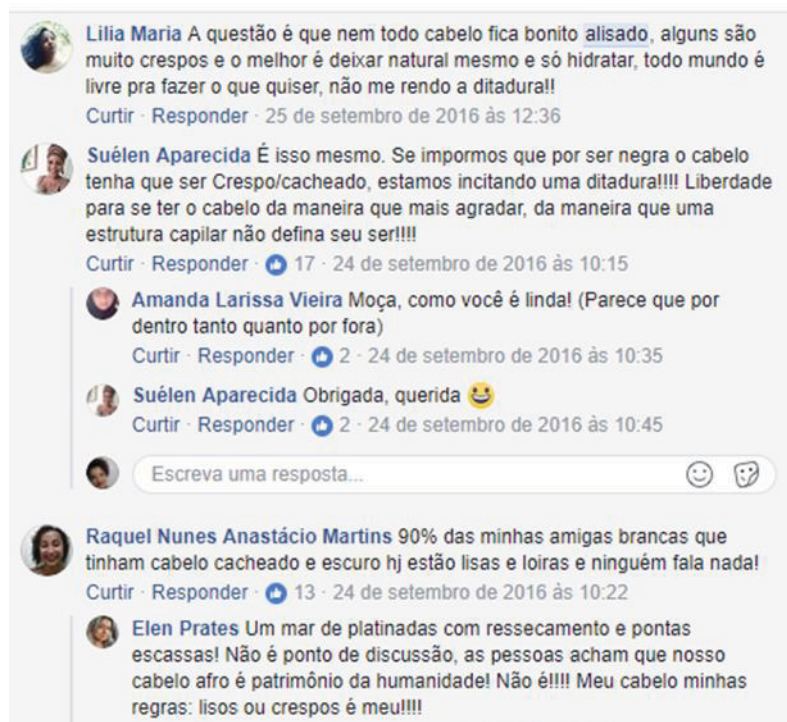
 **Dione Santos** Acho que o que deve ficar claro é que o alisamento muitas vezes esconde uma necessidade de ser aceita. Eu mesma, muito consciente da minha negritude, fui confrontada com essa necessidade quando estava na transição, por isso muitas menina falam da dificuldade de assumir o cabelo crespo. Porque nesse momento vc confronta todos os estereótipos negros que as pessoas falam (cabelo sem arrumar, cabelo pra cima, parece uma louca, cabelo duro, entre muitos outros). Por isso o cabelo crespo não é só estético, é tbm resistência!
 Curtir · Responder · 7 · 24 de setembro de 2016 às 11:00

 **Tayna Vieira** Fui ler a matéria pq gosto de representatividade, principalmente por usar cabelo com escova. Olha que engraçado a Larissa Cunegundes foi a minha inspiração pro corte da franja, achei ela no insta e foi ai que eu vi que eu também podia. Sempre que quero... Ver mais
 Curtir · Responder · 4 · 24 de setembro de 2016 às 12:58

 **Vanda Vieira** Eu uso meu cabelo naturalmente crespo, minhas filhas já usaram, hoje alisam. As mulheres de outros grupos usam como querem, porque essa vigilância sobre nós? Mania desse povo de ficar cuidando da vida alheia.
 Curtir · Responder · 25 de setembro de 2016 às 18:23

 **Elen Prates** Meu cabelo minhas regras! Tenho o direito de mudar sempre que quiser! Liso ou crespo o cabelo é meu e isso não influencia em minha identidade como a mulher negra que sou!!! Amo minha cor e meu cabelo, mas gosto de mudar, isso não muda quem sou!
 Curtir · Responder · 25 de setembro de 2016 às 12:04

 **Betania De Fatima Fagundes** Acima de tudo tenha personalidade use o que for melhor pra vc, não ligue para a opinião de ninguém se vc está feliz com seu cabelo liso ou crespo. Ande sempre de cabeça erguida. Criticar cabelo liso é palhaçada, isto é uma ignorância absurda.
 Curtir · Responder · 25 de setembro de 2016 às 14:53



FONTE: <https://www.facebook.com/geledes/>

Como é possível observar a partir dos comentários, todos feitos por mulheres negras, que o uso ou não uso dos cabelos crespos passa a ser colocado em termos de escolha individual e não mais como fator de ligação com um determinado grupo ou como algo primordial para contestação dos padrões de beleza vigentes.

Aqui se aponta também para o perigo de se sair da “ditadura dos lisos” para se cair em uma “ditadura dos crespos” em que a liberdade das mulheres negras acaba por ser novamente limitada. Pode-se perceber que, embora o Geledés não tenha exposto o tipo de crítica que a matéria gerou ao ser postada, boa parte das mulheres que questionam os alisamentos, nos comentários, trazem o argumento de que, na maioria das vezes, as técnicas para alisar são utilizadas por necessidade de aceitação, de enquadramento, mas seu uso não seria um problema quando advém de escolhas livres e conscientes.

Outras mulheres favoráveis a livre escolha, ainda questionam o fato de que mulheres brancas promovem as mais diversas transformações em suas aparências sem que sejam alvos de crítica, logo, porquê mulheres negras não poderiam ter livre escolha?

Sobre estas tensões também é possível fazer algumas considerações a partir do trabalho de Mercer (1987), pois, este afirma que as pessoas negras da diáspora também seriam protagonistas na criação de estilos próprios e não absorveriam

passivamente as influências e padrões de beleza relacionados a estética corporal branca.

O autor, pensando no contexto norte americano, fala da existência de um processo de interculturação em que, nesse diálogo complexo entre subculturas negras e brancas norte americanas existem processos de apropriação que, diferente do que se costuma defender não seriam transversais.

Para ele essa ideia de aculturação transversal, como se as subculturas negras apenas absorvessem cultura branca de forma irrefletida e caricata, sem nada contribuir na criação de novos estilos seria uma concepção bastante racista. Ele exemplifica tal fato buscando elementos da música, como o jazz, e do vestuário – como o zoot – que foram incorporados à cultura branca e de classe média. Até mesmo o corte de cabelos dos chamados skinheads, que surgiu entre jovens da classe operária inglesa entre 1967 e 1968 – cujos cabelos eram totalmente cortados – teria sua inspiração no look soulboy dos anos 60, que tratava-se do mesmo estilo de cabelos, porém, enquanto um caracterizava-se como uma forma de “solução” clássica para os cabelos crespos, talvez no intuito de tornar os cuidados mais práticos, o outro se tornou símbolo de supremacia branca.

Esses exemplos seriam indícios de que tudo aquilo que passa por um processo de apropriação pode ser ressignificado, podendo ganhar uma tônica completamente diferente. No caso dos estilos de cabelos negros alisados, as técnicas de alisamento, o tipo de sociabilidade que se cria (nos espaços dos salões, nos canais do YouTube) entre outros fatores seriam o elemento diferencial, ou “creolizante” como chamou Mercer (1987).

Assim, é possível afirmar também que, a partir das considerações feitas por Mercer (1987) – tendo em vista que ele está se referindo a um contexto em que não se pode escapar a categorização “pessoa negra”, quando se é lido socialmente como negro, o que não é necessariamente o caso do Brasil – qualquer estilo de cabelos, em determinado momento histórico pode ser considerado subversivo.

Mercer (1987) defende a concepção que, da mesma forma que o “Afro” e o Dreadlocks serviram como resposta ao viés branco em determinado momento histórico, o conk (estilo de cabelo alisado) e os cabelos permanentados ou coloridos também teriam seu papel subversivo em contextos diferentes.

O conk – estilo utilizado por homens negros desde os anos 40 – por exemplo, teria um resultado ambíguo, ao incorporar traços e formas convencionais a pessoas

brancas, apenas para perturbar a norma. Isso porque pessoas negras e cabelos lisos e/ ou coloridos não parecia uma combinação muito convencional, além do fator “liberdade de ter o cabelo que quiser” que também não parece muito condizente com o que a hegemonia branca espera de pessoas negras, essa liberdade ligada a ideia de não convencional é muito parecida com os estilos adotados pela geração tombamento, apresentada no início desse trabalho.

Talvez essa característica não convencional de pessoas negras com cabelos lisos também possam, de alguma forma ser perturbadora da ordem no contexto brasileiro, uma vez que essas mulheres estão se colocando em “lugares de beleza”. Se tomarmos como exemplo as mulheres que foram citadas na matéria da página “Geledés” – “10 belas negras brasileiras empoderadas com cabelos lisos” – boa parte delas estão no mundo da moda, dos blogs, elas são youtubers, influenciadoras, e muitas estão se tornando referenciais para outras mulheres negras, uma vez que, corpos negros foram historicamente destituídos da beleza que elas representam.

Logo, essas mulheres de cabelos alisados também estariam, de alguma forma contestando a norma, também estariam promovendo, a sua maneira a subversão, ocupando lugares que lhes foram negados historicamente, até porque, no Brasil do branqueamento a própria persistência de uma existência em corpos negros já parece, por si só, subversiva de uma ordem cujo o objetivo era branquear fisicamente e culturalmente sua população.

4.4 MULHERES NEGRAS, CABELOS LISOS OU CABELOS CRESPOS?: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS IMPLICAÇÕES PRÁTICAS DE SUAS ESCOLHAS.

Algumas das seguidoras, com já dito anteriormente, que comentaram o *post* “10 belas negras empoderadas com cabelos lisos” – presentes nas imagens anteriores – argumentam que, por mais consciente de sua existência enquanto pessoa negra, muitas das mulheres que alisam ainda o fazem devido a uma necessidade inconsciente de enquadrar-se ao padrão, ou mesmo de ser aceita, como já foi apontado ao pensar a estética corporal negra a partir dos imperativos do viés branco.

Essa necessidade de aceitação, muitas vezes, não se trata apenas de uma necessidade de ser bem vista em determinados espaços ou mesmo de ser considerada bonita – o que a princípio, para alguns, pareceria uma necessidade fútil – tal fator envolve questões mais complexas, como a exclusão de determinados

espaços. Aqui, a ideia de livre escolha e de liberdade individual, quando observada fora dos espaços de socialização em que há um público majoritariamente negro, não parece funcionar tão bem. Fora desses espaços as “escolhas” e o direito de exercer uma liberdade do ponto de vista da estética corporal pode ter consequências diretas em termos de acesso e conquista de espaços, como podemos observar nos posts de denúncia, da página Geledés, a seguir:

IMAGEM 29 - MÉDICA SOFRE RACISMO POR USAR DREADS



FONTE: <https://www.geledes.org.br/medica-sofre-racismo-por-usar-dreads/>

Este seria um caso bastante representativo da violência sofrida por mulheres que resolvem assumir uma estética corporal relacionada a uma ideia de “afro”. Trata-se do caso da médica que foi assediada no ambiente de trabalho após ser designada para assumir o posto de clínico geral em uma unidade de saúde na cidade de Santa Helena no Estado do Paraná.

Segundo Thatiane Santos da Silva, médica brasileira formada no exterior – em uma carta para os coordenadores do programa “Mais Médicos” – ao ser chamada para uma reunião com a secretaria municipal de saúde, foi informada de que seu cabelo seria um problema, pois, os pacientes estariam “acostumados com um padrão de médicos” e que ela poderia encontrar dificuldades pelo preconceito que ela poderia sofrer por parte dos mesmos. Além desses comentários, a secretaria ainda questionou o cheiro dos cabelos da profissional.

Posteriormente, a secretária foi afastada do cargo e a prefeitura precisou prestar esclarecimentos ao Ministério da Saúde, sob pena de sofrer sanções no âmbito administrativo do programa “Mais Médicos”. A secretaria de saúde tentou justificar sua atitude afirmando que apenas alertou a médica sobre as possíveis consequências de sua aparência, o prefeito da cidade reiterou a justificativa, e afirmou que a secretaria agiu daquela forma com o intuito de “proteger” a profissional de possíveis manifestações racistas, já que a cidade foi colonizada por alemães e italianos.

Outro caso bastante representativo sobre a forma como pessoas negras acabam caindo em estereótipos negativos ao assumir fisicamente performances ditas como negras está representado a seguir também exposto pelo portal Geledés:

IMAGEM 30 - ENFERMEIRA HUMILHADA APÓS ADOTAR PENTEADO AFRO



FONTE: <https://www.geledes.org.br/apos-adotar-penteado-afro-enfermeira-e-humilhada-por-chefe-durante-reuniao/#gs.CKy5HQk>

Este caso ocorreu em uma empresa de serviço particular de ambulâncias na cidade de São Paulo. Após engravidar, a enfermeira, cujo nome foi preservado,

resolveu abandonar o uso da química e passou a fazer uso de penteado com tranças afro¹³.

Ao adotar o novo penteado foi chamada para uma reunião em que sua chefe afirma que sua imagem não se adequaria a função por ela desempenhada, afirmando também que “as tranças no estilo afro não condiziam com o ambiente corporativo e com a imagem que a empresa queria ter”. Ainda disse que ela estava irreconhecível e que havia se arrependido de tê-la promovido, uma vez que, a mesma teria recentemente assumido um cargo de líder do setor de callcenter da empresa.

Segundo outros funcionários, a enfermeira teria uma postura bastante ética no trabalho, esforçada, organizada e profissional, inclusive, se vestiria com bastante elegância, embora não entrasse em contato direto com clientes e parceiros da empresa. Neste caso a vítima protocolou denúncia contra a diretora executiva por racismo e injúria racismo no 2º DP do Bom Retiro na cidade de São Paulo. O Núcleo de Diversidade Racial da Defensoria Pública do Estado também estria acompanhando as investigações.

Ambas as postagens trazem casos em que a adoção de cabelos “afro” dificultaram a permanência e a ocupação por pessoas negras de espaços considerados privilegiados. Embora os dois exemplos tenham se dado na área da saúde, pode-se afirmar que coisas similares ocorrem em outros espaços, de forma geral em espaços de status ou de visibilidade.

Assim, os alisamentos podem ser vistos como possibilidades de entrada em certos espaços em que os cabelos no estilo “afro” ainda não permitiriam. Vale ressaltar que na mídia e no mundo da moda, embora provavelmente ainda ocorra este tipo de restrição, hoje existe uma maior abertura a essa possibilidade estética, porém, nem sempre escapando aos estereótipos, a ideia de exótico ou risível.

O uso dos cabelos Afro, Dreadlocks, trançados, podem ter consequências sérias na vida prática de mulheres negras, pois, ainda que seja considerado crime que empresas usem o fator étnico como fator de exclusão, ao oferecer vagas de emprego, ou mesmo que isso seja utilizado como critério a ser avaliado na hora de definir quem ganha uma promoção, ainda é muito difícil provar que tais critérios racistas estão

¹³ As chamadas box braids, feitas a partir dos cabelos “naturais” preferencialmente crespos ou cacheados pois estes “segurariam” melhor a extensão das tranças, feitas a partir de cabelos sintéticos.

sendo utilizados, já que nem sempre essas exclusões se dão de forma tão direta ou tão evidente como nos casos aqui apresentados.

Em processos seletivos, por exemplo, em que se fazem entrevistas, os critérios são tão subjetivos que fica difícil afirmar quais foram eles. Dessa forma, muitas mulheres acabam se rendendo as técnicas alisantes para assegurar necessidades básicas, como o emprego, pois, não é incomum que se faça exigências com relação a aparência de candidatos a determinadas vagas de emprego como mostra o *post* a seguir:

IMAGEM 31 - ANÚNCIO DE EMPREGO EXCLUDENTE



FONTE: <https://www.geledes.org.br/vaga-exige-olhos-claros-nariz-fino-e-cabelo-liso/>

A matéria em questão mostra um anúncio de emprego – feito em uma página do Facebook – em que se faz uma série de exigências com relação a aparência da candidata. A vaga é para trabalhar como promotora em um evento, tipo de trabalho em que se costuma explorar bastante a imagem das mulheres.

O post causou bastante revolta entre os estudantes que o acompanhavam sendo excluído posteriormente da página em que foi postado originalmente, que era vinculada a alunos da UNICAMP – lembrando que não se trata de uma página oficial da instituição de ensino – pois, seu conteúdo foi considerado ofensivo para com as mulheres, que se sentiram objetificadas, e racista, pois, as características exigidas excluem completamente pessoas negras, como pode ser observado no *post* original:

IMAGEM 32 - POST COM ANUNCIO DE EMPREGO EXCLUDENTE



FONTE: <https://www.geledes.org.br/vaga-exige-olhos-claros-nariz-fino-e-cabelo-liso/>

Infelizmente não se trata de um caso isolado, mesmo quando a exclusão e discriminação não ocorre de forma tão escrachada como no *post*, o pré-requisito “boa aparência” tem se feito cada vez mais presentes nos anúncios de emprego, e se pensarmos novamente no padrão de exclusão promovido pelo “viés branco” ou mesmo pelo branqueamento, é possível imaginar a partir de que fatores se decide quem tem “boa aparência” e assim, quem pode ocupar determinadas vagas.

Não é sem motivo que os dados da última pesquisa do IBGE apontam que as taxas de desemprego entre pretos e pardos é bastante superior com relação a taxa de desemprego entre pessoas brancas, de acordo com a Revista Época, entre aqueles que se declararam pretos, no quarto trimestre de 2016, a taxa de desemprego foi de 14,4 % e de 14,1% entre aqueles que se declararam pardos, entre os que se declararam brancos a taxa foi de 9,5%.

Mesmo que existam outros fatores, igualmente relacionáveis ao racismo, que coloquem as pessoas negras em uma situação de desvantagem no mercado de trabalho – como o maior índice de analfabetismo entre pessoas negras, por exemplo – ainda se faz necessário refletir sobre o impacto desses critérios de escolha apontados por empregadores.

Após tratar de diferentes olhares sobre a estética corporal, não relacionados ao “viés branco”, retorno aqui a ideia de que possuir corpos negros e fazer determinadas escolhas estéticas tem implicações muito concretas nas vidas de

peessoas negras. Assim, questionar valores estéticos que não contemplam corpos negros se faz necessário – independente das escolhas individuais feitas por pessoas negras – uma vez que essas implicações são fatores desempoderadores, na medida que dificulta a entrada de pessoas negras em determinados espaços, dificultando crescimento econômico, a representatividade de forma não estereotipada e naturalizada na mídia, entre outras coisas.

Questionar esses padrões não deveria, assim, implicar em substituir a “ditadura dos lisos” pela “ditadura dos crespos” – embora existam pessoas com discursos radicais que atribuem menos consciência racial as “alisadas” – mas sim, ser uma ferramenta para assegurar a liberdade de escolhas livres e conscientes e a possibilidades que não sejam condicionantes.

Busca-se com o questionamento criar novas narrativas sobre esses corpos que foram cultural e socialmente colocados em lugares de preterimento. Não se trata de um questionamento das escolhas pessoais, mas sim, dos significados atribuídos a esses corpos, e mais especificamente, a esses cabelos, cuja desvalorização tem cerceado as possibilidades de pessoas negras de uma forma concreta afetando vários âmbitos de suas vidas, profissional, afetiva, etc.

5. SOBRE O POTENCIAL EMPODERADOR DAS REDES SOCIAIS

Após essa longa discussão sobre a forma como os corpos de cabelos são discutidos nas redes sociais, volto a discussão sobre empoderamento, buscando pensar que tipo de empoderamento tem se buscado, e tem se conseguido nesse espaço, com a construção dessas novas narrativas. Vale ressaltar aqui mais alguns aspectos do que se toma por empoderamento para pensar se ele realmente tem ocorrido nos espaços de discussão das redes sociais.

De acordo com Horochovski (2006, p. 22) para que exista empoderamento é necessário que os atores sociais reúnam recursos que lhes permitam de forma efetiva tomar parte nas decisões, nos assuntos que lhes afetam. Também aponta para o fato de que o empoderamento depende dos sujeitos (de modo individual e coletivo) sendo as instituições apenas mediadoras, cujos objetivos seriam facilitar e apontar possibilidades sem nunca simplesmente determinar o que deve ser feito.

Essa ideia de empoderamento também não se trata do fruto de consenso por parte de uma comunidade homogênea, cujos membros teriam os mesmos interesses de forma harmônica, pelo contrário, ele seria fruto de muitas disputas, resultantes de tensões e conflitos na busca por recursos, o que pôde ser observado até aqui, com os diferentes olhares sobre os corpos negros e as formas de utilizá-los (ou não) como bandeira política.

Sobre o primeiro aspecto apontado, se o empoderamento requer uma reunião de recursos para que se possa participar das decisões que afetam a vida de determinados grupos, pode-se primeiramente refletir sobre o tipo de recurso que se busca e se obtém nas páginas do Facebook – uma vez que, não estamos aqui tratando de recursos que possibilitam tomar parte nas decisões políticas, e não necessariamente, levanta recursos econômicos para colocar a população negra em equidade com o restante da população – podendo-se presumir que estamos tratando de um tipo de poder ou recurso de caráter simbólico.

Como nesse trabalho, o racismo vem sendo tratado como fator estruturador das relações étnico raciais no Brasil, me parece possível tratar de um poder simbólico, que construiria narrativas sobre os corpos negros, afinadas com esses ideais hegemonicamente brancos e racistas. Assim, o poder que tem se buscado nos espaços estudados seria o de criar contra- narrativas hegemônicas.

De acordo com Bourdieu (1989, p.11), em uma de suas sínteses do que seria o poder simbólico, seria extremamente reducionista identificar relações de poder a relações de comunicação, aqui confundidas com as narrativas criadas entre grupos que se diferenciam pelo fator étnico racial, esse tipo de poder estaria diretamente relacionado ao poder material. Assim, Bourdieu (1989, p.11) afirma que diferentes classes (o autor trata das relações de poder em termos de luta de classe, o que não ocorre no trabalho em questão embora como já foi apontado, o desempoderamento das pessoas negras pode ter implicações materiais em suas vidas) estariam envolvidas em uma luta simbólica para impor seus pressupostos no mundo social, conforme seus interesses.

Isso explicaria a existência de discursos desumanizadores e destituídos dos corpos negros, que serviram, muito antes do colonialismo, para subjugar pessoas negras e justificar a posição de inferioridade na qual, em diferentes contextos, estas foram colocadas.

Assim, parece justo afirmar que o tipo de poder que está sendo reivindicado e utilizado nas redes sociais estaria relacionado com uma possibilidade de subversão de sistemas simbólicos, que reforçariam as relações de poder estabelecidas a partir das relações étnico raciais no Brasil, em busca do que Peters (2012, p. 232) – ao analisar o trabalho de Bourdieu – chama de “busca pelo reconhecimento coletivo” ou “capital simbólico” o que seria uma meta existencial fundamental através da qual os indivíduos buscam dar sentido a suas existências.

Partindo dessa ideia de que o que estaria em jogo nas redes sociais seria um tipo de poder simbólico, que lhes permitiria subverter os sistemas simbólicos que colocariam seus corpos em condição de inferioridade – levando em consideração a condição de grande desigualdade na qual a população negra ainda se encontra em todos os sentidos – pode-se afirmar que essas novas narrativas sobre o corpo estão sendo construídas, mas elas ainda não são estruturadas e nem estruturadoras das relações étnico raciais no Brasil.

Digo isso, pois, esse tipo de debate muitas vezes é deslegitimado – inclusive e principalmente por pessoas brancas – pela ideia de que exaltar uma estética corporal tida como negra em detrimento das práticas de alisamento ou de tudo que se aproxima de uma estética corporal branca seria trocar uma “ditadura” por outra e não levaria em conta a individualidade das mulheres negras que optam por alisar.

Pois bem, se levarmos ao pé da letra a ideia bourdiesiana (Bourdieu, 1989, p. 12) do que seria o poder simbólico, veremos que se trata de um poder exercido por frações da classe dominante (nesse caso, não se trata de classe, mas sim de grupo étnico racial) que busca impor sua legitimidade através do monopólio da produção simbólica, o que não é o caso das pessoas negras.

Assim, se exercer esse poder implica em ser parte de um grupo dominante, como afirmar que, pessoas negras estariam impondo novas ditaduras ou praticando a falácia do “racismo reverso” se não têm o monopólio da produção simbólica que decide qual estética corporal é válida, qual corpo é humanizado e portador de beleza?

Essa me parece uma questão bastante pertinente, e acredito que, longe de solucionar os conflitos – sejam eles internos ou externos – quando o assunto é questionamento da imposição de padrões hegemônicos por via da estética corporal, penso que o tipo de poder e empoderamento exercido por mulheres negras no espaço virtual não lhes permite inverter lógicas, como muitas vezes são acusadas, mas sim, lhes dá o poder de romper lógicas.

O poder propriamente dito estaria na possibilidade de criar novas narrativas positivas acerca de si e conseguir que outras mulheres a partir de sua narrativa também criem narrativas positivas delas mesmas, e assim, de todo um grupo que possuem características físicas afins, tornando esse empoderamento de caráter coletivo.

Isso muitas vezes ocorre de forma independente ao conteúdo das escolhas estéticas, como se pode observar não apenas no post que exibia “10 mulheres negras de cabelos lisos e empoderadas”, discutido anteriormente, mas também no tipo de interação entre as mulheres, em outras postagens aqui exibidas, que em geral não ditam regras, apenas exprimem suas experiências relacionadas ao abandono da química de forma positiva. Abrir possibilidades não significa tornar regra, embora discursos radicais existam, eles também não são regra de fato.

Um outro aspecto interessante apontado por algumas das seguidoras do *post* citado é o fato de que, mulheres brancas sempre tiveram opções de mudanças estéticas sem sofrer repressão (embora isso também não seja uma regra, mas ainda assim é menos comum ver uma pessoa branca sofrer repressões sérias por usar dreads, black power a afins) mulheres brancas de cabelos cacheados e escuros sempre puderam alisar, colorir de variadas cores, usar ferramentas para cachear sem ser necessariamente criticadas por isso, então porque não atribuir essas mesmas

possibilidades e liberdades as mulheres negras, sem que isso afete a percepção que os outros, e elas mesmas tem de si?

Talvez a liberdade ainda seja um privilégio daqueles que estão étnico racialmente dentro dos padrões de beleza que fazem parte de sistemas simbólicos instituídos por grupos dominantes. Porém, é preciso apontar que estamos passando por um momento em que mais e mais casos mostram que, embora pessoas negras não tenham o poder de ditar regras – apenas de abrir novas possibilidades para si – essas incorporações de padrões, tanto estéticos quanto de performances, não vem sendo tão transversal quanto podemos imaginar, e o as discussões sobre apropriação cultural vem se tornando cada vez mais intensas, mostrando que, tem ocorrido uma disputa pelo monopólio dessas novas possibilidades estéticas tidas como negras. Discutirei um pouco dessas tensões na próxima parte do trabalho.

5.1 UMA DISPUTA SIMBÓLICA PELO MONOPÓLIO DE “NOVOS” SISTEMAS SIMBÓLICOS: O VELHO RACISMO X “A BRANQUIDADE CAPITALISTA TOMBADORA”¹⁴

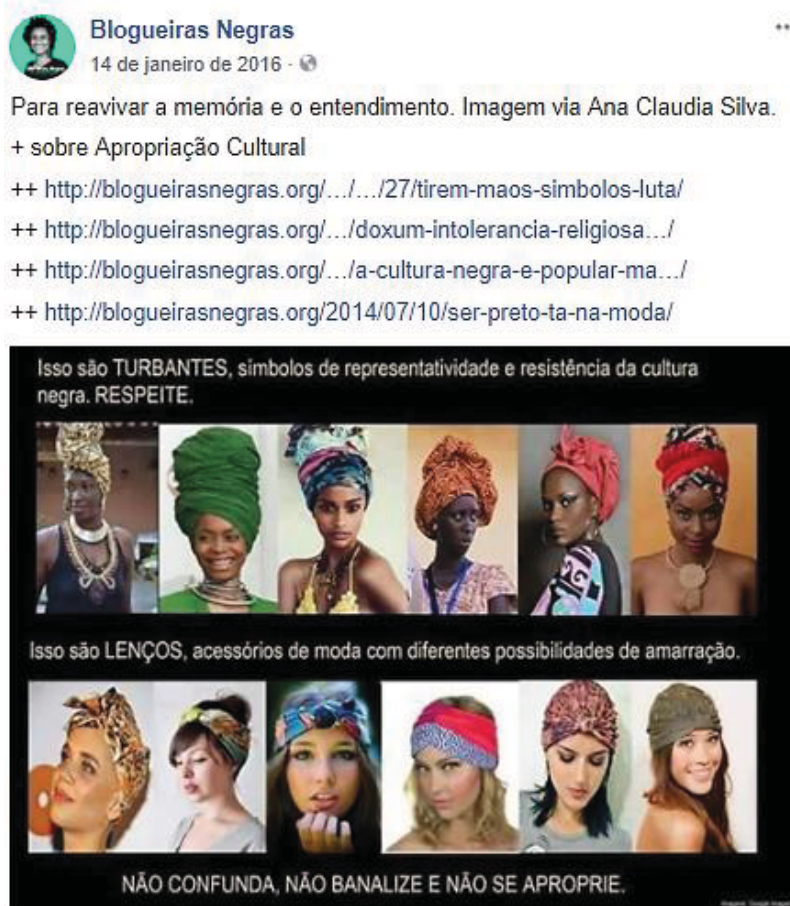
Diante dessa busca das mulheres negras por uma nova narrativa acerca de seus corpos e das possibilidades estéticas atribuídas a eles, para além das situações de exclusão, também surge um súbito interesse, bastante geral, por essas novas possibilidades.

Muitos desses símbolos, atribuídos por pessoas negras como formas de resistência contra uma estética corporal hegemônica, tem sido incorporados, não só o que diz respeito aos cabelos e aos corpos, mas também a performances, como artifícios de moda e de consumo.

Ao que parece, parafraseando um post que vi em algum lugar na internet, mas que infelizmente não registrei: “ser negro virou moda, desde que você não seja negro”. São palavras fortes que evidenciam um conflito que se expressa em todas as discussões sobre a chamada “apropriação cultural” que tem se feito de forma bastante intensa nas páginas observadas, como pode ser identificado nas postagens a seguir retiradas da página “Blogueiras Negras”:

¹⁴ O termo “TOMBAR” trata-se de uma gíria, amplamente utilizada as redes sociais, como um elogio, significa “arrasar”, ser incrível.

IMAGEM 33 - SOBRE O USO DOS TURBANTES E A APROPRIAÇÃO CULTURAL



FONTE: <https://www.facebook.com/blogueirasnegras/photos/a.351861161586762.1073741825.296204403819105/750616508377890/?type=3&theater>

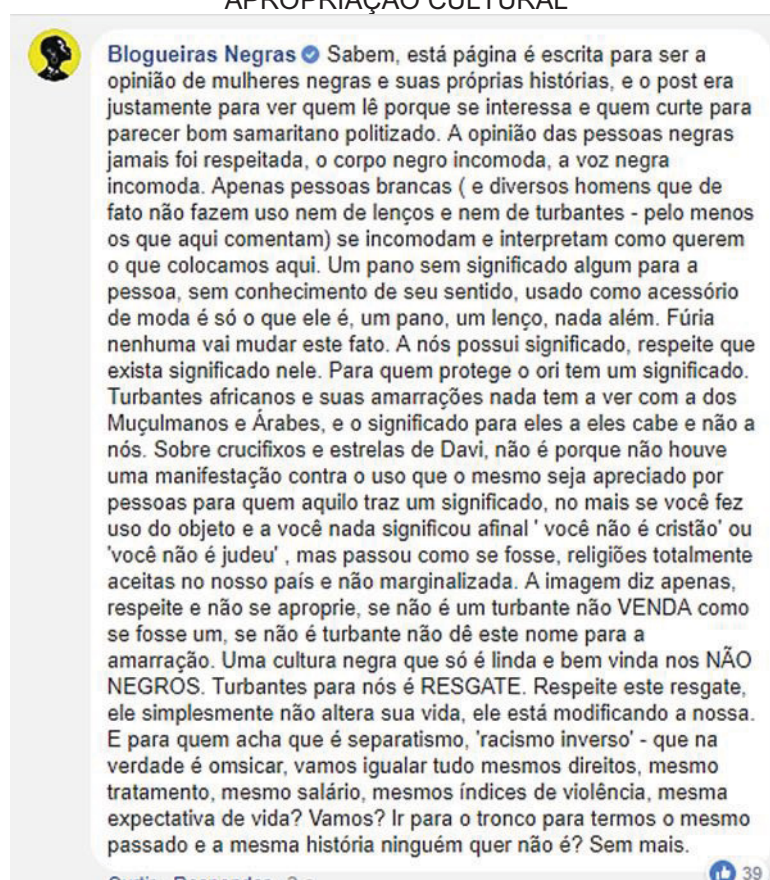
Essa discussão sempre rende acalorados debates, nos comentários referentes ao *post* acima – que teve cerca de 1200 curtidas, 156 comentários e 617 compartilhamentos – havia as mais variadas opiniões, entre pessoas negras e brancas, e uma grande maioria fazendo críticas a ideia de apropriação cultural que, para muitas pessoas, se resumiria a ideia de que brancos não poderiam fazer uso de determinadas vestimentas, adornos ou estilos de cabelos, pois esses seriam parte de um universo cultural visto como negro, o que é um enorme reducionismo.

Em geral usa-se o argumento de que pessoas negras usufruem livremente de “invenções” de pessoas brancas – inclusive, em um dos comentários uma mulher branca diz para as pessoas negras que apoiam a ideia de apropriação cultural desativarem o Facebook, pois o aplicativo seria invenção de um branco – sem que aja incomodo por parte das mesmas, logo, esse tipo de discussão seria “injusta”.

Outros banalizam a discussão, comparando o uso de turbantes ao uso de camisetas de bandas, sem que efetivamente, se conheça a banda que estampa a

camiseta, tratando a questão como algo irrelevante que não teria impactos na vida prática. Outros ainda apelam para uma celebração da diversidade e da boa e velha liberdade individual. Porém, fica evidente que, para as pessoas negras envolvidas na discussão que o debate não se resume a delimitar quem pode utilizar turbantes, estilos de cabelos e roupas “afro”, mas sim, remete a um reconhecimento da história e significado desses símbolos como pode ser evidenciado no comentário de uma das moderadoras da página em questão:

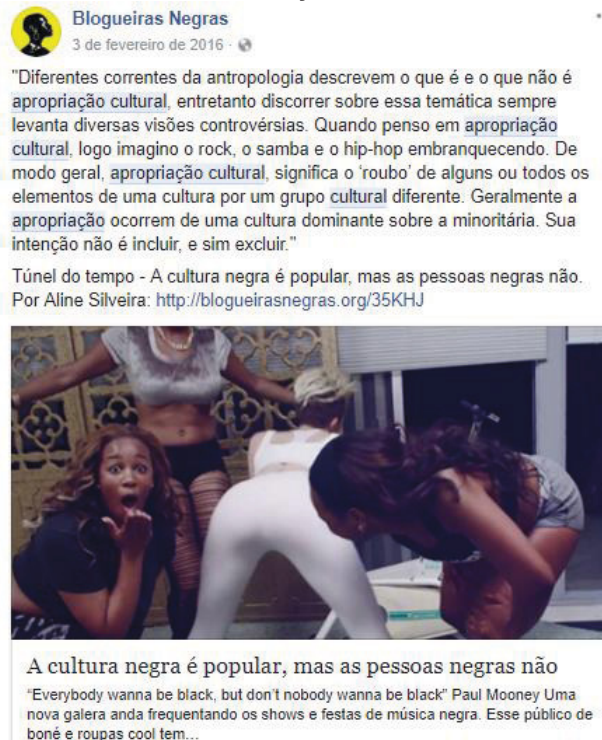
IMAGEM 34 - RESPOSTA DA MODERAÇÃO AS CRITICAS FEITAS A POSTAGEM SOBRE APROPRIAÇÃO CULTURAL



FONTE: <https://www.facebook.com/blogueirasnegras/photos/a.351861161586762.1073741825.296204403819105/750616508377890/?type=3&theater>

O post traz alguns links de textos escritos pelas blogueiras, escritoras e acadêmicas que contribuem com a página e que tratam da temática da apropriação cultural. Vale ressaltar que a intenção aqui é mostrar como a temática tem sido tratada nas páginas, sabendo que a ideia de troca cultural, apropriação entre outros debates que podemos citar aqui – e que já foram amplamente discutidos na antropologia – é bastante complexo e merece mais atenção, mas esse não seria o foco no momento. Segue alguns posts que tratam do assunto:

IMAGEM 35 - APROPRIAÇÃO CULTURAL E MÚSICA



FONTE: <http://blogueirasnegras.org/2015/02/18/a-cultura-negra-e-popular-mas-as-pessoas-negras-nao/>

IMAGEM 36 - SOBRE A IDEIA DE APROPRIAÇÃO CULTURAL



FONTE: <http://blogueirasnegras.org/2014/07/10/ser-preto-ta-na-moda/>

Como pode ser observado, a ideia de apropriação cultural pode dizer respeito a diferentes elementos culturais identificados como negros e criados em diferentes contextos sociais, como o hip-hop, ou o turbante que tem um caráter mais universal,

sendo um elemento utilizado por pessoas negras no continente africano, americano e podendo ser encontrado em qualquer lugar do mundo.

Aline Silveira, estudante de Jornalismo da UFRJ, na matéria escrita para o “Blogueiras Negras” intitulada “A cultura negra é popular, mas as pessoas negras não” a apropriação cultural envolve a incorporação (ou nas palavras da autora, o roubo) de aspectos de uma determinada cultura por outra, em geral partiria de uma cultura dominante sobre outra.

Para ela, o aspecto central da ideia de *apropriação* seria o fato de que, pessoas brancas querem e apreciam consumir cultura negra – a estudante ainda exemplifica isso falando de Elvis Presley, hoje tido como uma das mais importantes figuras no cenário do rock and roll, mas que, na realidade, seria apenas o rosto escolhido para popularizar o ritmo introduzido por Chuck Berry – desde que esses aspectos culturais excluam a participação efetiva de pessoas negras.

Mara Gomes, estudante de psicologia, administradora da página “A mulher negra e o feminismo” também escreveu um artigo para o “Blogueiras Negras” intitulado “Ser preto tá na moda?” em que aponta que o maior problema da apropriação cultural, como qualquer outro mecanismo racista, seria a exclusão das pessoas negras dos espaços, limitando suas formas de expressão, com o propósito de comercializar e facilitar a passagem de determinados elementos pela mídia. Tal elemento exclui e invisibiliza as pessoas negras periféricas, e assim, de forma engenhosa encobre o racismo em forma da popularização, apreciação e transformação desses elementos em moda.

O que pode ser observado nesses posts – e em outros, infelizmente não é possível mencionar todos – é que a grande questão para essas mulheres que se propõem a falar da apropriação cultural, não perpassa a ideia de que pessoas brancas não podem adotar elementos e performances tidos como parte dos símbolos de empoderamento negro. O fato é que, ao apropriar-se desses símbolos, o capitalismo representado pelo mundo da música e da moda, principalmente, acaba por absorvê-los, retirando o elemento negro do foco e da criação desses símbolos. Isso seria extremamente representativo das mazelas do racismo e assim, um fator desempoderador, pois, destitui pessoas negras das novas narrativas e dos elementos utilizados nessas novas narrativas positivas sobre si e sua história.

Esses processos de exclusão de pessoas negras de seus próprios sistemas simbólicos podem ser demonstrados a partir de vários exemplos encontrados nas

páginas em questão. Trago aqui alguns deles que mostram, como determinadas performances e elementos mudam de significado e interpretação a partir de quem faz uso deles, como as formas de qualificar situações se fazem de maneiras diferentes a partir do envolvimento de pessoas brancas ou negras.

Um caso que repercutiu bastante nas redes sociais – e que pode servir como exemplo para demonstrar como as performances repercutem de diferentes formas a partir dos diferentes corpos – é o de uma jovem branca, Mariana Mader de 22 anos, que ao posar para fotos usando tranças box braids, chamou a atenção de quem a observava por sua “beleza” no festival Lollapalooza em Março de 2016, como aponta a matéria do Geledés:

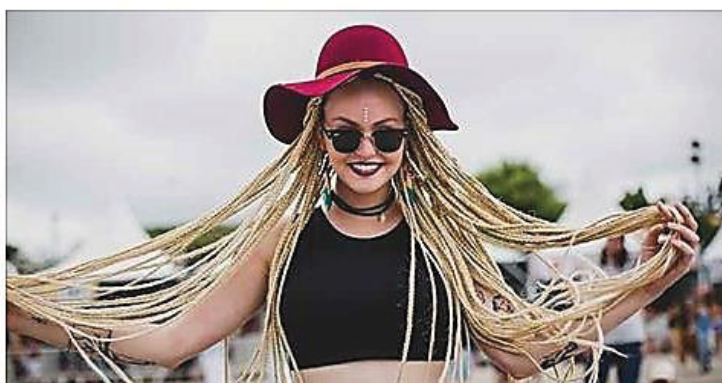
IMAGEM 37 - PESSOAS BRANCAS E PERFORMANCES NEGRAS



Geledés Instituto da Mulher Negra

16 de março de 2016 · 🌐

“Durante o evento, fiz várias fotos para diversos sites, mas não estava esperando tanta repercussão. Eu percebi que ninguém tinha o cabelo igual ao meu e ele chama a atenção.
#geledes #questaracial #mulhernegra



Inspirada em blogueira negra jovem faz tranças e é considerada musa do Lollapalooza - Geledés

FONTE: https://www.facebook.com/pg/geledes/posts/?ref=page_internal

Sua presença no festival foi registrada por vários sites, até mesmo o portal de notícias BuzzFeed – de grande influência e repercussão – a incluiu entre as treze pessoas mais “estilosas” do evento.

A moça afirma, em entrevista dada para o Correio Brasiliense, que percebeu não haver ninguém com cabelos iguais aos dela no evento e que ele chamava muita atenção. Entre outras coisas, explicou como cuidava dos cabelos e como eles eram simples e fáceis de manusear.

Vale ressaltar que, embora houvesse também, entre as pessoas de destaque escolhidas pelo BuzzFeed, pessoas negras com tranças, havia um ranking. A mulher em questão se destacou, não apenas por estar em segundo lugar, como também teve os cabelos especificamente citados como o aspecto que a destacava, como é possível observar na página do BuzzFeed:

IMAGEM 38 - FESTIVAL LOLLAPALOOZA 2016
2. ESTE CABELO.



FONTE: https://www.buzzfeed.com/manuelabarem/13-pessoas-que-atingiram-um-nivel-avancado-em-seus-looks-de?utm_term=.flqMol3AA#.wyj05XZ77

Pessoas negras que também estavam presentes no ranking, encontravam-se no décimo primeiro e décimo terceiro lugar, um deles teve também seus cabelos destacados:

IMAGEM 39 - FESTIVAL LOLLAPALOOZA 2016
11. Esta divindade das tranças coloridas.



FONTE: https://www.buzzfeed.com/manuelabarem/13-pessoas-que-atingiram-um-nivel-avancado-em-seus-looks-de?utm_term=.flqMol3AA#.wyj05XZ77

Em último lugar na lista, aparece uma dupla de mulheres negras de pele mais escura, e cabelos também trançados, porém, na descrição da imagem não aparece uma exaltação aos cabelos e nem mesmo referência a eles como na imagem anterior:

IMAGEM 40 - FESTIVAL LOLLAPALOOZA 2016
13. Esta dupla de divas.



FONTE: https://www.buzzfeed.com/manuelabarem/13-pessoas-que-atingiram-um-nivel-avancado-em-seus-looks-de?utm_term=.uijbgp9DD#.umnWLzgoo

Ao final da matéria postada pelo Geledés a respeito da atenção positiva que Mariana chamou ao usar tranças box braids, aparece a imagem da médica negra que foi vítima de racismo ao comparecer a unidade de saúde em que trabalharia, fazendo uso de dreadlocks, caso mostrado anteriormente nesse trabalho.

Tal menção foi feita, sem que se dissesse nada sobre, apenas a imagem foi colocada ali no fim da página, insinuando ao leitor as diferentes interpretações conferidas socialmente a pessoas negras e brancas fazendo uso dos mesmos símbolos, manipulando os corpos de formas muito semelhantes.

Sugere que na realidade, quando se trata de pessoas negras – especialmente fora do mundo da moda, onde não são tratadas pelo viés da beleza exótica – fazendo uso desse tipo de penteado, elas não são exaltadas pela beleza, podendo muitas vezes sofrer algum tipo de penalidade ou exclusão.

Essas diferentes interpretações e diferentes reações ao uso de determinados recursos estéticos não se restringe apenas a manipulação do corpo. Nos últimos anos houve vários casos polêmicos envolvendo pessoas brancas e negras e o uso e exploração de determinados recursos simbólicos, como o uso de turbantes por exemplo.

Os debates sempre giram em torno não apenas dessa diferente interpretação a partir de quem usa, mas também, da ideia de *apropriação cultural* como pode ser observado nos casos como os registrados nos posts a seguir.

Começarei com o caso da estudante negra Dandara Castro – que sofreu violência em uma festa ao fazer uso de um turbante – expondo um pouco sobre a repercussão e a interpretação dada ao ocorrido, e a forma como foi veiculado por alguns jornais. Em seguida, passo para o caso de Thuane Cordeiro, jovem branca que possui um tipo de câncer e teria sido abordada por jovens negras que, supostamente a questionaram pelo uso do turbante:

IMAGEM 41 - CASO DANDARA



FONTE: <https://www.geledes.org.br/jovem-ativista-e-vitima-de-racismo-e-tem-o-turbante-arrancado-por-um-grupo-de-homens-em-festa-de-formatura/>

Neste post do portal Geledés, expõem-se um caso ocorrido em Abril de 2017, em que a estudante Dandara Castro foi agredida verbalmente e fisicamente por um grupo de homens em uma festa de formatura do curso de Engenharia Civil da Universidade federal de Uberlândia, em Minas Gerais.

De acordo com Dandara, ela teria notado olhares de estranhamento durante toda a festa, mas se manteve tranquila porque muita gente também havia elogiado seu turbante. No fim da festa, quando já se encontrava na área externa do local onde o evento estaria ocorrendo, ela teve seu turbante puxado com força por um homem,

ao qual ela pediu que não a tocassem novamente. Em uma segunda oportunidade o mesmo homem teria arrancado o turbante de sua cabeça e jogado no chão, quando Dandara protestou outros homens se envolveram na agressão, jogando cerveja sobre ela, tudo isso acompanhado de ameaças e xingamentos.

Esse caso repercutiu bastante nas redes sociais, em sua postagem original, na página pessoal do Facebook de Dandara – na qual ela narra o ocorrido pela primeira vez – setenta e uma mil pessoas reagiram ao post, dezessete mil e sessenta e seis pessoas o compartilharam, e cerca de doze mil pessoas fizeram comentários sobre sua postagem. Também poder-se afirmar que o caso foi amplamente comentado nas páginas do Facebook, em especial em páginas que discutem questões étnico raciais como o Geledés, foi divulgado em páginas de jornais de grande influência como a Veja, por exemplo, ou o Extra, e também na página do BuzzFeed.

Ainda assim, pode-se afirmar que, em relação a outro caso de grande repercussão, no qual a protagonista seria uma mulher branca, como veremos a diante, não houve grande comoção e mensagens de apoio de um público mais amplo, que vá além de outras pessoas negras e de uma minoria branca.

Isso pode ser percebido em sua própria postagem, a partir dos comentários, em que – embora a maior parte daqueles que estavam interagindo estivessem a seu favor – havia muitos comentários negativos com relação a postura dela, ao afirmar que o ocorrido teria se tratado de uma manifestação de racismo, tais comentários buscavam, em sua maior parte, retirar o conteúdo racista do fato.

Infelizmente não obtive autorização para reproduzir aqui prints dos comentários que foram feitos na página pessoal de Dandara, mas posso falar dos principais pontos observados nos comentários. Logicamente não consegui ler todos, pois havia cerca de doze mil, porém, falarei de algumas recorrências.

É preciso ressaltar que, os comentários com esse teor não são maioria, que a maior parte deles caracterizavam mensagens de apoio, porém, estes pontos foram aqui explicitados por serem representativos de ideias que apareceram com muita frequência entre os mais de doze mil comentários.

Em primeiro lugar, o que saltou aos olhos foi a quantidade de pessoas insinuando que se tratava de uma fanfic, ou seja, de uma narrativa fictícia. Havia

muitos comentários questionando a veracidade do fato ou mesmo a forma como ele ocorreu.

Em segundo lugar, havia alguns comentários que reduziam a questão a mera inveja da beleza da pessoa agredida, ou a falta de respeito com relação a forma como ela se vestia. Embora os comentários com essa característica fossem de apoio a Dandara, eles acabaram por retirar o caráter racista da atitude dos agressores. Caráter esse que está implícito no fato de que o alvo do incomodo foi o turbante, que está no imaginário social, muito relacionado as religiões de matriz africana, ou seja, a questão foi reduzida e banalizada, relacionada a motivos fúteis e não ao racismo.

Também existiam comentários relacionando o caso de Dandara ao já citado caso de Thuane Cordeiro, uma mulher branca que teria sido questionada por mulheres negras ao fazer uso de turbante, na época sua saúde estava acometida por um tipo de câncer, leucemia, o ocorrido se deu no dia 3 de fevereiro de 2017, em uma estação de metrô em São Paulo.

Alguns comentários lembravam Dandara de não ter dado importância ou de não querer falar sobre o caso de Thuane, acusando-a, assim, de ser incoerente e parcial quando o assunto é racismo, alimentando narrativas que dão aval ao chamado “racismo reverso” o novo mito criado para colocar pessoas negras na situação de opressoras.

Ao narrar sua história nas redes sociais, Thuane recebeu a solidariedade de muitas pessoas, negras e brancas, sua narrativa trouxe à tona com muita força também, debates sobre apropriação cultural, como será apresentado nos posts a seguir.

Além de apelar para o conteúdo das redes sociais, por ter se tratado de um caso que teve muita repercussão – assim como o de Dandara – resolvi expor algum material retirado de páginas de jornais, para que possamos falar da qualidade da repercussão de cada caso:

IMAGEM 42 - RELATO DE THUANE CORDEIRO



FONTE: <https://twitter.com/hashtag/vaiterbrancadeturbantesim>

Infelizmente não consegui ter acesso a postagem original para analisar a repercussão do *post*, pois, aparentemente o perfil de Thuanne foi deletado, porém, de acordo com a página do jornal Gazeta do Povo, seu post teria alcançado cerca de 70 mil curtidas e 22 mil compartilhamentos.

É possível identificar a solidariedade que o caso despertou, assim como as críticas voltadas as pessoas negras que se afirmam a partir desse adereço – isso fica explícito na própria conta do Twitter de onde a imagem do post acima foi retirada – observei vários posts e comentários em que se tratava com ironia a discussão sobre apropriação cultural e se fazia uso da hashtag #vaiterbrancadeturbantesim. Esse recurso, a hashtag, serve para fazer com que indivíduos, com interesses comuns,

criem campanhas e interações nas redes sociais permitindo que várias pessoas acessem o conteúdo relacionado, apenas fazendo uso de palavras chave na ferramenta de busca.

Essa hashtag surgiu em apoio a Thuane, assim como a hashtag #vaitertodosdeturbantesim. Foi possível observar seu alcance não apenas no Twitter como também no Facebook e até mesmo em canais do YouTube onde surgiram vídeos de pessoas expondo suas opiniões sobre o tema, e até mesmo tutoriais criados por pessoas brancas, ensinando a utilizar diferentes amarrações de turbantes e fazendo uso da hashtag em questão.

Outro fato que me chamou muita atenção ao pesquisar sobre os dois casos – o de Dandara e o de Thuane – foi a forma como foram divulgados em uma mesma revista ou jornal digital. No caso de Thuane a ideia de violência sempre aparece de maneira muito afirmativa, mesmo que abrandada por palavras mais leves como “bronca”, “repreensão” e “crítica” como pode ser observado nos títulos das matérias a seguir:

IMAGEM 43 - SOBRE O CASO DE THUANE NO JORNAL ESTADÃO



Fonte: <http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,jovem-com-cancer-que-sofreu-represalia-por-usar-turbante-faz-desabafo,70001662157>

IMAGEM 44 - SOBRE O CASO DE THUANE NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

The screenshot shows the homepage of the Folha de S. Paulo newspaper. At the top, there's a navigation bar with links like 'Login', 'Assine a Folha', 'Atendimento', and 'Arquivo Folha'. The main headline reads 'FOLHA DE S. PAULO' with the tagline 'UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL'. Below this, there's a section for 'FOLHA DIGITAL' with a promotional offer: 'Acesso ilimitado por apenas R\$1,90 no primeiro mês. ASSINE JÁ!'. The main article is titled 'Jovem com câncer é repreendida por usar turbante e desabafa na internet' (Young woman with cancer is reprimanded for wearing a headscarf and vents on the internet). The article is dated 12/02/2017 at 10h47. The text of the article is partially visible, mentioning that the young woman, Thuane Cordeiro, made a post on her Facebook page questioning the 'appropriation of culture' - the adoption of some elements of a culture by a different cultural group. To the right of the article, there are several advertisements, including one for 'AULAS' (Classes) and another for 'EICO' (Eico) with a 65% off discount.

FONTE: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/02/1858068-jovem-com-cancer-e-repreendida-por-usar-turbante-e-desabafa-na-internet.shtml>

IMAGEM 45 - SOBRE O CASO DE THUANE NO JORNAL GAZETA DO POVO

The screenshot shows a news article from the Gazeta do Povo website. The headline is 'Jovem com câncer sofre preconceito por usar turbante em metrô' (Young woman with cancer suffers from prejudice for wearing a headscarf on the subway). Below the headline, there's a sub-headline: 'Situação gerou repercussão nas redes sociais e foi lançada a hashtag #ValeTodosOsTurbantes!m'. The article is dated 14/02/2017 at 14h10. The text of the article is partially visible, mentioning that the young woman, Thuane Cordeiro, was diagnosed with breast cancer and is using a headscarf. To the right of the article, there's a large photograph of Thuane Cordeiro wearing a headscarf and glasses. Below the photograph, there's a caption: 'Thuane Cordeiro foi diagnosticada há cinco meses com leucemia mieloide aguda. - Foto: Reprodução/Facebook'.

FONTE: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jovem-com-cancer-sofre-preconceito-por-usar-turbante-em-metro-0yf3aj0n6ra5hibemj31eebaf>

IMAGEM 46 - SOBRE O CASO DE THUANE NA REVISTA VEJA



FONTE: <https://veja.abril.com.br/brasil/continuo-usando-turbante-diz-jovem-com-cancer-hostilizada-em-sp/>

Vale ressaltar também que, no conteúdo das matérias, não se cogita pensar nos motivos pelos quais pessoas negras reivindicam para si certos símbolos, nelas se narra os fatos, de acordo com a narrativa de Thauane, e se dá bastante ênfase na sua doença e no tratamento que vem fazendo, inclusive psicológico, o que desperta comoção. Mesmo que de forma bastante velada, não se promove discussão imparcial, apelando para o emocional do leitor.

Nesta última matéria, veiculada pela revista Veja, vale uma comparação com a forma como esta veiculou o caso de Dandara, em que se narrou os fatos fazendo uso de frases do tipo: “diz ter sofrido uma agressão por parte de três homens”, “O motivo? Segundo ela, que é negra, tudo começou por causa do turbante dourado que usava durante o do evento”, ou seja, em nenhum momento se afirma nada – diferentemente da forma como o caso de Thauane foi apresentado, em que a violência é colocada de forma muito afirmativa – apenas narra os fatos como se fossem o ponto de vista da pessoa agredida, dando margem para que se coloque em dúvida a veracidade dos fatos, como pode ser observado já no título da matéria:

IMAGEM 47 - CASO DANDARA NA REVISTA VEJA

BRASIL

Jovem negra diz ter sido vítima de agressão racista em formatura

Dandara Tonantzin afirma que três homens brancos retiraram o turbante que usava e jogaram cerveja nela durante festa promovida por formandos da UFU

Por Da Redação

© 25 abr 2017, 08h12 - Publicado em 24 abr 2017, 17h46



A pedagoga Dandara Tonantzin Castro, vítima de agressão em formatura da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) (Facebook/Reprodução)

FONTE: <https://veja.abril.com.br/brasil/jovem-negra-diz-ter-sido-vitima-de-agressao-racista-em-formatura/>

Em contrapartida, pode-se observar, na narrativa sobre o caso de Thuane Cordeiro – já no título – a afirmação de que a jovem com câncer foi hostilizada, e pode-se dizer que o mesmo ocorreu no corpo da matéria, em nenhum momento seu sofrimento ou sua narrativa foi relativizada se fazendo uso de recursos linguísticos.

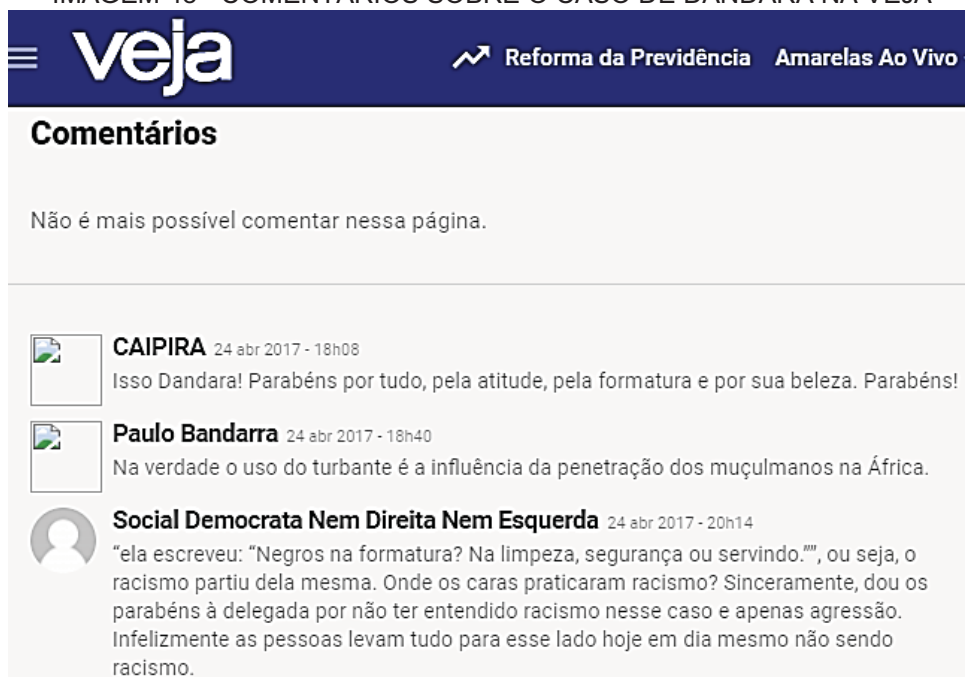
Obviamente que não estou afirmando que todos os jornais e revistas eletrônicos veicularam o caso de Dandara minimizando a possibilidade de ser mais um caso de racismo, pelo contrário, muitos colocaram a palavra racismo já no título da matéria. O que, porém, não significa que isso tenha sido endossado ao longo dos textos – que como já foi dito anteriormente – tiveram como foco a narrativa dos fatos deixando bem evidente que se tratava do ponto de vista da “vítima”, não promovendo nenhum tipo de discussão sobre o porquê do episódio ter possibilidade de ser caracterizado como racismo.

Ou seja, em ambos os casos se destaca o caráter agressivo ou violento dos fatos, porém, em nenhum deles se promove reflexões sobre racismo – embora nos comentários sobre o caso de Thuane, a falácia do racismo reverso tenha aparecido várias vezes – no caso de Dandara ainda se reforça a ideia de que se trata de violência

gratuita quando se expõe o fato de que a própria delegada encarregada de registrar o ocorrido ter se recusado a tratá-lo nos termos de injúria racial, pois de acordo com ela, as palavras utilizadas pelos agressores não atenderiam aos requisitos necessários para esse tipo de acusação. Isso mesmo sendo o turbante – caracterizado como parte do universo simbólico das religiões de matriz africana e sendo a agredida uma mulher negra – a principal motivação para a agressão.

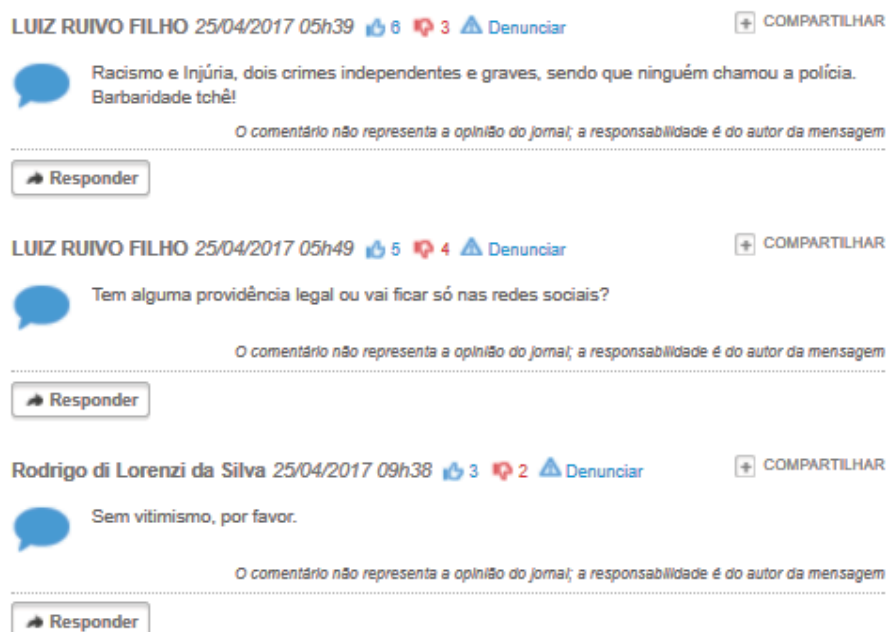
Outro fato que chama a atenção é o conteúdo dos comentários que surgiram em cada caso. Assim como aqueles comentários postados no perfil pessoal de Dandara, levantou-se bastante controvérsia entre aqueles que acompanharam o caso nos jornais, houve novamente, e de forma sutil, questionamento sobre a veracidade dos fatos, acusação de vitimismo e de auto-racismo, entre alguns elogios a postura tomada por ela ao denunciar:

IMAGEM 48 - COMENTÁRIOS SOBRE O CASO DE DANDARA NA VEJA



FONTE: <https://veja.abril.com.br/brasil/jovem-negra-diz-ter-sido-vitima-de-agressao-racista-em-formatura/>

IMAGEM 49 - COMENTÁRIOS SOBRE O CASO DE DANDARA NA REVISTA FOLHA DE SÃO PAULO



FONTE: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1878329-jovem-tem-turbante-arrancado-em-festa-de-formatura-em-minas-gerais.shtml>

Já no caso de Thuane, além das mensagens de apoio ela, também havia críticas ferrenhas a postura das mulheres negras que supostamente a abordaram, além de manifestações racistas explícitas, e até mesmo questionamento das ações afirmativas.

Nota-se que, enquanto no caso envolvendo violência contra pessoa negra a situação de racismo busca ser amenizada, desviando a atenção para a violência sofrida, como se ela tivesse sido gratuita. Já no caso envolvendo uma pessoa branca como vítima de uma intimidação, em alguns comentários, busca-se relacionar o caso a ideia de racismo (ou melhor, o já conhecido “racismo reverso”), a intolerância, e fala-se de liberdade. Tenta-se até fazer uma reflexão sobre liberdade de gênero, coisa que não aparece em nenhum momento nos comentários relacionados ao caso de Dandara, mesmo sendo esta agredida por um grupo de homens. Esse contraponto pode ser observado nos comentários sobre o caso de Thuane presentes nas imagens a seguir:

IMAGEM 50 - COMENTÁRIOS SOBRE O CASO DE THUANE NA VEJA

-  **Feliks** 24 fev 2017 - 20h59
Espero que acabe logo com o uso desse turbante, não por causa dessa discriminação, mas sim porque o cabelo voltou a crescer e a doença foi embora!
-  **Guilherme Arb** 24 fev 2017 - 21h56
É um lixo, um pobre coitado quem insultou essa mulher!
Infeliz!
-  **Vera Silva Silva** 24 fev 2017 - 22h05
É cada absurdo que a gente vê e lê, meu Deus onde vamos parar?
-  **Mauricio Reppetto** 25 fev 2017 - 00h52
E se fossem um árabe ou um indiano, usando o turbante, o que é que a triste intolerante deste episódio iria falar????
-  **Luiz Carlos Toledo** 25 fev 2017 - 02h04
Desde quando turbante é exclusividade de negros? Indianos usam. Árabes do oriente médio são brancos e usam. A África foi colonizada na marra pelos muçulmanos brancos do Oriente Médio e eles impuseram a parte central e norte do continente a sua religião, seus costumes e vestimentas. Portanto, o uso de turbante pelos negros foi imposto pelo colonizador árabe.
-  **Sonia Martins** 25 fev 2017 - 08h37
...então os negros não deveriam usar jeans, afinal quem os criou foi um teuto-americano, ou seja, um branco beeeem branco: Levi Strauss.
-  **afssylvio** 25 fev 2017 - 08h53
Nos tempos que correm é fácil concluir que o brasileiro vai sair dessa crise, se é que vai, mais pobre não só economicamente mas também moralmente. Total falta de empatia e tolerância.
-  **Marcos Passini** 25 fev 2017 - 10h49
Mais racista e noventa de todas é aquela criatura que se esconde e usa a etnia como muleta para se justificar na sociedade.
-  **Mayara Thatiane de Oliveira** 25 fev 2017 - 11h12
Continue mesmo usando o turbante. Não existe uma lei falando que você não pode usar por ser branca. Você é livre o corpo é seu, faça com ele o que você tiver vontade. Não se sinta mal, use o acontecido pra crescer e ter o exemplo de como não se deve ser.
-  **A Castello** 25 fev 2017 - 14h36
Era um bom momento para oferecer uns plátanos para racistas negras asquerosas. Estamos nos tempos do racismo politicamente correto. Se for contra brancos a imprensa vendida e covarde apoia. Cadelas fedorentas.
-  **Maritê** 25 fev 2017 - 22h30
Isso mesmo! Não se diz que a mulher pode ser o que quiser e que a mulher é dona do próprio corpo? Pois então use o que quiser!!
Parabéns!
-  **Mauro** 25 fev 2017 - 22h03
E dizem que o branco é racista...o negro é mais racista que os brancos mas eles podem fazer o que quiser pois não serão indiciados por racismo, mas se um branco o faz é cadeia na hora.
-  **Geraldo Bohessef Bou Assaf** 26 fev 2017 - 09h42
Use sim, pois os negros usurparam o turbante dos persas, que o criou, tanto que a palavra turbante vem de Dulbant em persa, depois os hindus e árabes o adotaram. Os negros ainda viviam pelados nessa época na África, e só conheceram o turbante quando os árabes do Norte da África, invadiram a África negra, portanto vo não usurpou o turbante deles, eles usurparam o turbante dos persas.

FONTE: <https://veja.abril.com.br/brasil/continuo-usando-turbante-diz-jovem-com-cancer-hostilizada-em-sp/>

IMAGEM 51 - COMENTÁRIOS SOBRE O CASO DE THUANE NA GAZETA DO POVO



Alysson Augusto ± 10 meses

Eu fui além desse texto e convidei todos os interessados em informação relevante sobre o assunto a assistirem, pelo link:
<http://youtu.be/wjAnM1U3r5o>



0



RESPONDER



COMPARTILHAR



DENUNCIAR



tt1000 ± 11 meses

os afroctistas não são tão vítimas como pintam. todos somos iguais, até no preconceito. quero minha cota!



1



RESPONDER



COMPARTILHAR



DENUNCIAR



★ Luciane Sugawara ± 11 meses

So pra constar essa foto foi tirada dentro de um vagão do metrô de SP, não é Curitiba!!!



0



RESPONDER



COMPARTILHAR



DENUNCIAR

4 Respostas ▼



★ Alvaro ± 11 meses

E essa mulher negra falando em brasileiro para a moça de turbante: ela se apropriou culturalmente da nossa língua ou não?



0



RESPONDER



COMPARTILHAR



DENUNCIAR

FONTE: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jovem-com-cancer-sofre-preconceito-por-usar-turbante-em-metro-0yf3aj0n6ra5hibemj31eebaf>

Dessa forma é possível perceber que, corpos e performances são aspectos complementares de uma realidade em que, as performances negras são livremente incorporadas, seja por ditames de moda – ou outros fatores, como no caso de Thuane – sem que se haja comentários negativos advindos de outras pessoas brancas.

Pelo contrário, busca-se justificar tais incorporações, utilizando o discurso da diversidade e da liberdade. Esses fatores que não são exaltados no momento em que pessoas negras buscam auto afirmar-se por meio de símbolos e performances ou mesmo quando estão ocupando lugares que são hegemonicamente brancos – o que em geral causa incomôdo – lugares fora do estereótipos que acompanham o ser pessoa negra, lugares estes que seriam de subserviência.

Assim, após todos esses casos aqui expostos, pode-se perceber que, quando mulheres negras tratam da questão da apropriação cultural, de sua maneira, não está em jogo quem pode ou não fazer uso de turbantes ou de roupas e estilos de cabelos específicos.

A discussão sempre se volta para dois aspectos que dizem respeito ou a questão do reconhecimento das possíveis origens negras de aspectos que se

popularizaram e viraram moda, ou para o questionamento dessas diferentes conotações que certos aspectos possuem quando utilizados por pessoas brancas ou negras, e a forma como determinadas escolhas estéticas podem interferir de forma muito severa e negativa na vida das últimas.

Obviamente que é preciso enfatizar que, eventualmente pessoas brancas podem ter perdas ao fazer escolhas estéticas que as relacionem a pessoas negras, mas é preciso lembrar que é justamente essa relação, com aquilo que os aproxima de pessoas negras, que leva a escolha a ser estigmatizada, é a aproximação com o elemento negro que o torna estigmatizável.

Foi possível perceber ao longo desse trabalho que, a ideia de beleza negra, estética negra e símbolos propriamente negros que surgem com o intuito de promover empoderamento vêm passando não apenas por um processo de criação e fortalecimento nesses espaços de discussão, como também por um processo de territorialização pautado nos corpos.

As disputas aí presentes não envolvem apenas a subversão de padrões de beleza hegemônicos, elas também envolvem a criação ou popularização (entre pessoas negras) de símbolos que funcionam como ferramentas para o empoderamento, traduzido aqui como o poder de construir suas próprias narrativas sobre os corpos e performances, também envolve a decisão ou a negociação sobre quais símbolos serão válidos na busca do empoderamento mas também envolve tensões entre brancos e negros para que estes se mantenham como protagonistas dentro desse universo simbólico criado com o intuito de empoderar.

Não estou aqui defendendo, necessariamente, a ideia de apropriação cultural tal como ela é elaborada nas páginas do Facebook, acredito – como já afirmei anteriormente – que é uma questão mais complexa que merece mais atenção, não se resumindo apenas a quem detém determinado aspecto cultural e quem não o detém de forma legítima, uma vez que é muito difícil falar em legitimidade, origem e essencialismos culturais quando se leva em consideração que as diferenças culturais se constituem a partir de relações constantes e complexas entre diferentes grupos.

Esse debate sobre trocas culturais e apropriação pode ser pensado a partir de três eixos distintos, sendo um deles a ideia de que a cultura é necessariamente apropriação, uma vez que todas as culturas existentes incorporam aspectos e práticas

culturais de outras. Outra forma de pensar a apropriação está fortemente relacionado ao consumo e ao capitalismo que incorpora a símbolos tidos como étnicos o status de mercadoria e existe uma terceira forma – que melhor se aproxima dos debates promovidos por militantes no ambiente virtual – que está fortemente ligada as relações de poder entre culturas hegemônicas e não- hegemônicas.

Como aponta Wolf (2003, p. 297) ao questionar o conceito clássico de cultura, as sociedades e culturas não devem ser entendidas como um todo integrado, como algo que é dado, mas sim como algo que está sendo construído, desconstruído e reconstruído sob o impacto de múltiplos processos ecológicos, político-econômicos e ideológicos, que se dão em amplos campos da ação social e conexões culturais. Ou seja, as “culturas” não apenas não são fixas como se constituem sempre em uma contínua relação entre partes diferentes, entre estruturas localizadas com uma estrutura maior. Embora tal ideia pareça batida, Wolf (2003, p. 293) evidencia que durante muito tempo nos estudos antropológicos, mesmo que de forma implícita, havia uma certa condescendência com a ideia de uma coerência interna as culturas, da cultura como posse integral de um povo que de certa forma seria limitado por ela.

Ao adotar tal perspectiva, de que as culturas são constituídas a partir do relacional, e logo, nem de longe seriam fixas, e assim, estariam em constante processo de mudança e troca estabelecidas por conexões culturais, fica bastante difícil acatar essa ideia de “posse” ou legitimidade de determinados elementos, que seriam essencialmente característicos de determinado grupo.

Ao pensar tanto a multiplicação de estados-nação quanto a emergência de grupos étnicos – tão contrários ao que se esperava no mundo moderno – Wolf (2001, p. 185) afirma que a expansão da cidadania trouxe consigo para a esfera pública entidades sociais e culturais que se definiriam por meio de reivindicações de ancestralidade para a marcação de trajetórias distintas. Assim, parte das reivindicações de autonomia seriam advindas do parentesco, não baseadas genealogicamente, mas sim, em um parentesco estipulado que daria origem ao estabelecimento do que Benedict Anderson (1983) chamou de “comunidades imaginadas”, ligadas em parte por transferência biológica e em partes pelo legado cultural valorizado e apreendido.

Para Wolf (2001, p.186) essas ideias requerem análise, uma vez que, tais ideologias dariam um tom de naturalização das diferenças, estando a serviço de reivindicações de exclusividade, prioridade, monopólio e precedência, não levando em consideração o fato de que tais grupos, que reivindicam identidades por via da descendência sempre estiveram em contato com outros grupos étnicos, que se misturam e se fundem com outros tanto do ponto de vista biológico quanto cultural e assim, conseqüentemente, mudam.

É preciso enfatizar que ao tratar da não fixidez e do não essencialismo cultural a partir das ideias de Wolf, não pretendo simplesmente tratar as narrativas que sustentam as ideias de pertencimento e monopólio de símbolos culturais como mera ficção ou imaginação, embora também não concorde com essa perspectiva essencialista que permeia as discussões sobre a apropriação cultural, pois, acredito que mais importante do que reivindicar uma possível origem de determinado símbolo, é questionar as diferentes significações que tais símbolos recebem, de acordo com quem se apropria, uma vez que – como busquei demonstrar ao longo desse trabalho – determinados símbolos ganham conotação negativa ao serem utilizados por pessoas negras, ao passo que, quando incorporados por pessoas brancas por via do mundo da moda, ganham outra conotação, ou minimamente, nem sempre tem as mesmas implicações na vida prática.

O que me interessa, especialmente, no trabalho de Wolf (2001, p. 190) é a ênfase dada por ele na influência que os contextos históricos e políticos tem no reforço a etnicidade. Para ele, mais importante do que o conteúdo do que ele chama de “ideologia”, criada por diferentes grupos para afirmar suas diferenças, é como a tradição é frequentemente inventada e reinventada como resposta a diferentes situações, como a cultura se faz a partir de diferentes processos de organização e comunicação que estão diretamente relacionados ao contexto, com diferentes contradições, oposições e interesses ((Fox 1985: 197 apud Wolf 2001, p.190).

Wolf (2003, p. 301) afirma que o exercício do poder depende de pressupostos sobre quem pode tomar de quem, e essa distinção é atribuída simbolicamente, assim como a forma como as partes envolvidas estão vinculadas. Ao pensar a forma como as elites se apropriam do poder, o autor afirma que é comum que ele seja reivindicado a partir de prerrogativas especiais, baseadas em atributos imaginários, como “sangue azul” ou descendência dos deuses. Afirma ainda que, nesses corpos de significados

são projetadas as contradições subjacentes, aquelas presentes nas relações sociais, logo, o pensamento simbólico substituiria, de certa forma, as contradições presentes no “mundo real”.

No que Wolf (2003, p. 302) chama de mundo tributário, as relações de poder governariam o mundo real, enquanto hierarquias seriam estruturadas no mundo simbólico. Não obstante, afirma que nenhum tipo de governo é totalmente dominante, logo, paralelamente a eles surgem modelos e visões alternativas que, por sua vez, acabam funcionando dentro do mesmo modelo contra o qual reagem. Toda e qualquer ideologia operante, acaba por desviar sua preocupação central do que o autor chama de nexo do poder para questões relacionadas a justiça, legitimidade e “correção” do pensamento e comportamentos humanos.

Dessa forma o conteúdo que vem surgindo com a contestação da chamada “apropriação cultural” pelas pessoas negras seguiria uma lógica bastante plausível dentro de um sistema, que privilegia a branquidade, e que sempre se sustentou através de ideologias que buscavam justificar a inferioridade racial das pessoas negras e destitui-las tanto materialmente quanto simbolicamente, para com isso, legitimar as situações de subjugação dos mesmos. Acredito que, embora não se possa reivindicar monopólio de determinados aspectos culturais, essa discussão não se faz desnecessária ou sem sentido, pois, novamente, apelo para a compreensão da realidade etnicorracial brasileira e das condições histórico sociais em que essa realidade vem sendo discutida.

Novamente, afirmo que, se nos últimos anos tivemos algumas conquistas em termos de cidadania e direitos, com a implantação do sistema de cotas que busca equiparar as oportunidades de acesso tanto a educação quanto a cargos públicos entre pessoas brancas e negras, ainda há uma grande necessidade de se assegurar, um outro tipo de empoderamento, do ponto de vista simbólico, uma vez que, todo tipo de poder necessita da criação de ideologias e de um universo simbólico que o sustente e o justifique.

É nesse sentido que podemos compreender porque tantas reivindicações de legitimidade advindos de monopólios culturais e da descendência e ancestralidade, pois, não basta apenas assegurar que as instituições políticas e sociais garantam a equiparação social e com isso a igualdade, é preciso criar discursos empoderadores,

tanto de posse quanto para criar distinções e com isso, justificar e assegurar os novos lugares de empoderamento que vem sendo conseguidos as custas de muito conflito com ideologias de cunho racista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que impulsionou a escrita desse trabalho, desde o início foi apontar – fazendo uso de aparato teórico – para as páginas do Facebook como facilitadoras, como ferramentas para um tipo de empoderamento que não se pode conseguir intitucionalmente. Nos últimos tempos tenho acompanhado críticas de pessoas negras e brancas sobre a necessidade de se falar da valorização dos corpos negros e de uma estética corporal negra uma vez que haveriam pautas mais urgentes, e com implicações vistas como mais sérias, como o genocídio da juventude negra, por exemplo.

Embora realmente seja de extrema importância falar sim de um empoderamento que se dá a nível institucional, no qual a militância tem feito valer suas vozes e seus direitos políticos ao participar e pressionar tomadas de decisão para alterar a realidade desigual da população negra no Brasil – como a implantação das cotas na educação ou mesmo a criação de leis mais rígidas contra o racismo – ainda assim, é preciso ressaltar que questionar as narrativas construídas em torno dos corpos negros se confunde com o questionamento do próprio racismo.

Isso porque, as justificativas para a subjugação das pessoas negras no contexto brasileiro, como foi apontado nesse trabalho, sempre estiveram atreladas a seus corpos, o racismo sempre se pautou em características físicas ou psicológicas utilizadas para desqualificar as pessoas negras, como aponta Pinho (2005, p. 67) – ao tratar da identidade do homem negro e questionar a forma como ele é representado, como um corpo (e apenas como um corpo) – o corpo seria um suporte ativo na construção da identidade, seria um campo de batalha para uma reapropriação de si e do seu lugar na história. Porém, esses corpos seriam suportes de caráter contraditório uma vez que os corpos negros se constituem historicamente como corpos para o outro, corpos para o trabalho, corpos sexualizados. Ser negro passa a se confundir com o corpo negro a partir da máxima do racismo.

Talvez venha daí a necessidade de se estabelecer esse tipo de questionamento e a importância das discussões que vem surgindo nas páginas do Facebook, construir narrativas próprias sobre seus corpos implica pensar em um corpo para si não mais com o viés do “corpo para a fruição de um outro” hegemônico, é também pensar na

própria subjetividade (e fazê-lo de forma intersubjetiva) e como ela é afetada na relação com esse corpo e na relação desse corpo com outros corpos.

Afinal pessoas negras não são apenas corpos, como ideologias racistas sempre pregaram, enfim, é tomar novamente as rédeas daquilo que se é e da forma como se é representado, assim, questionar padrões estéticos e representações negativas e estereotipadas, pode não acabar com as desigualdades e nem com o racismo, mas permite que se crie ferramentas para questionar suas bases, e isso é algo muito significativo, uma vez que, como já foi afirmado aqui anteriormente o empoderamento se dá em vários níveis, e, de nada adianta empoderar-se economicamente e politicamente se não nos sentirmos aptos a possuir esse tipo de poder. Dessa forma, se faz necessário questionar, antes de tudo as narrativas sobre o ser pessoa negra sobre o possuir um corpo negro, construídas pelo racismo.

O grande desafio do empoderamento criado nesses espaços não é apenas possibilitar meios de que pessoas negras criem suas próprias narrativas sobre si, mas também que elas continuem protagonistas dessas narrativas positivas, sendo o tipo de discussão e reflexão que surge nesses espaços, ferramentas de suma importância para que esse tipo de debate venha à tona e seja socializado. Para que essas narrativas criadas por pessoas negras e para pessoas negras, não acabem sendo esvaziadas pelas mazelas do capitalismo e nem pela ideia de fluidez e diversidade que as culturas carregam, uma vez que, como pode ser observado no debate sobre apropriação cultural, o que importa não é necessariamente determinar quem pode e quem não pode fazer uso de certos atributos culturais ou a quem eles realmente pertencem. O que realmente importa seria o significado que esses atributos culturais recebem a partir de quem os usa, é a carga simbólica negativa que recebem a partir de sua apropriação como ferramenta de empoderamento negro.

É preciso ressaltar também, que, se o que está em jogo é a ocupação de lugares de poder, tanto quando se cria narrativas positivas sobre os corpos e performances negras ou quando encaramos os debates sobre apropriação cultural como uma forma de assegurar esse empoderamento via o discurso da legitimidade, da posse, e da autenticidade – o que tem criado muitas tensões entre pessoas brancas e negras na internet – me parecem estratégias bastante válidas, mediante um contexto histórico e cultural no qual a hegemonia da branquidade sempre se pautou e sempre recorreu a criação de discursos ideológicos para manter seu lugar na

hierarquia racial existente. Ou seja, não haverá mudança significativa na estrutura social enquanto não houver mudanças no universo simbólico que sustenta as hierarquias, logo, é compreensível que grupos oprimidos busquem criar bases simbólicas para ocupar e manter posições empoderadas, mesmo quando suas narrativas pareçam, para quem não está pensando seriamente os impactos do racismo, fictícias.

Embora este trabalho ainda possua muitas lacunas e, muitos dos aspectos que marcam as discussões sobre o corpo na internet não tenham sido evidenciados aqui – pois não é possível “abraçar o mundo” – acredito que se trata de um bom começo para pensar esses espaços como bons para o questionamento do racismo assim como para a socialização de discussões que talvez, a algum tempo atrás só estivessem em meios acadêmicos e/ou militantes, pois, trata-se de um espaço com grande poder de disseminar ideias, de formar opiniões tanto quanto a televisão e outras mídias.

Podemos tomar como exemplo, para pensar o grande alcance das redes sociais, o papel primordial das mesmas durante o período que antecedeu as eleições presidenciais do ano de 2018. A circulação, de uma verdadeira “enxurrada”, das chamadas Fake News, notícias falsas, contribuiu fortemente na decisão dos rumos do processo eleitoral. As polêmicas envolvendo a enganosa distribuição dos chamados “kits gay” nas escolas seria bastante representativo de tudo isso, uma vez que foi um dos fatores determinantes para que uma grande parte da população brasileira, que se diz conservadora decidisse seu voto, assim como a criminalização de pensamentos de esquerda, dos movimentos sociais e de questionamentos relacionados a questões de gênero.

Somente no site do jornal Gazeta do Povo¹⁵ – jornal que fez parte do chamado “Comprova” – uma coalizão de 24 veículos de mídia que se uniram para comprovar a veracidade de notícias que estavam circulando nas redes sociais, apontou a existência de mais de 120 notícias falsas compartilhadas nesses espaços virtuais,

¹⁵ Resultados das averiguações de notícias presentes nos seguintes links:

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/eleicao-das-fake-news-mentiras-que-te-contaram-e-os-impactos-na-campanha/>

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/fake-news/>

<https://projetocomprova.com.br/>

notícias que comprometiam de forma negativa a campanha de todos os candidatos e partidos.

Outra questão envolvendo as eleições presidenciais que representaria essa força das redes sociais para a disseminação de ideias, seria o aumento de índices de violência no país – violência física e simbólica – que atingiu principalmente, pessoas pobres, pessoas não hetero, pessoas negras, nordestinas e refugiadas.

O site #VítimasDaIntolerância¹⁶, que mapeou casos de violência relacionados a intolerância no período das eleições – desde 15 de Agosto, data limite para se oficializar candidaturas, até o momento atual – de forma apartidária, registrou um aumento dos índices de agressões motivadas por intolerância política no contexto eleitoral, apontando cerca de 88 casos desde o período considerado, entre agressões de caráter físico e verbal, homicídios, vandalismo, estupros, ameaças, confusões e vandalismo. Boa parte desses crimes, estão relacionados a homofobia, agressões contra mulheres, xenofobia, neonazismo e racismo, lembrando que podem haver muitos outros casos, já que o site só relata casos que tiveram alguma repercussão em mídias locais ou nacionais.

Vídeos contendo falas de cunho racista, machista, misógina, homofóbica e xenofóbica, que circularam pelas redes nos últimos meses, podem ter contribuído para essa inusitada postura por parte do povo brasileiro – digo inusitada, pois, afinal, estamos no país do mito da democracia racial e da convivência harmônica com a diversidade – que passou a externalizar, de forma bastante confortável, seus preconceitos, ou seja, o brasileiro precisava apenas de autorização, um momento de legitimação, para trazer à tona os valores divergentes que regem as relações étnico raciais no país.

Tendo em vista o quão impactante as redes tem demonstrado ser, a partir desse mudança do comportamento comum ao brasileiro – que é o de velar o quanto pode os preconceitos – comportamento esse consolidado e reforçado pelo mito da democracia racial, acredito também em seu potencial transformador, de uma forma positiva, como espaço empoderador, capaz de promover mudanças reais em

¹⁶ Dados sobre violência relacionada a intolerância política:

<https://www.vitimasdaintolerancia.org/>

[https://docs.google.com/spreadsheets/d/e/2PACX-](https://docs.google.com/spreadsheets/d/e/2PACX-1vRGwxAMbJaNKzp0gmzeUWUIYbFnFNFKfJ0bIGbm6mdfp57_70kfENA7vd8AnlgCia8Ups8o_GjPO7j0/pubhtml)

[1vRGwxAMbJaNKzp0gmzeUWUIYbFnFNFKfJ0bIGbm6mdfp57_70kfENA7vd8AnlgCia8Ups8o_GjPO7j0/pubhtml](https://docs.google.com/spreadsheets/d/e/2PACX-1vRGwxAMbJaNKzp0gmzeUWUIYbFnFNFKfJ0bIGbm6mdfp57_70kfENA7vd8AnlgCia8Ups8o_GjPO7j0/pubhtml)

instâncias as quais instituições políticas ainda não alcançam, e as instituições sociais ainda o fazem de forma incompleta, como é o caso das escolas, que mesmo com a lei 10.639 muitas vezes tratam o estudo das relações raciais como um apêndice, algo que deve ser tratado apenas no mês da consciência negra como um conhecimento acessório. Dada a popularidade do Facebook e o nível de discussão que tem se dado nesse espaço, acredito que tem um forte potencial de acelerar e popularizar as discussões, levando a reflexões e, talvez, até mesmo a mudanças sociais significativas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Estudos Feministas**, p. 989-985 Florianópolis setembro-dezembro/2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16>

102 milhões de brasileiros compartilham seus momentos no Facebook todos os meses.<www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>. Acesso em: 21/ dez. 2016.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: Instrumento de emancipação social? – Uma Discussão Conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012. 173.

Black Power de verdade! Blog “Sentimento Pleno”, disponível em: <<http://sentimentopleno.blogspot.com.br/2013/06/black-power-de-verdade.html>> Acesso em 01/09/2017.

Blogueiras Negras. <<http://blogueirasnegras.org/quem-somos>> primeiro acesso em: 22 dez. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Editora Bertrand Brasil S.A. Coleção Memória e Sociedade. Rio de Janeiro, 1989.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. Mediações – **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.

(_____.). Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. **Estudos afro-asiáticos** [online]. 2002, vol.24, n.3, pp.563-600.

DÖRING, N. Personal Home Pages on the Web: A Review of Research. **Journal of Computer- Mediated Communication**, n. 7, vol.3, 2002. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol7/issue3/doering.html>>. Acesso em: jan. 2017.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Editora Vozes, 10ª edição. Petrópolis, 2002

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. Editora Autentica, 2ª edição. Belo Horizonte, 2008.

(_____.) Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, Nº 21, Set/Out/Nov/Dez 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>> Acesso: Agosto 2018.

HAUFBAUER, Andreas. Ideologia do branqueamento: Racismo à brasileira in Atas do VI Congresso Luso-brasileiro de Ciências Sociais. Porto, 2000.

HIRATA, Helena. Tempo Social, **Revista de sociologia da USP**, v. 26, n. 1

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi. **Empoderamento**: Definições e aplicações.

HINE, Cristine. Etnografía Virtual. Barcelona: Editorial UOC. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. 2004.

HUNTER, Margaret. The Persistent Problem of Colorism: Skin Tone, Status, and Inequality. *Sociology Compass*. Blackwell Publishing Ltd, 2007. p. 237-254.

IBGE: Desemprego é de 14,4% entre negros; 14,1% entre pardos; 9,5% entre brancos. **Revista Época**. 23/02/2017 <http://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2017/02/epoca-negocios-ibge-desemprego-e-de-144-entre-negros-141-entre-pardos-95-entre-brancos.html> Acesso: 23 dez. 2017.

Jovem com câncer sofre preconceito por usar turbante em metrô. **Jornal Gazetado Povo**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jovem-com-cancer-sofre-preconceito-por-usar-turbante-em-metro-0yf3aj0n6ra5hibemj31eebaf>>. Acesso: 24 dez. 2017.

SKIDMORE, Thomas E. Fato e Mito: Descobrimos um problema racial no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 79, nov./1991, pp. 5-16.

MAIA, Camila Pereira ; JARDIM, Roberto. Sexo e as negas: Empoderamento ou reforço dos estereótipos das mulheres negras na mídia. **Revista Cadernos de Gênero e diversidade**, vol 02, N. 01 - Jan. - Jul., 2016. Disponível em :<https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>

MERCER, Kobena. Black Hair/ Styles Politics. *New Formations* (winter, 1987) p.33-54.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografía on e off-line: Cibercafés em Trinidad. **Horizontes antropológicos**, v. 10, n. 21, p. 41-65, jun. 2004.

HARRIS, Angela P. From Color Line to Color Chart: Racism and Colorism in the New Century. *10 Berkeley J. Afr.-Am. L. & Pol'y* 52 (2008). Available at: <<http://scholarship.law.berkeley.edu/bjalp/vol10/iss1/3>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 19, n.1, p. 287-308, Novembro 2006.

POLIANOV, Beatriz. Etnografía virtual, netnografía ou apenas etnografía? Implicações dos conceitos. **Revista Esferas**, ano 2, no 3, julho a dezembro de 2013, p. 61 - 71.

PETERS, Gabriel. O social entre o céu e o inferno. **Revista tempo social**, v. 24 n.1, 2012, p. 229-261.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro?

RECUERO, Raquel. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo. **Ecompos**, Internet, v. 4, n. Dez 2005, 2005.

PUTNAM, Robert. Social Capital: Measurement and Consequences. Isuma: **Canadian Journal of Policy Research** [Internet]. 2001;2 (Spring 2001) 41-51

RAPPAPORT, Julian. Empowerment meets narrative: listening to stories and creating settings. **American Journal of Community Psychology**, v. 23, n. 5, 1995.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Ciberultura).

SCHWARCZ, Lilian Moritz. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. *História, Ciências, Saúde*. v.18, n.1, jan.-mar, Manguinhos, Rio de Janeiro, 2011, p.225-242.

SEYFERTH, Giralda. Imigração, Colonização e Identidade Étnica. (notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem européia no sul do Brasil). *Revista de Antropologia*. V. 29. São Paulo: USP. 1986.

WILSON, M Samuel PETERSON, Leighton C. The anthropology of online communities. **Annual Reviews Anthropology**. 2002. 31:449–67.

WOLF, Eric. Cultura: Panaceia ou problema? In: FELDMAN-BIANCO, Bela, RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs). *Antropologia e Poder: Contribuições de Eric Wolf*. Editora da UNB/UNICAMP/INESP, 2003.

WOLF, Eric. *Pathways of power: Building na anthropology of the modern word*. University of California Press. Berkeley/Los Angeles/London, 2001.

